O JORNAL DE MARIO FILHO
RIO, 6ª-FEIRA, 4/8/1967 — NCr$ 0,20
ANO XXXVI N.º 11.934

Jornal dos Sports

Ondino lança Del Vechio

Brasil decide no basquete

Fla fica mesmo com 4-3-3

Tempo bom, passando a instável no fim do período, e temperatura em elevação, declinando após, são as previsões do SM para hoje.

Fla e Flu buscam a reabilitação

Manga renova e garante posição

(P. 3)

— *Flamengo e Fluminense jogam hoje à noite no Estádio Mário Filho, na abertura da quarta rodada da Taça Guanabara, ambos em busca de sua primeira vitória no certame.*

— *Altair não melhorou da pancada que levou na coxa esquerda, tendo inclusive que apelar para o auxílio da bengala para poder andar, e será o desfalque do Fluminense. Em sua vaga Gonzalez lançará Silveira.*

— *Nelsinho, Amorim e Rodrigues Neto formarão o meio-campo do Flamengo, escalado em 4-3-3 por Modesto Bria.*

Jaime mostrou no treino de ontem estar ainda sem condições de jôgo

Cabralzinho foi bem no treino e garantiu sua escalação

Zé Carlos fica sem contrato e muda esquema do Vasco

O América treinou sem problemas para o jôgo de amanhã, contra o Bangu

América sem Almir e Eduardo

Pág. 5

Leia noticiário completo sôbre os V Jogos Pan-Americanos, em Winnipeg, na página 7.

MÉDICO TRATA MOLEZA DE ADEMAR

VASCO EM REVISTA

Hoje dia 4 na Sede Náutica da Lagoa, jantar dançante das 21 à 1 com Conjunto "Homero e seu Ritmo". Traje esporte.

Sábado dia 5 Boite-Show com Conjunto "Ritmos O.K." e o barítono Hélio Paiva, das 22 às 4 horas, na Sede Náutica. Traje passeio completo.

Domingo, dia 6, em São Januário, Manhãs Circense às 10 horas com Bandinha do Circo, mágico e ilusionista Prof. Robertini, os palhaços Pety, Urtiga & Espoletão, malabarista Charles Brothers, equilibrista Zé Linguiça, excêntricos musicais Wálter e Wilson e os Cães amestrados do Prof. Campos.

Tarde dançante, das 18 às 22 horas, em São Januário. Traje esporte.

Tarde dançante, das 19 às 22 horas, na Sede Náutica da Lagoa. Traje esporte.

Dia 11 — Sexta-feira. Jantar dançante com Conjunto "Homero e seu Ritmo" e uma grande atração, das 21 à 1 hora na Sede Náutica. Traje esporte.

Dia 12 — Sábado — "Noite Jovem com Conjunto paulista "Cray Bebys Show", das 22 às 4 horas em São Januário. Traje esporte.

Dia 13 — Domingo — Tarde dançante, das 18 às 22 horas, em São Januário. Traje esporte.

Tarde dançante, das 19 às 23 horas, na Sede Náutica. Traje esporte.

Departamento Infanto-Juvenil

Será realizado no próximo dia 19 do corrente no Teatro Municipal, às 20 horas um recital do Ballet com o já consagrado Corpo de Ballet do Departamento Infanto Juvenil, onde tomarão parte cêrca de 70 jovens do Departamento, sob a direção do Prof. Reginaldo Vaz.

Os convites serão distribuídos graciosamente para associados na Secretaria do Departamento Infanto Juvenil, no horários de 17 às 21 horas de segunda às sextas-feiras e das 15 às 19 horas aos sábados e domingos das 9 às 12 horas.

Revisão de carteiras

A Diretoria avisa que a partir do mês de abril os srs. sócios Patrimoniais e seus Dependentes só terão ingresso nas dependências do Clube com a carteira revisada pela Tesouraria. Esta revisão será feita mediante a apresentação das carteiras acompanhadas do carnet do sócio Titular, na Sede da Av. Rio Branco, 181 — 9.° andar.

BOTAFOGO, DIA A DIA

Seu recibo entra em sorteio

A Tesouraria lembra aos associados que, no dia 16 do corrente mês, será realizado o 2.° concurso de 67 da série "Seu recibo entra em sorteio".

Nesse concurso serão conferidos — 12 — prêmios, sendo um de NCr$ 100,00, outro de NCr$ 50,00, e os restantes de NCr$ 10,00.

Participam do concurso todos os sócios quites das seguintes categorias: a) proprietários admitidos a partir de 2/7/1964, inclusive mirins; b) contribuintes-gerais; c) contribuintes-individuais; d) juvenis; e) infantis e atletas-contribuintes.

Ter-se-á como quite o associado que houver pago a contribuição de sua categoria, inclusive prestação de aquisição de título de proprietário, relativa ao mês de julho. Em hipótese alguma será justificada a falta de quitação, considerando-se, para os efeitos do concurso, o associado como responsável único pelo não pagamento das contribuições pelo que se não procurando pelo cobrador, deverá o associado quitar-se na Tesouraria do Clube. Os dois prêmios maiores serão pagos em dôbro se couberem a associados que houverem pago, por antecipação, até 19 de março de 1967, as contribuições relativas ao ano em curso.

De acôrdo com o Regulamento, proceder-se-á da seguinte forma: inicialmente serão selecionados, por sorteio, os números de matrículas de 12 associados, os quais serão obrigatòriamente 1 proprietário, 5 contribuintes-gerais, 3 contribuintes-individuais, 2 juvenis e 1 infantil ou atleta-contribuinte; a seguir, novos sorteios serão efetuados, mas apenas entre os doze associados selecionados, para a concessão dos — 12 — prêmios.

O pagamento dos prêmios será feito, pela Tesouraria, a partir do dia imediato ao do sorteio.

Aos novos sócios proprietários

A Tesouraria comunica aos novos sócios proprietários que, para maior facilidade dos mesmos, o pagamento das prestações de seus títulos deverá ser efetuado, exclusivamente no Banco Financial de Mato Grosso (R. Sete de Setembro n.° 66, entre Av. Rio Branco e Quitanda).

Cursos femininos

Estão em plena atividade os cursos de: Ballet, Ginástica Sueca, Ginástica Medicinal. Em organização dos cursos de pintura em tecido e de Maquilagem. Informações e inscrições pelo tel.: 26-3684.

DIÁRIO DO FLAMENGO

Flamengo faz campanha

A campanha pró-ampliação da flotilha do CR Flamengo, lançada pelo Vice-Presidente dos Desportos Aquáticos, Dr. Loc. Teixeira de Meneses, continua encontrando a mais simpática ressonância entre os associados e torcedores rubro-negros, espalhados pelos mais longínquos e diferentes pontos do território nacional. • • • Esse movimento consiste — é oportuno lembrar — no envio, pelo Correio, de contas de luz e gás (já pagas), que serão trocadas por ações na Eletrobrás, as quais serão, posteriormente, transformadas em moeda corrente para a compra de novos barcos para a flotilha do clube. • • • Aquêles que desejarem dar sua colaboração, poderão enviar, ainda hoje, suas contas de luz e gás, como pedimos acima, pelo Correio em nome do CR Flamengo, para Av. Rui Barbosa, 170 — 4.° andar (Secretaria).

Homenagem a jornalista

O colunista Walter Rizzo, atualmente assinando uma bela seção na Tribuna de Imprensa, sempre ofereceu ao CR Flamengo excelente parcela de colaboração ao difundir os seus empreendimentos sociais. É, portanto, com prazer que anunciamos no Diário, o jantar em homenagem a Walter Rizzo, pelo transcurso de seu aniversário, na noite de 7 do corrente, às 20h30m, na sede náutica do CR Vasco da Gama, ao qual, estamos certos, comparecerão também os seus amigos rubro-negros. Adesões, com D. Sueli, pelos tels. 22-6465 e 43-3671.

ÚLTIMAS DO DIJ — Domingo, dia 6, às 15h, na Gávea, jôgo de futebol, entre Escolinha do DIJ x Everest AC, de Inhaúma. • • • Ainda domingo, pelo torneio de classificação de futebol de salão, Maria da Graça x Flamengo (infantil e infanto). • • • A partir de domingo próximo, das 15 às 17h, treinos de voléibol para jovens (ambos os sexos), com idade até 15 anos. • • • Dia 20 de agôsto, grande festa comemorativa pela conquista do título de tetracampeão dos Jogos Infantis, pelo CR Flamengo.

II Torneio de Pelada JORNAL DOS SPORTS-ESSO

Mito do Mug acabou frente ao Araçatuba

O Araçatuba sofreu para acabar com o mito do Mug, e sòmente o conseguiu na série de penaltes, quando o derrotou por 3 a 0, após o empate de três a três no tempo regulamentar, depois de uma reação espetacular do Mug, quando perdia de 2 a 1 no primeiro tempo, em partida que contou com numeroso público, em mais uma rodada do II Torneio de Pelada JORNAL DOS SPORTS—ESSO.

Nas demais partidas da rodada, na qual tomaram parte sòmente os clubes inscritos na categoria de adultos, o Master derrotou o Arrastão por 9 a 1, no campo 3; o Passarégua venceu o Banco do Povo por 5 a 3, no campo 4; o Montmatre derrotou o Suldemar, no campo 5, por 6 a 3; enquanto Mundo Nôvo derrotava o Tormenta por 4 a 1, nas partidas preliminares.

Nas partidas de fundo, o Monte Sinai conseguiu a maior goleada da noite, vencendo o Danúbio por 15 a 4, no campo 3; o Imperial Gávea derrotou, no campo 5, a equipe do Escala por 5 a 4, enquanto, no campo 6, o Miramar Bola e Bagaço venceu o Praça Niterói, por 2 a 1.

Mug Perde

Numa das melhores partidas da rodada de ontem à noite, nos campos três, quatro, cinco e seis do Parque do Flamengo, onde numeroso público, aproveitando a temperatura amena, assistia aos jogos do II Torneio de Pelada, o Araçatuba mostrou que não tem mêdo de mito, derrotando o Mug na série de pênaltes, num jôgo em que ambas as equipes se empenharam a fundo, oferecendo um bom espetáculo.

Preliminar

Nas preliminares, disputada entre adultos, os resultados foram os seguintes:

Campo 3 — Master FC (404) 9 x Arrastão FC (372) 1. Primeiro tempo — Master 6 a 1, gols marcados por Alberto, Luís, Álvaro (3) e Flávio, enquanto João assinalou o gol de honra para o Arrastão. Final — Master 9 a 1, tendo Álvaro completado o marcador. Equipes: Master FC — Albino, Goethe, Carlos, Daniel, Luís (Oscaro), Álvaro e Flávio. Arrastão FC — Manuel (Cláudio), Valdair, Paulo, Cláudio, Mário, João, Antônio e Valdir. Juiz — Osvaldo Paiva. Anormalidades — o jogador Valdir, do Arrastão, foi expulso no segundo tempo por reclamar do árbitro.

Campo 4 — Passarégua (84) 5 x A. Banco do Povo (80) 3. Primeiro tempo — Banco do Povo 1 a 0, gol de Hamilton. Final — Passarégua 5 a 3, gols de Moreira (2), Vanton (2) e Paulo (contra), enquanto Hamilton completava para o Banco do Povo. Equipes: Passarégua — Luís, José (Carlos), Erdilei, Moreira, Álvaro (Edson), Magalhães, Edmilson (Hilder) e Valton. Banco do Povo — Paulo, Hugo, Ildo, Ernâni, Arino, Nélson, Hamilton e José (Vitor). Juiz — Antônio Silva.

Campo 5 — FC Montmatre (357) 6 — Suldemar (538) 3. Primeiro tempo — Montmatre 3 a 1, gols de Enir e Luís (2), enquanto Carlos marcou para o Suldemar. Final — Montmatre 6 a 3, gols marcados por Hélio, Luís e Fernando, enquanto Amauri e Alcide completavam para o Suldemar. Equipes: Montmatre — Cícero, Alcides, José, Hélio, Eli, Noel, Fernando (Acácio) e Luís. Suldemar — Édio (Jurpari), Adilson (Válter), Osmar, Jorge, Amauri (Daniel), Alcides, Carlos e Antônio. Juiz — Lídio Araújo.

Campo 6 — Mundo Nôvo AC (306) 4 x Tormenta FC (422) 1. Primeiro tempo — Mundo Nôvo 1 a 0, gol de João. Final — Mundo Nôvo 4 a 1, gols de Armando, Luís, e Gil, enquanto Antônio marcou o gol de honra para o Tormenta. Equipes: Mundo Nôvo — Leonardo, João, Francisco, Edmilson, Paulo, Armando, Luís e Gil. Tormenta FC — José, Jorge, Amável, Jadir, Antônio, João, Agildo e Carlos. Juiz — Abelardo Santos.

Principal

Nas partidas de fundo, também entre adultos, os resultados foram os seguintes:

Campo 3 — Monte Sinai (702) 15 x Danúbio (332) 4. Primeiro tempo: Monte Sinai 4 a 1, gols de Bernardo (2), Saul e Eduardo, enquanto Ivã marcava para o Danúbio. Final: Monte Sinai 15 a 4, gols de José Jacob, Bernardo (4) e Jacks (2), marcando Ivã e Narciso (2). Equipes — Monte Sinai: Davi; José, Ramon, Jocó, Bernardo, Saul, Eduardo e Jacks. Danúbio: Kehil, Valdir, Luís, Sérgio, Ivã, Narciso, Edinho e Antônio. Juiz: Jairo Bernadino.

Campo 4 — Araçatuba (591) 3 x Mug (222) 0. Na quarta série de pênaltes, após empate no tempo regulamentar por 3 a 3. Primeiro tempo: Araçatuba 2 a 1, gols de Carlos e Paulo, para o Mug. Final: Empate de 3 a 3, gols de Osmar para o Araçatuba e Manuel (2) para o Mug. Carlos marcou os três gols na cobrança dos pênaltes. Equipes: Araçatuba: Abraão, Albano, Ivã, Geraldo, Stélio, Carlos, Osmar e Cláudio. Mug: Jorge, Carlos, Francisco, Dagoberto, Gustavo, Manuel, Ubiratã e Paulo. Juiz: Gilberto Fernandes.

Campo 5 — Imperial Gávea (243) 5 x Escala AC (290) 4. Primeiro tempo: empate por 2 a 2, gols de Jorge (2) para o Imperial e Moacir (2) para o Escala. Final: Imperial 5 a 4, gols de Jorge e Carlos (3), marcando Édson e Moacir para o Escala. Equipes: Imperial Gávea: Pedro; Luís, Ivo, Antenor, Jorge, Paulo, Carlos e Váljer. Escala AC: Geraldo, Antônio, Orlando, Ailton, Ildacir, Édson, Sérgio (Paulo) e Moacir. Juiz: Orlando Carlos.

Campo 6 — Miramar Bola e Bagaço (730) 2 x Praça Niterói (231) 1. Primeiro tempo: empate de 1 a 1 gols de Franklin para o Miramar e Alexandro para o Praça Niterói: Final: Miramar 2 a 1, gol de Franklin. Equipes: Miramar Bola e Bagaço; Silas (Carlos), Esdras, Luís, Ronaldo, Antônio, Paulo (Abel) e Franklin. Praça Niterói: José, Sérgio, Berardo, Alexandre, Antônio, Sinésio (Rubens), Justiniano e Algino. Juiz: Bento Paulino.

STANDARD JOGA COM CISPER

Standard Elétrica x Cisper, no campo do Everest, será o principal jôgo de amanhã à tarde pela sétima rodada do Campeonato Classista, promovido pelo DA. O primeiro, com a vitória sôbre o Dubar, sábado passado, passou a ocupar a liderança isolada do certame, muito embora tenha um caso para resolver na JDD, que poderá acarretar-lhe a perda de pontos, e terá amanhã um difícil compromisso contra o time de Eudimar Pujol, vicecampeão do Torneio de Verão dêste ano, que está disposto a conquistar uma posição melhor no certame.

O Nova América é o outro líder do campeonato, tendo ainda uma partida para disputar — contra o Aladim, referente à sexta rodada — e fará o jôgo número 2 de amanhã contra o Decetista. O Nova América defenderá a privilegiada posição contra o último colocado do certame, que até agora empatou um jôgo e perdeu todos os outros, razão por que, é apontado como favorito e, além disso, terá a seu favor o fator campo, pois jogará em Del Castilho.

Dubar x Schering

No terceiro melhor jôgo da tarde, o Dubar, vice-líder do certame, com três pontos perdidos, jogará no campo do Manufatura contra o Schering, quinto colocado. O vice-líder, que realizou durante a semana um treino coletivo, no qual os titulares empataram com os aspirantes por 2 a 2, acha-se em perfeito estado, estando tranqüilos e confiantes na vitória, respeitando, no entanto, o seu adversário, que vem de um empate com o Montepio, outro vice-líder, que aparece como forte candidato ao título.

Os dois quadros, segundo seus técnicos, só serão escalados hoje, e o Dubar convoca os seguintes jogadores: Marcos, Válter, João, Adalberto, Hélio, Jacaré, Abel, Sérgio, Vieira, Pastinha, Levi, Nei, Orlando, Joselito, Mário, Totinha e Jarbas.

Outros jogos

Em outro jôgo importante, o Montepio, também vice-líder, jogará contra o Federal Fundição, que é o quarto colocado. Enquanto o Montepio não tem o time escalado, o Federal Fundição deverá começar a partida com Lucas; Garcia, Santos, Janir e Jaime; Joca e Jorge Canhoto; Válter, Jorge José, Hélio e Careca. O jôgo será realizado no campo do São José.

No campo do Cruzeiro, o Epsom, também quarto colocado na classificação geral do certame, terá difícil compromisso, pois enfrentará o Bancosales, que, embora com uma equipe desfalcada, está disposto a reabilitação, já que ocupa o oitavo lugar. O Epsom jogará com o mesmo time que derrotou sábado passado o Cisper, ou seja: Beto; Claudeci, Jair, Pedro e Roberto; Jaiminho e Edvaldo; Zèzinho, Deco, Pedrão e Adamor.

Finalmente, o Aladim, tentará também a reabilitação frente ao SSR, no jôgo que completará a rodada. O Aladim não tem problemas com o time, razão por que confia em melhorar sua situação na classificação geral e vencer o jôgo amanhã, pois iniciará a partida com o mesmo time que há muito tempo vem jogando, ou seja: Orlando; Estêvão, João, Teles, Jair e Heitor; José Carlos e Santos; Careca, Zèzinho, Nei e Dorli.

GRAJAÚ VÊ CARIOCA NO FS

Carioca x Grajaú CC, na Rua Jardim Botânico, Vitória x Vasco da Gama, na Rua Pôrto Alegre, e Atlas x São Cristóvão, na Rua Vilela Tavares, são as partidas de hoje à noite, a partir das 21h30m, pela quarta rodada do terceiro turno do campeonato carioca de futebol de salão dos primeiros quadros.

As partidas preliminares, com início às 20h30m, serão válidas pelo campeonato carioca de juvenis, que terá também o jôgo entre o Fluminense e o Maxwell, nas Laranjeiras. Pelo certame de aspirantes, o Paranhos conservou a liderança, vencendo o Magnatas por 2 a 0, em partida válida pela quarta rodada do returno.

Autoridades

Abílio Martins Neto apitará a partida de juvenis entre Carioca e Grajaú CC, enquanto Francisco Rufino estará na direção do jôgo principal. O anotador será Lúcio Gonzales e os fiscais de linha Geraldo Santos e Josias Videres. O fiscal de renda será Jaci Filho.

Vitória e Vasco terão a direção de Djalma Adelino, na partida de juvenis, e Nélson Silva, na dos primeiros quadros. O anotador será Alcindo Silva e os fiscais de linha João Gonçalves e Narciso de Almeida. O fiscal de renda será Maurício Rodrigues.

Jair Galo Cabral será o juiz dos juvenis de Atlas x São Cristóvão e José de Carvalho o árbitro da partida principal. O anotador será Eduardo Fernandes e os fiscais de linha Cornélio Andrade e Manuel Lima. O fiscal de renda será Heitor Montanha.

Os juvenis do Fluminense e Maxwell terão a direção de Edilson Pinheiro e nas laterais funcionarão Nilson Cruz e Nilton Salgado. O anotador será Jaime Gonçalves e o fiscal de renda Leonel de Oliveira.

Aspirantes

O Vila Isabel derrotou o América nos aspirantes por 2 a 1, marcando seus gols Zé Mário e Cado, contra um de Roberto. As equipes foram: Vila — Almiro, Nilton, Zé Mário, Cado e Luís (Gilberto e depois Maurício). América — Jorge, Hamilton, Luís, Sérgio (Roberto) e Antônio (João). O juiz foi Nivaldo Santos, auxiliado por Lúcio Gonzales, Nilton Salgado e Edilson Pinheiro.

Os gols do Grajaú TC, na vitória de 4 a 3 sôbre o Carioca, foram de Zeca (2) e Noce (2), contra um de Osvaldo e um de Augusto. Os quadros jogaram assim constituídos: Grajaú TC — Geraldo, Zeca, Edmilson, Noce e Flávio. Carioca — Jair, Osvaldo, Augusto, Ermínio e Lúcio. O primeiro tempo foi de 1 a 0 para o Grajaú. O juiz foi Abílio Martins Neto, auxiliado por Djalma Adelino, Cornélio Andrade e Narciso de Almeida.

O Vasco venceu o São Cristóvão por 3 a 2, depois de vencer o primeiro tempo por 3 a 0. Os gols da vitória foram de Inácio, José Luís e Paulo, contra dois de Alfredo. Os quadros formaram assim: Vasco — Valdir, Jorge (Celso), Inácio, José Luís e Paulo. São Cristóvão — Carlos César (Sérgio), Luís, Paulo (Franklin), Paulo Roberto e Paulo Antônio (Alfredo). O juiz foi José de Carvalho, auxiliado por Jaime Gonçalves, Nilton Salgado e José Maia.

Coríntians quer disputar o SA de clubes campeões

Com a alegação de que é o atual campeão continental de clubes, o Coríntians, de São Paulo, solicitou à Direção Técnica da CBD o direito de participar da próxima Taça Sul-Americana de clubes campeões de basquete, muito embora o campeão brasileiro seja o Botafogo, do Rio.

A equipe carioca, por sua vez, teve a sua proposta para patrocinar o torneio estudada na última reunião da Comissão de Zona da FIFA, que a enviou às demais confederações sul-americanas, que irão responder se aceitam ou não vir ao Brasil em outubro próximo.

SA de seleções

A Associação Colombiana de Basquetebol já marcou as datas do XI Campeonato Sul-Americano feminino, tendo informado à CBB que o torneio será disputado entre 27 de outubro e 5 de novembro, em Cali. A seleção brasileira deverá iniciar seus treinamentos para esta competição em fins de agôsto.

O Paraguai, por outro lado, solicitou o patrocínio do XXII Sul-Americano masculino, condicionando-o, no entanto, a que as partidas não sejam tôdas disputadas em quadras de piso de madeira, contrariando assim o artigo 37 do regulamento dos campeonatos sul-americanos.

Grêmio Masson vence novamente

Em seu segundo jôgo após o reinício de suas atividades, conseguiu o GRÊMIO MASSON (que congrega os funcionários da CASA MASSON) sua segunda e expressiva vitória.

Desta vez, enfrentando a equipe da Editora Civilização Brasileira, conseguiu o GRÊMIO MASSON impor-se pela contagem de 3 tentos a 1.

O jôgo teve como local o campo do SAMPAIO F.C., e o quadro do GRÊMIO MASSON estava assim formado:

Almir, Célio e Riste; Aureo, Rubens e José Luís (Orlando); Marrom, Duarte, Santos (Amauri), Sérgio I e Sérgio II (Haroldo). Marcaram para o GRÊMIO MASSON, Sérgio I (2) e Sérgio II (1).

Chanteclair Na Rota Do Esporte

Edu, do América e Nei, do Vasco estão liderando o concurso de artilheiros, ambos com dezoito pontos, seguidos de Dionísio, do Flamengo, Eduardo, do América, Roberto, do Botafogo e Dé, do Bangu, todos com doze pontos. No concurso de goleiros, Ubirajara, do Bangu, Manga, do Botafogo, Renato, do Flamengo e Arézio, do América, são os primeiros colocados com apenas quatro pontos negativos.

* * *

O árbitro Cláudio Magalhães vem liderando o certame de juízes, com 78,5, seguido de Guálter Portela Filho, com 54,5 e de Frederico Lopes, que possui 40,00. Como se sabe, a Federação Carioca de Futebol, distribuirá prêmios aos vencedores, em diferentes concursos, visando, com isso, oferecer maior interesse à Taça Guanabara.

* * *

O apoiador Zé Carlos que estava nas cogitações do técnico Gentil Cardoso para o jôgo de domingo com o Botafogo, foi, ontem, colocado à margem do encontro devido às suas exigências para a assinatura de um nôvo contrato. Zé Carlos que voltou do Náutico para onde havia sido emprestado pelo Vasco, pediu quinze milhões de luvas e ordenados de quinhentos mil para um contrato de um ano. Disse o jogador ao Presidente João Silva que foi isso que lhe ofereceu o Náutico e por isso, preferia que fôsse novamente emprestado ao clube pernambucano.

* * *

O Presidente João Silva assegurou, porém que Zé Carlos não será atendido e o seu passe custará oitenta milhões de cruzeiros, se o Náutico o desejar definitivamente. Em caso de empréstimo, custará quatro milhões mensais. Esclareceu ainda o Sr. João Silva que também Salomão está nas mesmas condições, pois manifestou desejos de voltar ao futebol pernambucano.

* * *

Aniversário do Dr. Domingos D'Angelo constitui um dos motivos de alegria para os seus amigos que com êle convivem na Federação Carioca de Futebol de onde é o seu Superintendente ou então na vida pública em que sempre teve oportunidade de confirmar as suas qualidades de homem de realizações e de iniciativa. Os seus amigos mandam celebrar missa em ação de graças, hoje, às 10h, na Igreja Santana.

* * *

Os evangélicos de todo o Brasil acompanham com grande entusiasmo e interêsse os preparativos para as festividades que serão celebradas êste mês, na Alemanha, por motivo das comemorações do 450.° aniversário da Reforma. Segundo as previsões, algumas centenas de brasileiros estarão participando daquelas reuniões atendendo ao seu alto cunho e também porque marca um acontecimento do mais alto relêvo na vida do Evangelho. A Agência Chanteclair e a *Lufthansa* sempre presentes aos grandes acontecimentos, tomaram tôdas as medidas no sentido de facilitar a viagem dos evangélicos brasileiros. Para êsse fim, foram elaborados diferentes planos cujas condições favorecem aos interessados, pois estão ao alcance de qualquer bôlso. Aos excursionistas será permitida a opção de conhecer, na oportunidade, alguns países da Europa, sem grande acréscimo. Tôdas as informações poderão ser obtidas na sede da Agência Chanteclair de Viagens, na Rua México, 119, 8.° andar ou então pelos telefones: 22-3081 e 42-8888.

"ROTEIRO SINDICAL"

FERNANDO MATTOS

Metalúrgicos

O aumento salarial a ser reivindicado pelo Sindicato dos Metalúrgicos será da ordem de 50%, a partir de 26 setembro vindouro. No próximo dia 11 haverá assembléia geral no sindicato, quando serão discutidas e aprovadas as demais reivindicações a serem apresentadas aos patrões.

Alfaiates

Termina dia 10 o prazo para o registro das chapas que concorrerão às eleições do Sindicato dos Alfaiates, Costureiras e Trabalhadores na Indústria de Confecção de Roupas Feitas. O atual presidente e candidato à reeleição, é o Sr. Mário Giscardi.

Contatos

O D.N.S. arbitrou em 19% o aumento para os agenciadores de publicidade, com vigência a partir de 1.° de agôsto. No próximo dia 10, às 15 horas, haverá mesa-redonda na D.R.T., entre o Sindicato dos Agenciadores de Publicidade e Propagandistas e o Sindicato das Emprêsas de Publicidade.

Jornalistas

Está marcada para hoje, às 20 horas, em solenidade a que comparecerão altas autoridades governamentais e líderes sindicais, a posse da nova diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Guanabara, que tem como Presidente o Repórter José Machado, do Jornal do Brasil. A cerimônia será o auditório da ABI.

Fragmentos

A Justiça do Trabalho é incompetente para conhecer de ação que não envolve litígio entre empregado e empregador" (TST — Rec. Rev. n.° 5.302/65).

Jornal dos Sports S. A.

EDIÇÃO NACIONAL
Redação, Oficinas e Administração
Rua Tenente Possolo, 15/25

Telefone: 22-2111
Publicidade: 52-0024

Rio de Janeiro
EDIÇÃO MINEIRA
Diretor Responsável:
JOSÉ DE ARAÚJO COTTI
Diretor Superintendente
EURO LUÍS ARANTES
Chefe de Produção:
JOÃO DANGELO
Rua da Bahia, 1.148 — Conjunto 408
Tel.: 4-1721
Belo Horizonte

Suc. S. Paulo - Rua Sete de Abril, 125 - 1.° andar
Telefone: 35-3669

Vendas avulsas. GB — Est. do Rio — São Paulo
Dias úteis .... NCr$ 0,20
Domingos .... NCr$ 0,30

Interior — Via Aérea — Distrito Federal
Minas Gerais:
Dias úteis .... NCr$ 0,20
Domingos .... NCr$ 0,30

Amazonas - Pará - Maranhão - Ceará - Mato Grosso - Rio Grande do Norte - Sergipe - Piauí - Pernambuco - Paraíba - Alagoas - Bahia - Goiás - Santa Catarina - Espírito Santo - Paraná - Rio Grande do Sul - Dias úteis e domingos NCr$ 0,50
Interior - Via Rodoviária — Minas Gerais e Bahia
Dias úteis .... NCr$ 0,20
Domingos .... NCr$ 0,30

Assinaturas Postais:
Semestral: .... NCr$ 30,00
Anual: .... NCr$ 50,00

Vasco só lança Zé Carlos com contrato nôvo

O Vasco está ameaçado de ficar sem Zé Carlos para o jôgo de domingo, contra o Botafogo, porque o jogador recusou-se a renovar seu contrato nas bases propostas pelo clube. Segundo o Presidente João Silva, Zé Carlos só poderá atuar se estiver em situação legal com o clube, pois, em caso contrário, permanecerá de fora até resolver a sua situação.

Zé Carlos vem treinando no Vasco desde do seu regresso de Recife, onde estêve emprestado ao Náutico por uma temporada. As suas atuações nos treinos estão agradando a Gentil Cardoso, que pretende experimentá-lo, dando, assim, uma oportunidade ao jogador, que poderá solucionar o meio-campo de sua equipe.

Caso o jogador não chegue a um acôrdo com o clube até amanhã, Gentil Cardoso terá de decidir entre Salomão e Jedir, que foram relacionados para a concentração, estando o primeiro mais cotado para substituir Zé Carlos, pois conforme o parecer do treinador, Jedir caiu de produção nos últimos dias.

Má-fé

O fato do jogador não ter renovado seu contrato deixou o Presidente João Silva aborrecido com os dirigentes do Náutico de Recife, "que agiram de má-fé com o Vasco". Zé Carlos foi cedido ao campeão pernambucano, sem o Vasco cobrar qualquer ônus, e a sua devolução estava marcada para o dia 30 de junho, o que não foi cumprido pelo Náutico.

— Sem prévia consulta ao Vasco, o Náutico propôs ao jogador um contrato excelente, oferecendo NCr$ 15 mil de luvas e salários de NCr$ 500,00, o que deixou o jogador com "macaquinhos" na cabeça, dificultando, assim, a renovação do seu contrato com o Vasco, prejudicando ao treinador, que deseja usá-lo para o próximo jôgo — disse o Presidente João Silva.

— Só posso concordar com seu lançamento na equipe se êle renovar, pois, em caso contrário, permanecerá de fora até resolver o impasse criado pela má-fé do Náutico de Recife, que deseja o jogador de volta de qualquer maneira, fazendo uma proposta vultosa, o que perturbou completamente as negociações mantidas.

As soluções

A primeira solução do caso apresentada pelo dirigente vascaíno será a renovação do seu contrato imediatamente. A segunda seria o seu empréstimo ao Náutico, mas em condições especiais — o clube pernambucano desta vez terá de pagar NCr$ 4 mil por mês ao Vasco —, proposta que talvez seja recusada pelo Náutico.

A última será a venda do seu passe, em definitivo, para o Náutico cujo preço foi estipulado pelo Presidente João Silva em NCr$ 80 mil. E se não houver nenhuma solução, afirmou o Sr. João Silva, que o problema ficará nas mãos do jogador, de qualquer maneira, seu passe está prêso ao Vasco. Os entendimentos continuarão e o Presidente espera resolver o impasse a tempo do jogador integrar a equipe no jôgo contra o Botafogo.

T. Guanabara não prende os jogadores

Desfazendo dúvidas, a Federação de Futebol divulgou em seu boletim oficial de ontem que a Taça Guanabara não prende jogadores aos clubes. Assim, um atleta que tiver atuado por um clube na Taça, poderá, legalmente, jogar por outro no campeonato oficial, desde que seja transferido até a véspera do returno.

Botafogo faz individual duro para manter o ritmo dos jogos anteriores

ZAGALO DEIXA MESMO TIME

Dimas apareceu com o joelho direito inchado e dolorido, ontem, no Hospital Miguel Couto, e após ser examinado pelo Dr. Lídio Toledo, êste constatou a necessidade da extração dos meniscos daquele joelho. O zagueiro fará os exames pré-operatórios hoje e, se tudo correr bem, será operado na parte da tarde, na Casa de Saúde São Geraldo.

Sem poder contar com Dimas, mas já tendo os problemas dos contratos de Manga e Paulistinha resolvidos, o técnico Zagalo declarou que a equipe para o jôgo contra o Vasco já está escalada, sendo a mesma que derrotou o Flamengo, ou seja: Manga; Moreira, Zé Carlos, Paulistinha e Valtencir; Carlos Roberto, Gérson e Afonsinho; Rogério, Jairzinho e Roberto.

Só no Carioca

O retôrno de Dimas à equipe sòmente deverá ocorrer daqui a aproximadamente dois meses e meio, portanto no final do turno do Campeonato Carioca. O zagueiro mostra-se desolado, mas chegou à conclusão de que o melhor será operar o mais ràpidamente possível, e é por isso que o Dr. Lídio Toledo programou a operação para hoje mesmo.

No Botafogo, quase todos ficaram surpresos e chegavam a não acreditar quando se falava que Dimas teria que operar os meniscos. Isto porque o zagueiro não compareceu ao clube ontem, e no coletivo de quarta-feira treinou o tempo todo normalmente, sem se queixar de dores. Todavia, Dimas sentiu dores durante tôda a noite e amanheceu com o joelho inchado, daí ter ido logo ao encontro do médico Lídio Toledo, no Miguel Couto.

Chiquinho, que no coletivo de anteontem caiu sôbre o joelho recentemente operado dos meniscos, não compareceu ontem ao Botafogo por recomendação do Dr. Lídio Toledo, que recomendou alguns dias de total repouso ao zagueiro e tratamento à base de gêlo. O médico considera natural que Chiquinho esteja sentindo dores no local, mas afirma que daqui a uma semana sua volta aos treinos é certa.

Coletivo hoje

O coletivo, que servirá como apronto para o jôgo com o Vasco, será realizado hoje, às 16h, sendo que ontem os jogadores foram submetidos a severo individual, sob o comando do professor Admildo Chirol. Além de Humberto, que prossegue no tratamento da virilha, Afonsinho também não treinou, sendo poupado pelo Departamento Médico, pois encontra-se com menos 1,5kg. Um dos jogadores que mais se empenhou foi o atacante Airton, que está retornando à sua antiga forma física, tendo já perdido vários quilos. Quem está empolgado com a sua recuperação é Carlito Rocha, que ontem voltou a conversar longamente com Airton, afirmando-lhe que será o titular da equipe se prosseguir treinando no ritmo atual.

Botafogo treina com os portões abertos

Atendendo a um pedido de Carlito Rocha, o Presidente Nei Cidade Palmeiro ordenou que todos os portões do campo do Botafogo sejam abertos hoje à tarde ao público, para que o mesmo prestigie o apronto da equipe para a partida contra o Vasco, domingo próximo, no Estádio Mário Filho, quando o Botafogo defenderá a liderança invicta da tabela, sem ponto perdido.

Carlito Rocha, que está conseguindo uma movimentação fora do comum de associados do clube em apoio à atual Diretoria do Botafogo, fêz um desafio à atual oposição, "para que saia da posição em que se encontra, de só torpedear o trabalho da presidência e venha discutir os problemas à portas abertas, pois no Botafogo as portas jamais foram fechadas para aquêles que desejam, de fato, colaborar".

Público é notório

O Grande Benemérito do Botafogo não gostou das declarações ao JORNAL DOS SPORTS do Sr. Alfredo D'Escragnolle Taunay, Presidente do Conselho Deliberativo do Clube, que negou, estar a oposição querendo dividir o clube.

— Ora bolas, — disse Carlito Rocha — é público e notório, que os homens da oposição estão dividindo o nome do Botafogo que é mais grave, utilizando-se do recursos pouco lícitos, como vem sendo divulgado por alguns colunistas, e que, por mais incrível que parecer, são botafoguense

Um grande pacifista

O Sr. Carlito Rocha, apesar de tudo, considera o Sr. Alfredo Taunay um grande botafoguense e lamenta a sua ausência, como a dos demais membros da oposição, que nem aparecem no clube: — Estou cada dia mais surprêso, como homens do gabarito do Sr. Taunay, que, antigamente, prestigiava o clube de tôdas as formas, agora se ausente dêle e fique ao longe ajudando a torpedear o nosso grande Presidente Nei Palmeiro.

CBD reunida apóia o Almirante H. Nunes

Reunida, na manhã de ontem, a diretoria da CBD tomou conhecimento de uma exposição do Sr. João Havelange sôbre o caso em que estêve em foco o Almirante Heleno Nunes, que chegou, inclusive, a enviar uma carta colocando o seu cargo em mãos do Presidente, e resolveu aprovar integralmente a ação do supremo dirigente, desde a vinda do Sr. Paulo de Carvalho ao Rio até o almôço de têrça-feira última, no Clube Comercial.

Resolveu, mais, a diretoria, sôbre o assunto: 1) considerar o Almirante Heleno Nunes imprescindível no cargo de Diretor do Departamento de Futebol da entidade, em cujo exercício demonstrou qualidades de direção e conhecimento dos problemas do futebol brasileiro. 2) renovar sua confiança no Almirante Heleno Nunes, certa de que, investido da autoridade que lhe confere o Estatuto da CBD, poderá prestar os mais relevantes serviços ao futebol do País. Foi, assim, rejeitada, por unanimidade, a carta-demissão do Almirante Heleno e os têrmos da decisão, contidos nos itens acima, serão comunicados em ofício ao mesmo, cuja volta ao Departamento de Futebol é esperada para segunda-feira próxima.

Manga e Paulistinha jogam com nôvo contrato

Manga será o goleiro do Botafogo para a partida de domingo, contra o Vasco, pois o Diretor de Futebol, Xisto Toniato, resolveu aumentar as bases propostas para a renovação de seu contrato, que foi assinado ontem mesmo. Por 18 meses de contrato, Manga receberá NCr$ 10 mil à título de luvas, ordenados mensais de NCr$ 1.200,00 e ainda teve perdoada uma dívida de NCr$ 5.400,00 que tinha com o clube.

Paulistinha, que também foi escalado por Zagalo para enfrentar o Vasco, devido à impossibilidade de contar com Dimas, também assinou ontem seu nôvo contrato com o Botafogo, recebendo ordenados mensais de NCr$ 800,00 e luvas de NCr$ 3.000,00, além de um empréstimo de NCr$ .... 4.000,00.

Como foi

O Sr. Xisto Toniato chegou cedo ontem a General Severiano, e antes do treino individual conversou com Manga e lhe disse sôbre a nova proposta, aceita imediatamente pelo goleiro, que ficou satisfeito com o reconhecimento do clube em lhe dar aquilo que êle acha que realmente merece. Manga, que pretendia NCr$ 20 mil de luvas, consentiu em abrir mão de quase NCr$ 5 mil, para não criar mais problemas e prolongar o caso. Não só o goleiro ficou satisfeito, mas vários torcedores e associados que consideram Manga como uma segurança para o time em sua posição.

A assinatura do contrato deu-se ao anoitecer, após o Sr. Alexandre Madureira, chefe do Departamento Técnico, ter preparado o documento, e ainda o de Paulistinha, que novamente foi ao clube acompanhado de sua espôsa e filho.

Agora P. César

Resolvido os problemas dos contratos de Manga e Paulistinha, o Botafogo partirá agora para a assinatura do contrato de Paulo César como profissional, o que deverá ocorrer após a partida de domingo, contra o Vasco. Paulo César, que tem se mostrado muito rebelde, sòmente agora está se compenetrando da atual seriedade implantada dentro do futebol profissional do Botafogo, e já sentiu que não assinando nas bases propostas pelo clube só terá à perder, como já acontecerá êsse mês, em que terá os seus salários reduzidos de NCr$ 450,00 para NCr$ 300,00, sendo capada pelo Sr. Xisto Toniato aquela quantia que recebia à título de ajuda de custo.

Marinho, de quem Paulo César é filho adotivo, declarou ontem em General Severiano que o acôrdo com o Botafogo está por um fio, pois o jogador já concordou em receber o salário de NCr$ 350,00 mensais e NCr$ 30 mil, para assinar seu primeiro contrato como profissional, mas ainda insiste que o Botafogo pague os NCr$ 4.500,00 que são os honorários cobrados pelo advogado Dirceu Mendes, que o defendeu no julgamento do TJD da FCF.

Gentil confirma as alterações no time

Alheio ao impasse criado pela renovação do contrato de Zé Carlos, Gentil Cardoso confirmou a equipe ontem pela manhã, para enfrentar o Botafogo, mantendo tôdas as alterações introduzidas no último coletivo, quando substituiu quatro jogadores, Franz, Jedir, Zèzinho e Paulo Bim, colocando Édson, Zé Carlos, Nado e Acelino, respectivamente.

Estas substituições foram frutos das experiências do treinador durante o treino de quarta-feira, quando os titulares golearam fàcilmente os reservas por 8 a 1. As atuações de cada um agradaram ao treinador, que também resolveu optar por Ari na lateral-direita, deixando outra vez Jorge Luís de fora, porque o primeiro está em melhores condições físicas.

Individual

O treino de ontem constou apenas de um leve individual de 20 minutos, e realizou um bate-bola para os goleiros Brito, Oldair e Fontana foram os ausentes. O primeiro se apresentou ao Departamento Médico queixando-se de dores no joelho direito e os outros ficaram de fora por medida de precaução, pois ainda sentem as pancadas do jôgo contra o Bangu.

Entretanto, os três não são problemas para domingo e o Departamento Médico garantiu suas escalações. Hoje, será realizado o apronto, pela tarde, e Gentil Cardoso fará as últimas observações sôbre a equipe, mas garantiu que as alterações introduzidas serão mantidas e só mudará em caso de necessidade.

Quanto ao problema de Zé Carlos, Gentil Cardoso terá de lançar mão de Salomão ou Jedir. A concentração será após o apronto, e o técnico relacionou os seguintes atletas: Édson, Franz, Ari, Jorge Luís, Brito, Fontana, Oldair, Jedir, Zé Carlos, Salomão, Danilo, Ananias, Nado, Paulo Bim, Nei, Acelino e Luisinho.

Quanto a punição pedida pelo técnico ao atacante Adilson, tudo indica que foi perdoada, porque o jogador recebeu seus salários sem desconto, isto é, sem constar a multa.

Convite

Garrincha, que está ainda sem condições de estrear na equipe do Vasco, poderá atuar no dia 13 de agôsto pelo Esporte Clube Bahia contra o Atlético de Madri, a convite do próprio clube. O empresário Manu, representando o clube baiano, compareceu à sede do Cineac e conversou com o Presidente João Silva, recebendo autorização para procurar o jogador.

Na oportunidade, o representante do clube baiano disse que o convidado de honra para assistir à partida contra o Atlético de Madri é o Presidente João Silva, que aceitou o convite.

Jornal dos Sports

PRESIDENTE
Célia Rodrigues

DIRETORES
Mário Júlio Rodrigues
Henrique Gigante
J. G. Bastos Padilha

EDITÔRES
Ênnio Sérvio
Paulo Ney Doria

Jôgo perigoso

PROTESTO

O Sr. Armando Marcial, ex-Vice-Presidente de Futebol do Vasco, garantiu que fará uma representação oficial contra Gentil Cardoso, se o goleiro Édson atuar domingo no jôgo com o Botafogo.

Segundo o ex-dirigente vascaíno Édson foi punido quando estava no cargo e que a sua volta ao clube é uma falta de respeito à sua pessoa, que é benemérito do Vasco.

Na sua opinião, Édson não apresenta condições para integrar a equipe do Vasco, pois foi considerado elemento nocivo ao clube. Se realmente o goleiro atuar domingo, o Sr. Armando Marcial apresentará seu protesto por escrito ao Presidente João Silva, condenando a atitude de Gentil Cardoso.

AMÉRICA PULOU

O Presidente Eusébio de Andrade enviou um ofício à FCF, deixando a cargo do América, a escolha do árbitro para o jôgo de amanhã, nos seguintes têrmos:

"Considerando as insinuações maldosas, levianas e desonestas que se têm tornado públicas, com referência às arbitragens dos jogos disputados pelo Bangu Atlético Clube, na Taça Guanabara;

Considerando que tais insinuações ensejam conceitos desprimorosos, caluniosos, injuriosos e ofensivos às gloriosas tradições do clube que tenho a honra de presidir;

Considerando que não se tem levado em conta as indiscutíveis qualidades técnicas de seu elenco, Campeão da Cidade e melhor colocado entre os clubes cariocas no último Campeonato Roberto Gomes Pedrosa;

Considerando que o Bangu Atlético Clube jamais se preocupou com a indicação dêste ou daquêle árbitro para seus jogos, visto que todos os que integram o Quadro de Árbitros dessa Federação merecem a nossa integral confiança;

Vimos pedir a V. S. que solicite ao valoroso e digno co-irmão América Futebol Clube a indicação do árbitro e de seus auxiliares para o jôgo do próximo sábado, entre nossas equipes, em disputa da já mencionada Taça.

Atenciosamente

as) Eusébio Gonçalves de Andrade Silva — Presidente".

O caso é que o América não gostou da sugestão e preferiu deixar mesmo a cargo da FCF a designação do juiz.

BANGU AUMENTA PASTINHA

O massagista Pastinha, após vinte anos de profissão, todos dedicados ao Bangu, afinal terá sua maior recompensa, recebendo integralmente os prêmios dados aos jogadores, conforme se pôde sentir junto à maioria dos dirigentes, que levantarão a questão na próxima reunião de Diretoria.

Pastinha, ou o "mão-santa", como o chamam, pela eficiência , leveza e categoria com que massageia os jogadores, está muito contente com a possibilidade, que lhe ajudará a amenizar as despesas. Pastinha vem recebendo metade dos "bichos" e já dizem que se passar a receber integral, do jeito que o Bangu está, vencendo a tudo e a todos, "o homem vai acabar fundando uma escola para massagistas".

A CAVEIRA DO DIRETOR

Alfredinho, que se destacou no Campeonato Paulista, dirigindo o Comercial, de Ribeirão Prêto, é uma espécie de "bibelô" do Presidente Humberto D'Abronzo, que resolveu recolocar o XV de Novembro de Piracicaba, na Divisão Especial. Certo dia, o Alfredinho apareceu amargurado, escreveu uma carta de renúncia e a entregou ao Comendador.

— Mas, Alfredo, você vai deixar a gente? — perguntou D'Abronzo com espanto.

O técnico ficou calado.

— Não, você não sai, diga quanto quer que eu pago. — D'Abronzo começou a se intranqüilizar.

— Quero ver a "caveira" dêsse diretor! — foi a proposta de Alfredo. E disse o nome do dirigente.

D'Abronzo rasgou a carta de demissão, Alfredo voltou a sorrir e o diretor foi afastado do cargo.

GENTIL NO SAMBA

Após o treino de ontem, Gentil Cardoso retirou-se para o vestiário, a fim de conversar com o compositor Zé Kéti, que compareceu ao Vasco para convidar o treinador para uma festa em Mangueira, que terá a denominação de Arraza Quarteirão, em sua homenagem.

Na oportunidade, Gentil Cardoso mostrou a Zé Kéti que é compositor, cantando cinco sambinhas, de sua autoria ,que agradaram ao sambista. Os temas das letras dos sambas giraram em tôrno de mulher e preconceito de côr. Zé Kéti poderá gravar um dos sambas de Gentil, e hoje, comparecerá à concentração para fazer um show para os jogadores.

O futuro no Fla x Flu

Ensinava Mário Filho que jamais haveria um Fla x Flu sem emoção. Porque — dizia êle — o Fla x Flu é a própria imagem do futebol, contendo todos os elementos que tornam êsse esporte incomparável: rivalidade, paixão, entusiasmo, sensação e sacrifício.

Hoje, quando acontece outro Fla x Flu, verificamos que as palavras de Mário Filho equivaliam a uma definição do futebol — e do espetáculo. Não era sem fortes motivos que o grande jornalista possuía um carinho especial pelo Fla x Flu, a ponto de elevá-lo a uma situação mística.

É simples compreender. Nas mesmas circunstâncias, quantos jogos resistiriam, no contato com o público, em forma de atração? Quantas equipes no País conseguiriam transmitir calor aos torcedores, após sofrerem, cada uma, três derrotas consecutivas dentro de uma só competição, da qual já foram eliminadas em relação ao título?

Acreditamos que seria impossível reunir duas numa só noite, tal como acontecerá a Flamengo e Fluminense. E não apenas invocando a tradição imperecível no espírito dos torcedores quando essas duas fôrças do futebol carioca se chocam, mas cogitando exclusivamente do presente, pensando no que Fla e Flu, apesar da posição irrecuperável na Taça Guanabara, realizam no momento, para frutificação num futuro bem próximo.

O Fluminense faz um trabalho que todo o Rio de Janeiro segue com grande atenção. Há muito o clube tricolor não adota uma política ostensiva, orientada para o profissionalismo avançado. Não existe alternativa no futebol: ou se produz o craque, desde a menor idade, ou se adquire o craque já feito. Às vêzes, entretanto, não há tempo útil para transformar o juvenil — seja pela qualidade, seja pela quantidade — em jogador de primeiro time, de modo a suprir as necessidades da ocasião. Neste caso, é necessário ganhar tempo até que as jovens possibilidades se cristalizem.

Assim está agindo o Fluminense. Com um esfôrço elogiável, o seu Departamento de Futebol partiu para uma campanha de arregimentação de conhecidos e consagrados craques, formando um conjunto de jogadores respeitável, que se ombreia com os melhores da Cidade. Após as tentativas com Samarone e Cláudio, o clube tricolor foi buscar Suingue e Rinaldo, no Palmeiras. Agora, acaba de conseguir Cabralzinho, que foi um dos esteios da equipe do Bangu na última temporada.

O Flamengo passa por uma fase diferente. Todavia, também realiza uma tarefa de soerguimento do seu time, e justamente pelo processo inverso ao do Fluminense. Embora a contratação do paraguaio Reyes constitua passo semelhante, verifica-se que o Flamengo parte para o aproveitamento dos seus valôres juvenis que se sagraram campeões cariocas êste ano. Pelo menos, o Departamento de Futebol rubro-negro procura testar os jovens, ainda que os verdadeiros rumos não estejam perfeitamente equacionados.

De qualquer forma, Flamengo e Fluminense agem em plena disputa de Taça. A missão, nessas condições, é ingrata, pois a preocupação de ganhar pontos impede que as experiências sejam efetuadas em justo escalonamento, sem recursos de emergência que, muitas vêzes, atrapalham os planos dos treinadores. Não é sem razão que os dois times experimentaram três derrotas e, a cada uma delas, modificações radicais foram introduzidas nas equipes.

O Fla x Flu de hoje representa um jôgo voltado para as ambições de dois clubes no Campeonato Carioca, que sucederá a Taça Guanabara. Sob tal aspecto, ganha interêsse redobrado, podendo oferecer um espetáculo fiel ao melhor padrão do sensacionalismo e da importância histórica que o ligam ao nosso futebol. Porque, mesmo quando a conquista já não é o objetivo imediato, permanece como idéia fixa o dever de ambos no futebol e os compromissos com os seus torcedores.

Continuidade

Mesmo liderando a Taça Guanabara, com duas vitórias, o Bangu mudou de técnico, desviando Martim Francisco para uma função administrativa e confiando a direção do time ao veterano Ondino Viera.

A substituição do treinador, em casos assim, reflete uma situação interna insegura que exigiu providências severas. Aliás, como tivemos ocasião de abordar há vários dias, impunha-se que os dirigentes do Bangu tomassem uma decisão, pois a subordinação da permanência de Martim à obrigatoriedade de vitórias, constituía um foco de agitação capaz de comprometer as possibilidades do excelente quadro campeão do ano anterior.

Com retardo embora, mas sem conseqüências graves na Taça Guanabara, o Bangu entregou o comando a outras mãos. Definiu-se, afinal. E, não há dúvida, escolhendo um nome respeitado. O uruguaio Ondino Viera muito contribuiu para padronizar os sistemas de jôgo no futebol brasileiro, gozando, por isso, de um sólido conceito em nosso ambiente esportivo. Viveu longos anos no Brasil, destacando-se como um estudioso da evolução tática e um severo disciplinador.

O futebol carioca precisa de tôdas as suas fôrças disponíveis em franca atividade progressista. Chegamos a temer que o Bangu pudesse descontrolar-se na incerteza do caminho a seguir, diante dos seus problemas internos na direção da equipe. Porém, já não há receios, e sim a expectativa de que os bangüenses possam conseguir, com Ondino Viera, o mesmo sucesso que obtiveram com Alfredo Gonzalez, em 1966, e com Martim Francisco, no primeiro semestre dêste ano.

Nélson Rodrigues

AS VELHAS GERAÇÕES

I **Amigos, estava eu, ontem, no bar da esquina, fazendo o meu lanche (trato a minha úlcera a pires de leite como se ela fôsse uma gata de luxo). Pois bem: — e, súbito, quem entra, pela porta à dentro, com tôda a saúde e tôda a tensão de sua grande presença? O Dr. Álvaro Cansado, o Nariz da História e da Lenda futebolísticas.**

II Assim que o vejo, abre-se, aos meus pés, todo o abismo do passado. Houve uma coincidência em nossas vidas: — começamos ao mesmo tempo, êle como craque de futebol, eu como cronista esportivo. Nariz representa uma época de minha vida pessoal e jornalística. E quando eu o abracei, com larga e cálida efusão, velhos e fraternos espectros de antigas gerações fizeram alarido dentro de mim. Ao lado do ex-craque, estava a sua filha, Vânia Cansado, doutora e mais: psiquiatra.

III **Ora, o psiquiatra assusta o brasileiro do mesmo modo que o rapa assombra o camelô. Ao ouvir falar em psiquiatria, tremi, confesso, em cima dos meus sapatos. Mas foi uma doce conversa. O nosso Nariz é grande médico em Uberaba, fazendeiro, o diabo. Mas aparece, de vez em quando, por aqui, tangido pela nostalgia da cidade fabulosa.**

IV Eu não o via há anos e, quase dizia, há séculos. Sabemos que a vida é uma luta, corpo a corpo, com o tempo. Mas o Dr. Álvaro Cansado continua o mesmo ou quase. É aquela criatura sólida, compacta, de uma implacável vitalidade. A única concessão que faz ao tempo é uma calvície que se insinua, calvície que se esboça e só. No mais, a sensação que me deu foi a de que é o mesmo daqueles tempos e que a saúde o preserva, miraculosamente.

V **Ora, estou sempre dizendo que o jogador brasileiro é, fisicamente, um fraco. Quando me falam em "futebol-fôrça" no Brasil, tenho vontade de chorar lágrimas de esguicho. O assim chamado "futebol-fôrça" só é possível nos povos bem alimentados. Um inglês come bem há mil anos. Ao passo que o brasileiro, inversamente, lambe rapadura há quatrocentos e sessenta e sete.**

VI É a subnutrição que decidiu o estilo do nosso jôgo. Temos que apelar para o engenho, para a arte, para a fantasia. Os inglêses e alemães, com a robustez de zebu premiado, é que podem fazer um futebol de correrias truculentas e irracionais. Têm fôlego e fôrça para isso. Mas fôssemos todos, como o Nariz, e estaria salva a Pátria.

VII **Nariz fazia a composição ideal da saúde e arte, da fôrça e inteligência, da flama e da base física. Mas ai de nós, ai de nós. Homens assim sempre foram, no futebol brasileiro, excepções escandalosas. No tempo em que o Dr. Cansado reinava na área e imediações, infundia um pânico considerável. Nos choques, o adversário se pulverizava, ao passo que êle permanecia, firme, inarredável, inexpugnável.**

VIII Passamos uma boa meia hora de papo nostálgico. O Geraldo Romualdo estava presente e colaborou com a sua funda e inconsolável saudade. Depois, vim trazer Nariz e Vânia, a psiquiatra. Êles partiram e voltei, com o Geraldo, para a redação. Atrás de nós, vinha gemendo o espectro de velhas gerações.

BATE-BOLA

José Elias Cúri
Salvador — Bahia

"Quero responder ao Sr. Renato Machado que chamou o Edu de "tal". Quero dizer a êle que Edu é um craque. Será que o Sr. Renato já se esqueceu quando o América deu um banho de 11 a 2, no Botafogo?"

Luís Carlos Fonseca
Niterói — Estado do Rio

"Como vascaíno, reconheço que meu clube é o que menos dá oportunidade aos aspirantes. Senão vejamos: o Vasco precisava, e ainda precisa, de um ponta-esquerda, mas ficou procurando a tôa, já que o Ocada resolveria o problema. Na ponta-direita ainda esqueceram o Williaans, e assim como acontece com Paulo Dias, Quincas, Romildo e Rubilosa. O Vasco que abra os olhos porque qualquer dia êsses garotos se cansam de serem injustiçados e vão procurar outro clube. Onde está a tão propalada renovação de valôres do Vasco? Se eu fôsse êsses jogadores já tinha me mandado."

O senhor está bancando o técnico. Mas acontece que o responsável pelo time do Vasco é Gentil e êle ainda não declarou que esteja escalado o time definitivo; deixe o homem trabalhar e êle aproveitará certamente aquêles que tiverem condições.

José Almeida
Brasília — Distrito Federal

"Sou absolutamente contrário aos ataques intempestivos que vem sofrendo o Presidente Veiga Brito. A torcida rubro-negra precisa compreender, por um dever de justiça, que o atual presidente não sendo um homem endinheirado, necessita dedicar-se aos seus afazeres particulares e ainda honrar o seu mandato de deputado, para não trair a confiança dos que o elegeram. É claro que isso não o exime da enorme responsabilidade de presidente do clube mais querido do Brasil. Mas ainda é cedo para julgarmos a sua administração. Vamos pois confiar no seu entusiasmo, na sua honestidade de propósitos, no seu amor ao Flamengo e na sua capacidade já demonstrada na CEDAG. Mas, presidente, paciência, por que manter e prestigiar um Aristóbulo? Entretanto a campanha contra Flávio parece exagerada e improcedente. Flávio é tão rubro-negro quanto nós. Presidente, o senhor lavrou um tento espetacular promovendo Bria. O nosso quadro se ressentia exatamente de uma renovação na base. Os jogadores não são eternos. Carlinhos, por exemplo, é uma glória do Flamengo, mas hoje o seu futebol já está ultrapassado. Finalizando, os meus parabéns ao Bria pelo seu desassombro."

Renato Machado
Guanabara

"Sábado, o meu querido Botafogo demonstrou mais uma vez o seu poderio e o Flamengo se livrou de uma das maiores goleadas de sua história. Mas o que mais me encheu os olhos foi a excepcional atuação de Gérson, que a cada grito de "é êsse", proferido pela torcida do Flamengo, dava um "show". Por favor, senhores diretores do Botafogo, não vendam êsse craque, pois o nosso time vai se lamentar muito. Gérson, não ligue para o que dizem a seu respeito, e mostre a todos êsses cada vez mais o seu talento. Quanto a questão de torcida, pelo que soube, a nossa não poderia soltar fogos mas a do Vasco soltou. A imprensa não tem dado importância ao fato do concurso de torcida e ficaria muito satisfeito se "o cor-de-rosa" publicasse dados com a colocação."

América perde Almir e Eduardo para amanhã

Problemas de Ondino fazem Martim opinar

Depois de dissipar a dúvida entre Norberto Hopper e Del Vecchio para substituir Dé, no jôgo de amanhã, contra o América, preferindo Del Vecchio por estar melhor física e tècnicamente, o técnico Ondino Vieira passou a admitir a entrada de Tonho na extrema-direita, com Paulo Borges no miolo.

Ondino relacionou Tonho e Del Vecchio para a concentração e sòmente hoje, após uma conversa com o ex-treinador Martim Francisco, decidirá o substituto de Dé, conforme revelou. Outra mudança prevista pelo nôvo treinador, é a volta de Fidélis, que operou as amígdalas, no lugar de Cabrita.

Mudanças

De tênis, calça e blusão, pois não trouxe tôda sua roupa de Montevidéu, Ondino comandou o seu primeiro individual no Bangu, após sua volta, durante 45 minutos. Ao contrário de Martim, o treinador ordenou os exercícios com os jogadores em fila por um e de modo diferente, fazendo todos sentirem a mudança. No final, realizou um treino tático com todo o ataque.

O ex-tricolor Mário, licenciado para resolver alguns problemas particulares, e ponta-de-lança, Dé foram os únicos ausentes. O goleiro Devito, que operou o joelho há um mês, treinou normalmente e já na próxima semana retornará aos coletivos, a fim de lutar com Néri pela regra três de Ubirajara, que antes era sua.

Mário Tito, poupado do coletivo de anteontem, também se exercitou normalmente, apesar de ainda estar sentido leves dôres na unha encravada do dedão do pé direito. Segundo o Dr. Arnaldo Santiago não há motivo para preocupação, pois até amanhã estará bom.

Dé, por sua vez, continua no tratamento com o massagista Pastinha, e já se apresenta bem melhor da inchação no tornozelo direito, onde teve torção e sofreu uma pancada de Fontana, no jôgo contra o Vasco. O jogador, mesmo que se recupere até amanhã, ficará de fora a fim de ser poupado para a partida contra o Flamengo.

Del Vecchio disposto

Depois de uma conversa franca com o técnico Ondino Viera, quando confessou estar ainda sem condições físicas ideais, Norberto Hoper abriu maiores possibilidades a que Del Vechio possa estrear no Bangu, pois se encontra em forma e disposto a jogar, coisa que não acontecia há dias atrás.

Ambos os jogadores tiveram ontem regularizadas suas situações na FCF. Hopper ficará um mês em experiência, enquanto Del Vecchio permanecerá até o final do ano, percebendo ambos NCr$ 800 por mês. Del Vechio conseguiu o empréstimo de seu passe, pelo Boca Juniors, que ainda lhe deve NCr$ 13,50, motivo por que abriu mão do pedido.

Ao saber que por várias vêzes Paulo Borges fôra deslocado para a ponta-de-lança com Tonho em sua posição, e com muito sucesso, sempre por fôrça de contusão, como é agora o caso com Dé, Ondino preferiu admitir a hipótese, para depois acentuar que seu trabalho no início terá que ser feito dessa forma.

Para tanto procurará ouvir sempre que necessário, o ex-técnico Martim Francisco, que agora é apenas o administrador do estádio e da concentração, cargo por sinal, que sempre ocupou com muita eficiência. A saída de Cabrita para permitir o retôrno de Fidélis, é outro problema a resolver, principalmente por saber que o reserva vem tuando com destaque, o que aliás, sempre aconteceu.

Recreação hoje

Na manhã de hoje, Ondino realizará apenas uma recreação ligeira, ao contrário do que se esperava, pois hoje sempre foi dia de coletivo. Ondino preferiu assim pelo inconveniente de se treinar um dia antes do jôgo. As 9h30m, o treinador movimentará os jogadores já relacionados para a concentração ou sejam: Ubirajara, Néri, Cabrita, Fidélis, Mário Tito, Pedrinho, Luís Alberto, Ari Clemente, Jaime, Jair, Ocimar, Tonho, Paulo Borges, Ladeira, Del Veccio, e Aladim, ficando os demais para uma hora após. A concentração será iniciada às 21h30m, nas dependências da Vila Hípica.

Ondino depende de Martim para escalar o time

Eduardo não resistiu a mais de 5 minutos de treinamento, acusando tonteiras e total impossibilidade de cabecear, sendo por isso mesmo, imediatamente afastado pelo treinador Evaristo, que, inclusive, liberou-o da concentração, convocando Artur para integrar o ataque titular, já com escalação garantida para amanhã.

Almir, por outro lado, não conseguiu condições nem para treinar, voltando a acusar dores no dorso do pé direito, que contundiu no treino de têrça-feira, ficando à margem do coletivo, e foi também liberado pelo treinador da concentração, ficando fora de cogitações a sua estréia contra o Bangu.

Depois de tentar na equipe de reservas mostrar que tinha condições para jogar amanhã, contra o Bangu, Eduardo confessou a Evaristo que não adiantava prosseguir. Sentiu tonteiras e receio de cabecear, além de absoluta falta de ânimo.

Evaristo não esperou maiores detalhes e imediatamente autorizou-o a deixar o campo, chamando Artur para a sua vaga.

Eliminada a possibilidade de contar com Eduardo ou com Almir, restou a Evaristo uma única dúvida para a escalação definitiva da equipe que enfrentará, amanhã, o Bangu: Ita ou Arézio.

O técnico rubro confessava ontem, após o treinamento, que estava inclinado a manter Arézio, não só pela sua boa atuação na partida com o Fluminense, como também por se encontrar êle em melhores condições físicas que Ita, ainda convalescendo de uma gripe violenta contraída no final da semana passada.

Evaristo relacionou para a concentração, iniciada na noite de ontem, os seguintes jogadores: Ita, Arézio, Sérgio, Alex, Aldeci, Dejair, Marcos, Ica, Joãozinho, Antunes, Edu, Artur, Fará, Mareco e Jarbas Tonel.

A equipe provável, se não houver nenhum imprevisto de última hora, será a seguinte: Arézio, Sérgio, Alex, Aldeci e Dejair; Marcos e Ica; Joãozinho, Antunes, Edu e Artur.

Amanhã, em horário que dependerá da recuperação que apresentarem os jogadores, Evaristo completará o treinamento, realizando no campo da concentração, no quilômetro 18 da Rio-Petrópolis, um treino recreativo.

Por não ter havido tempo no dia de ontem para se completarem os detalhes finais da transferência, ficou adiada para segunda-feira a apresentação de León, bem como a assinatura do contrato.

Entre o Flamengo e o América já não existe mais problemas, tendo o jogador sido autorizado a se apresentar em seu nôvo clube, o que realmente fêz, comparecendo à tarde, no Andaraí, onde conversou com Evaristo, que marcou para segunda-feira o início de seus treinamentos.

O negócio, afinal, foi feito sem qualquer ligação com Amorim, ficando o América obrigado ao pagamento de NCr$ 10 mil à vista e os restantes NCr$ 25 mil em 5 parcelas de NCr$ 5 mil cada uma.

Jaime fôrça América a mudar seu esquema

Durante 45 minutos, duração da primeira fase do coletivo de ontem, o América treinou com esquema nôvo, com Joãozinho procurando bloquear e dar o menor espaço de campo possível para que Fará, no caso cumprindo o papel que executa Jaime, no Bangu, pudesse jogar livremente, além de ter avançado Sérgio pela lateral direita, espaço que Aladim abre, no Bangu, voltando para auxílio de seu meio-campo.

Na fase final, Evaristo abandonou o esquema tentado no primeiro tempo, passando Joãozinho a jogar pela direita, como faz habitualmente, tendo a equipe principal numa e noutra fase, e com os dois esquemas tentados, realizado brilhante atuação, arrancando palmas freqüentes da numerosa torcida presente, ontem à tarde, no Andaraí.

Treino bom

Com Joãozinho destacando-do no cumprimento da missão que Evaristo lhe confiou, de impedir que Fará pudesse armar livremente as jogadas de meio-campo do time reserva, e com todo ataque em grande tarde, chutando quase que de minuto em minuto em gol, além de realizar excelentes tramas, com participação de todos os seus integrantes, a equipe titular americana realizou na tarde de ontem, excelente atuação.

Edu e Antunes voltaram a funcionar com fôrça total, mas Joãozinho e Artur, escalado na vaga de Eduardo, não ficaram em segundo plano, cumprindo também ótima atuação.

No meio campo, Marcos teve papel destacado, completando com Ica, excelente na destruição, uma excelente dupla. A linha de quatro zagueiros, facilitada pelo bloqueio do meio-campo, jogou tranqüila, demonstrando, também, ótima forma.

Os números

O primeiro tempo de 45 minutos, foi vencido pelos titulares por 3 a 1, marcando Artur, Antunes e Joãozinho para os titulares e Tonel, de penalte, para os reservas. No período final contra os aspirantes, os titulares não foram além de um empate de 1 a 1, marcando Artur e Jonas para os aspirantes.

As três equipes em ação treinaram com a seguinte formação: Titulares — Arézio; Sérgio, Alex, Aldeci e Djair; Marcos e Ica; Joãozinho, Antunes, Edu e Artur. Reservas — Ita; Zé Carlos, Luciano, Mareco e Wilson Valença; Fará e Paulo César; Angelo, Gilson, Tonel e Eduardo (Artur). Aspirantes — Barreto; Jacaré, Luís Carlos, Gilson II e Zé Carlos II; Renato e Tião; Jonas, Suquinha, Clésio e Tininho.

Esquema

Evaristo afirmou, após o treino, que o esquema usado na etapa visava, realmente, anular Jaime no meio-campo, mas que era apenas uma idéia, que podia ou não usar, dependendo do andamento da partida. Por isso é que, no tempo final, fêz Joãozinho voltar à sua posição habitual, pois só forçará o time jogar num esquema que não o seu habitual, se fôr absolutamente necessário.

Concursos apontam os melhores da Taça GB

De acôrdo com os pontos atribuídos pelas respectivas Comissões Julgadoras, após os jogos da terceira rodada, é a seguinte a situação nos concursos de promoção da Taça Guanabara:

Goleiro menos vasado: 1.º lugar — Ubirajara (Bangu); Renato (Flamengo); Arézio (América) e Manga (Botafogo) — 2 pontos negativos. 2.º lugar — Ita (América); Márcio (Fluminense) — 4 pontos negativos. 3.º lugar — Franz e Valdir (Vasco) — 6 pontos negativos. 4.º lugar — Jorge Vitório (Fluminense) — 7 pontos negativos. 5.º lugar — Marco Aurélio (Flamengo) — 13 pontos negativos.

Melhor artilheiro: 1.º lugar — Edu (América) e Nei (Vasco) — 18 pontos positivos. 2.º lugar — Dionísio (Flamengo), Eduardo (América), Roberto (Botafogo), Dé (Bangu) — 12 pontos positivos. 3.º lugar — Ademar (Flamengo), Antunes (América), Jair (Botafogo), Denilson (Fluminense), Oldair e Luisinho (Vasco) e Jardel (Fluminense) — 6 pontos positivos. 4.º lugar — Aladim (Bangu), Brito (Vasco) e Jaime (Bangu) — 4 pontos positivos.

Melhor árbitro: 1.º lugar — Cláudio Magalhães — 78,5 pontos; 2.º lugar — Gualter Portela Filho — 54,5 pontos; 3.º lugar — Frederico Lopes — 40,0 pontos; 4.º lugar — Arnaldo Cesar Coelho — 38,5 pontos; 5.º lugar — José Aldo Pereira — 32,0 pontos; 6.º lugar — José Teixeira de Carvalho — 26,0 pontos.

FCF chama fiscais para quarta rodada

A Federação Carioca de Futebol escalou para funcionarem nos jogos de amanhã, sábado e domingo, no Estádio Mário Filho, na quarta rodada da Taça Guanabara, os seguintes fiscais e auxiliares:

Delegados Fiscais: A — B e C.

Auxiliares dos Delegados Fiscais: 13 — 29 — 34 — 49 — 72 — 81 e 106.

Conferentes: 1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6 — 7 e 8.

Chefes de Setor: B — C — D — E — F — G e H.

Fiscais para sexta-feira: 167 — 169 — 170 — 171 — 173 — 174 — 175 — 176 — 179 — 180 — 182 — 183 — 185 — 188 — 192 — 195 — 197 — 198 — 199 — 200 — 201 — 1 — 2 — 4 — 5 — 6 — 11 — 12 — 14 — 16 — 17 — 18 — 20 — 21 — 22 — 23 — 24 — 26 — 27 — 28 — 30 — 31 — 32 — 33 — 35 — 36 — 37 — 38 — 39.
37 — 38 e 39.

Sábado: 42 — 44 — 45 — 46 — 47 — 48 — 50 — 51 — 52 — 53 — 55 — 56 — 58 — 59 — 60 — 61 — 64 — 65 — 67 — 68 — 69 — 70 — 71 — 73 — 74 — 76 — 77 — 78 — 80 — 82 — 83 — 84 — 85 — 86 — 88 — 90 — 91 — 92 — 93 — 94 — 95 — 96 — 98 — 99 — 100 — 102 — 103 — 104 — 105 — 107 — 108 — 110 — 111 — 113 — 112 — 116 — 118 — e 119.

Domingo: 122 — 123 — 124 — 125 — 126 — 127 — 128 — 129 — 132 — 134 — 135 — 136 — 137 — 138 — 140 — 142 — 143 — 144 — 145 — 146 — 147 — 148 — 150 — 153 — 154 — 155 — 156 — 157 — 158 — 160 — 162 — 166 — 167 — 169 — 170 — 171 — 173 — 174 — 175 — 176 — 179 — 180 — 182 — 183 — 185 — 188 — 192 — 195 — 197 — 198 — 199 — 200 — 1 — 2 — 4 — 5 — 6 — 11 e 12.

Reservas: 14 — 16 — 17 — 18 — 20 — 21 — 22 — 23 — 24 — 26 — 27 — 28 — 29 — 30 — 31 — 32 — 33 — 35 — 36 — 37 — 38 e 39.

Ruiter leva a mulher para França

Recife (SP-JS) — O atacante Ruiter, que pertenceu ao Santa Cruz e se casou no sábado em Aracaju, partiu para a França com a mulher e o preço do passe de Miruca, ponta-direita do Náutico. Ruiter vai jogar mais uma temporada pelo Les Girondins, de Bordeaux.

Fluminense legalizou Cabralzinho

O atacante Cabralzinho teve sua situação [illegible] como defensor do Fluminense, ontem, na Federação Carioca de Futebol. O Bangu fêz primeiro a comunicação da rescisão do contrato de Cabral e da cessão dos direitos sôbre o mesmo ao Fluminense. O clube tricolor logo em seguida pediu a transferência e registrou o contrato de Cabralzinho na entidade.

Ainda ontem, o Bangu registrou na FCF o contrato de seu nôvo técnico, o veterano uruguaio Ondino Viera.

Atlético vai bater recorde em Curitiba

Curitiba (SP-JS) — A renda do jôgo entre o Curitiba e o Atlético de Madri, domingo, deve superar a casa dos NCr$ 100 mil, uma vez que já encontra pràticamente vendida tôda a lotação do Estádio Belfort Duarte, a despeito de uma arquibancada custar NCr$ 5. Um Volkswagen será sorteado entre os espectadores, mas só a participação da tômbola os torcedores que comprarem ingressos até amanhã.

O Atlético de Madri chegará hoje a Curitiba e fará amanhã um ligeiro ensaio no Estádio Belfort Duarte, para se acostumar ao campo. O Coritiba, que é o atual líder do Campeonato Paranaense, já escalou a sua equipe: Joel; Vivi, Bento, Nico e Reis; Hugo e Nilson; Orosmar, Válter, Krieger e Gaúchinho.

Suspenso

Apenas um jôgo do Campeonato foi suspenso em razão da partida entre o Coritiba e o Atlético: a que o líder faria contra o Primavera, a qual foi adiada para o outro sábado, dia 12. Os jogos mantidos foram Atlético Paranaense e Apucarana, sábado, em Curitiba; Seleto e São Paulo, em Paranaguá, o Londrina e Ferroviário, em Londrina, no domingo.

A colônia espanhola de Curitiba vai oferecer uma recepção ao Atlético de Madri na noite de hoje. No domingo, após, o jôgo, haverá um grande baile, para o qual foi convidada tôda a delegação visitante, inclusive os jogadores. O Governador do Estado, Sr. Paulo Pimentel, assistirá ao jôgo.

Olaria e Portuguêsa jogam na preliminar

Olaria e Portuguêsa jogarão hoje à noite, em prosseguimento ao Torneio José Trócoli, no Estádio Mário Filho, a preliminar de Flamengo e Fluminense, com início previsto para as 19h15m. Os dois times encerrarão seus preparativos hoje cedo, com leves treinos de recreação.

O Olaria, depois da boa apresentação que fêz contra o São Cristovão, quando marcou o maior escore do torneio, perdeu logo a seguir para o Campo Grande, muito embora o time da zona rural jogasse uma parte do primeiro tempo e todo o segundo com apenas dez jogadores, já que Ênio foi expulso aos 35m.

O técnico da Portuguêsa, Major Murilo de Carvalho, prometeu uma boa apresentação do seu time para hoje à noite, afirmando, mesmo, que a derrota para o Bonsucesso foi coisa normal de futebol, e que hoje, contra o Olaria, tem certeza de que jogarão muito melhor, esperando vencer para continuarem no páreo do título.

O técnico Jair Bonventura, do Olaria, tem, apenas, uma dúvida no time para o jôgo de hoje à noite, que é na lateral direita, pois não sabe, ainda, se poderá contar com Mura. Se o zagueiro, que foi do Botafogo, puder jogar será êle o titular, caso contrário Estêves continuará no pôsto, pois não comprometeu contra o Campo Grande, sendo um dos poucos que se salvaram. O time provável do Olaria será: Ubirajara; Mura (Estêves), Miguel, Osmani e Alfinête; Eliseu e Hélinho; Naldo, Antoninho, Silva e Escurinho.

A arbitragem estará a cargo do Sr. Antônio da Graça, sendo auxiliado por Ademar Pereira da Cruz e Arão Glasberg.

Portuguêsa sem Rodrigues por indisciplina

São Paulo (Sucursal) — A indisciplina do ponteiro Rodrigues impediu, ontem, a sua contratação pela Portuguêsa de Desportos, que mandou o dirigente José Castro, ao Rio, com o objetivo de contratar o jogador, chegando mesmo a se entender com o Flamengo, quando ficou estabelecido entre os dois clubes a importância de NCr$ 80 mil, pela cessão do passe do ponteiro.

O clube paulista chegou a dar o negócio como fechado, como também o Flamengo, mas em poucas horas tudo ficou desfeito, primeiro pela exigência do jogador em receber NCr$ 40 mil a título de luvas e, segundo, porque em sindicância feita sôbre a vida de Rodrigues, constatou o dirigente paulista tratar-se de jogador indisciplinado.

Torcida contra

Ao desembarcar em São Paulo, o Sr. José Castro deu ciência aos Diretores da Portuguêsa das exigências de Rodrigues e do resultado da sua sindicância sôbre o comportamento do ponteiro.

— Eu desconhecia — observou o dirigente — detalhes sôbre o comportamento de Rodrigues, e quando soube que êle chegou a procurar briga com o seu treinador e ouvir dêle a exigência de NCr$ 40 mil, voltei para São Paulo torcendo para que a alta direção da Portuguêsa não ratificasse a transação.

— Foi o que aconteceu — completou —, embora com algum constrangimento para a Portuguêsa, que já havia fechado o negócio com o Flamengo. Mas, agora, o clube carioca já foi cientificado de nossa desistência, depois de ouvir tôdas as explicações devidas. Porém, agora, já não poderemos sustentar a mesma proposta.

Câmera

LUIZ BAYER

Em sua reunião de ontem, a diretoria da Confederação Brasileira de Desportos tomou conhecimento da exposição do Presidente João Havelange acêrca do caso surgido com o Almirante Heleno Nunes e aprovou inteiramente a sua conduta em tôda a questão. Ao examinar o pedido de demissão formulado pelo Almirante Heleno Nunes, a diretoria resolveu considerá-lo imprescindível no cargo de Diretor de Futebol e recordou que aquêle dirigente destacou-se nas suas funções pelas qualidades demonstradas e sobretudo pelos seus conhecimentos dos problemas referentes ao futebol.

O assunto da renúncia do Almirante Heleno Nunes levou na realidade a diretoria da CBD a manifestar-se inteiramente favorável à continuação daquele dirigente no seu pôsto e o terceiro item da nota oficial que foi logo em seguida expedida observa: "Renovar sua confiança no Sr. Almirante Heleno Nunes certa de que investido da sua autoridade que lhe confere o Estatuto da entidade, poderá prestar os mais relevantes serviços ao futebol brasileiro". Como se vê, o Almirante Heleno Nunes foi realmente prestigiado.

O Bangu reagiu enérgica e violentamente em face dos debates que a semana ofereceu devido ao seu encontro com o Vasco. Em ofício dirigido ontem à Federação Carioca de Futebol o clube suburbano deixou patenteada a sua posição, usando de expressões enérgicas e violentas. Para melhor ilustrar a posição do Bangu vamos divulgar o teor do ofício na íntegra:

"Considerando as insinuações maldosas, levianas e desonestas que se têm tornado públicas com referência à arbitragem dos jogos disputados pelo Bangu na Taça Guanabara;

—— Considerando que tais insinuações omitem conceitos desprimorosos, caluniosos, injuriosos e ofensivos às gloriosas tradições do clube que tenho a honra de presidir;

—— Considerando que não se tem levado em conta as indiscutíveis qualidades técnicas do seu elenco campeão da cidade o melhor colocado entre os clubes cariocas no último Campeonato Roberto Gomes Pedrosa;

—— *Considerando que o Bangu jamais se preocupou com a indicação dêste ou daquele árbitro para os seus jogos, visto que todos os que integram o quadro de árbitros dessa Federação merecem nossa integral confiança, vimos pedir à V. Sa. que solicite ao valoroso e digno co-irmão América FC a indicação do árbitro e de seus auxiliares para o jôgo do próximo sábado entre nossas equipes em disputa da já mencionada Taça — Assinado: Eusébio de Andrade e Silva, Presidente do Bangu.*

A CBD completou, ontem, tôdas as providências para impedir que a equipe da Portuguêsa jogue hoje em Nova Iorque contra um adversário da chamada liga fantasma. O Sr. Abílio de Almeida reiterou, ontem, a posição da entidade nacional no caso e deixou claro que se a Portuguêsa transgredir a ordem, será severamente punida, podendo ser mesmo afastada do campeonato carioca dêste ano. Frisou que a FIFA está acompanhando o caso com muita atenção e não haverá quem livre o clube carioca das sanções legais.

A transferência de Leon, do Flamengo para o América, consumou-se, afinal, na manhã de ontem. O presidente do América foi, pessoalmente, ao escritório do Sr. Gunnar Goransson para tratar do assunto e conseguiu ser bem sucedido após uma hora de conversações. O América concordou em pagar vinte e cinco milhões de cruzeiros pela transferência e o pagamento não terá nenhuma relação com o empréstimo feito há pouco tempo do apoiador Amorim. Ficou resolvido que o América manterá o acôrdo sôbre Amorim e o Flamengo poderá ficar definitivamente com o jogador se assim lhe interessar.

O Presidente João Silva confirmou ontem a sua condição de candidato à reeleição e assegurou que pretende dar execução ao plano de construção da nova sede da Avenida Presidente Vargas. Adiantou ainda o Sr. João Silva que conta com o apoio de tôdas as altas esferas do clube e acredita assim que poderá perfeitamente cumprir o programa que elaborou no sentido de expandir o Vasco e assegurar-lhe tôdas as oportunidades para o seu crescimento.

Em outras circunstâncias, um Fla-Flu seria um acontecimento da mais alta expressão, que arrastaria ao Estádio Mário Filho a multidão que geralmente comparece e prestigia aquêle espetáculo. O desta noite, porém, não oferece os mesmos motivos e por isso passará apenas como um fato rotineiro da Taça Guanabara sem maiores emoções. Flamengo e Fluminense já não mais aspiram mais ao título e tudo isso explica a fisionomia do jôgo de hoje em que aquêles velhos adversários tentarão apenas a sua primeira vitória no certame já que até agora nada obtiveram de prático.

Palmeiras dá descanso a D. Santos

São Paulo (Sucursal) — Djalma Santos ganhou licença de dez dias no Palmeiras e irá gozá-la em Lindóia, por conta do clube, que decidiu financiar a estação de águas do jogador e de sua família.

Enquanto o Palmeiras anuncia substituições em sua equipe para o jôgo com o Santos, o clube de Vila Belmiro também está seguro de que Pelé estará na equipe, para um dos maiores clássicos do futebol de São Paulo, a se realizar domingo.

Técnicos trabalham

Do lado do Palmeiras, Aimoré Moreira procura dar ao time uma formação ideal, promovendo alterações tais como a a da substitução de Dorval por Dário, de Minuca por Osmar e a continuação de Geraldo.

No Santos, por sua vêz, o técnico Antoninho prepara quase que modificação radical no time, fazendo retornar Pelé, Gilmar, Orlando, Zito e Abel.

São Paulo fica sem a zaga titular

São Paulo (Sucursal) — Belini e Jurandir, ambos com problemas de contusões, são as preocupações maiores do São Paulo para o seu jôgo de sábado, com o Comercial de Ribeirão Prêto, no Morumbi, quando o time tricolor defenderá a sua condição de co-líder do Campeonato. Outros problemas estão a afligir a direção técnica tricolor, às voltas com dificuldades também para compor o ataque, em razão do ponteiro-direito Almir, que não vem atuando bem.

Paraná, caso Almir não seja liberado para o jôgo, será deslocado para a direita, para dar lugar à entrada de Osnhoto na esquerda. No meio do campo, Nenê e Benê disputam as preferências do treinador, que não viu em Nenê rendimento satisfatório, no que espera encontrar em Benê. Os dois se revezaram na posição no coletivo de ontem, com duração de 35 minutos.

Coletivo tira dúvida de Zezé

São Paulo (Sucursal) — No treino coletivo marcado para hoje, o técnico Zezé Moreira irá dirimir as duas dúvidas que tem para a formação do Corintians, com vistas ao jôgo de sábado, contra o Juventus, no Pacaembu.

Uma das dúvidas, a volta de Flávio ao comando do ataque, está pràticamente superada, dada a disposição do treinador em promover o retôrno do artilheiro. A outra dúvida se concentra no meio de campo, com a possível substituição de Nair por Dino. Ontem houve treino individual com Silva representando o único ausente dispensado que foi para tratar de seus negócios em Santos.

Pedro Paulo machucado é uma das dúvidas do Cruzeiro

CRUZEIRO MAL PARA JOGAR COM UBERABA

O Cruzeiro é ainda um time cheio de problemas e o técnico Aírton Moreira não sabe se vai poder contar com Zé Carlos, Tostão, Hilton Oliveira, Pedo Paulo e Ilton Chaves para o jôgo de domingo contra Uberaba, no Estádio Boulanger Pucci, de Uberaba. Só uma revisão médica amanhã poderá dizer quais os jogadores que estão em condições.

Tostão treinou ontem, mas sentindo o joelho direito, dizendo que não pode se apoiar na perna, enquanto Pedro Paulo afirmava que jogou sem condições em Piracicaba, apesar de ter avisado ao médico Joaquim Daniel, que não acreditou em sua contusão, afirmando que êle não queria era jogar, contra o XV de Novembro.

Problemas de Aírton

O técnico Aírton Moreira afirmou ontem que não podia antecipar o time que joga em Uberaba, por causa das contusões, mas após o apronto de hoje manter conversa com o médico Joaquim Daniel para ver as condições físicas de cada um. Para o treinador, Tostão e Pedro Paulo devem jogar, mas antes vai pedir que os dois façam teste de campo hoje.

Hilton Oliveira participou do individual de ontem, e sentiu o joelho direito, enquanto o médico Joaquim Daniel afirmou que isso é normal porque êle não está ainda totalmente recuperado da contusão que o afastou no time. No coletivo de hoje, Aírton Moreira faz um teste com Hilton e se êste voltar a sentir a contusão, Davi fica na ponta-esquerda.

Zé Carlos voltou a se queixar do estiramento na coxa direita e nem apareceu ontem para treinar, criando problemas, pois Ilton Chaves, que é seu substituto e de Piazza, no meio-de-campo, ficou também na enfermaria, sentindo pancada no joelho direito. Todos êsses jogadores, fazem um teste hoje cedo, antes do coletivo.

Treino com Paulo

Aírton Moreira nem viu o individual que Paulo Benigno dirigiu ontem cedo para os jogadores, pois premaneceu na secretaria conversando com os diretores Carmine Furletti, Geraldo Moreira e Hugo Marinho, sôbre o jôgo com o Uberaba, domingo, e o amistoso em Piracicaba, com o XV de Novembro. O individual começou às 9 horas, e, no final, todos os jogadores estavam reclamando, pois sentiam muito cansaço.

Depois de exigir muito dos jogadores, Paulo Benigno dirigiu exercícios de barreiras e salto em altura. Participaram do treino Didi, Fasano, Neco, Murilo, Tonho, Celton, Dawson, Tostão, Gleisson, Batista, Valdir, Vitor, Darci, Wilson Almeida, Ari, Vicente, Raul, Antoninho, Dirceu Lopes, Didi e Evaldo.

O Cruzeiro pediu ontem à noite que a Federação Mineira escale um trio de arbitragem para o jôgo de domingo contra o Uberaba, não concordando só com a indicação de um juiz, que será auxiliado por bandeirinhas da liga local, pois acha que isso só serviria para prejudicar seu time.

Além do problema de juízes, o Cruzeiro quer que a Federação mande, também, fiscais para Uberaba para controlar a renda, já que tem certeza de que haverá evasão de renda e tudo está entregue ao Vice-Presidente Edmundo Lambertucci, que está indo à FMF para cuidar do assunto.

Viagem da delegação

A viagem da delegação para Uberaba será feita amanhã cedo, num avião da Varig, DC-3, que deixa o Aeroporto da Pampulha às 7h30m. O Cruzeiro, em Uberaba, se hospedará no Palace Hotel, retornando domingo, logo após a partida, e os jogadores serão dispensados tão logo cheguem a Belo Horizonte.

O bicho pelo empate em Piracicaba de 1 a 1 com o XV de Novembro, foi fixado em NCr$ 100,00 e, segundo o vice-presidente Cármine Furletti, será pago ainda hoje, depois do coletivo. A concentração começa, também, depois do coletivo, com os jogadores indicados pelo técnico Aírton Moreira.

Depois Dirceu Lopes e Tostão fizeram exercícios em separado, com o auxiliar Adelino. Dirceu Lopes estava com blusão de nylon, para perder pêso e disse que sentiu uma pancada no tornozelo direito, enquanto Tostão queixava-se do joelho direito, afirmando que nem podia se apoiar na perna.

No Departamento Médico, Ilton Chaves, fazia ondas-curtas; Vavá, vibração no joelho direito; Pedro Paulo, forno no tornozelo direito e no joelho; Hilton Oliveira, ondas-curtas no joelho direito; Tostão, também no joelho direito e Piazza, ultra-som no joelho.

Humberto poderá ser atração no Atlético

Com Humberto tomando contato com os seus novos companheiros e Buião, Ronaldo, Grapette e Luisinho fazendo exercícios à parte, por causa de suas contusões, o Atlético prosseguiu na manhã de ontem os treinamentos para jogar domingo contra o Vila, na principal partida da sexta rodada do campeonato mineiro.

O lateral-direito Humberto era o nome mais comentado ontem, no clube, não só por todos os jogadores, que desejavam conhecê-lo mais de perto, como, também, pelos torcedores que compareceram ao Estádio Antônio Carlos para assistir ao treino individual. O jogador não se mostrou tímido, conversando com todos e mostrando sua satisfação em vir para o Atlético.

Os contundidos

O técnico Fleitas Solich ficou mais satisfeito ontem cedo, quando observou que todos os contundidos já estavam melhor e puderam treinar ligeiramente, salientando que se êles estiverem em forma hoje poderão participar do coletivo.

Ronaldo, Buião e Grapete retornaram às atividades ontem, fazendo exercícios em separado, num canto do estádio, não forçando, contudo, os locais contundidos, mas todos estão esperançosos de poder treinar normalmente hoje, à tarde.

Os três jogadores, logo depois da ligeira prática, foram ao Departamento Médico, quando fizeram tratamento. Ronaldo fêz forno no joelho direito e Grapete, depois de uma aplicação de cortizona, fêz ondas-curtas no joelho esquerdo. Dilainho, que não treinara na quarta-feira, fêz o individual normalmente, nada mais sentindo no braço direito.

Humberto treinou

O lateral-direito Humberto, contratado à Ferroviária de Vitória, foi a principal novidade do treino individual realizado ontem cedo, no Estádio Antônio Carlos, tendo logo à entrada prometido corresponder ao esfôrço do Atlético em comprar seu passe.

Humberto, que vai fazer anos no próximo dia 30, disse que já acertou tudo para assinar contrato com o Atlético, devendo receber NCr$ 4 mil de luvas e ordenado mensal de NCr$ 300. Caso se firme como titular, terá um aumento de NCr$ 4 mil nas luvas, equiparando-se aos titulares.

O encarregado do Departamento Técnico, Sr. Fernando Alves, providenciou ontem o registro do contrato de Humberto, para colocá-lo em condições de jôgo, mas antes ficou em dúvida, porque o pai do jogador só tinha assinado em três vias do contrato, mas logo a dúvida ficou dissipada, porque Humberto já é casado e, portanto, emancipado.

Individual

O goleiro Hélio foi o primeiro a chegar em Lourdes, trocando de roupa às 8h30m. Depois foi sentar-se ao lado do campo, conversando com os repórteres, até que os demais foram chegando, por volta das 9 horas, para o início do individual.

O preparador físico Léo Coutinho, depois de apresentar Humberto aos demais jogadores, iniciou o treino, às 9h20h, que constou de exercícios normais de flexões, corridas, piques, passadas largas, saltos em barreira e na fôrça, tudo supervisionado por Fleitas Solich, que controlava também os exercícios de Buião, Ronaldo e Grapete, que se exercitavam em separado.

Coletivo hoje

O time do Atlético encerrará hoje suas atividades para jogar contra o Vila Nova. O técnico Fleitas Solich marcou a apresentação dos jogadores para as 14h30m, e às 15 horas será iniciado o coletivo-apronto.

JANELA ABERTA

Ondino volta ao seu grande cenário de guerra

GERALDO ROMUALDO DA SILVA

— Jamais nos banharemos duas vêzes nas águas do mesmo rio.

A frase é de Demócrito. Mas quem a cita é Ondino Viera, o mais filósofo dos treinadores sul-americanos. Tão filósofo que, ao desembarcar no Rio pela primeira vez em 42, foi retirado do navio pela Polícia, a fim de provar se era ou não representante da jovem esquerda acadêmica do Uruguai.

Salvou-o o Fluminense.

Mencionando o provérbio Ondino busca interpretar, em têrmos de parábola, a crescente e incontrolável mutação lograda pelo futebol-tático a partir daquele histórico momento em que o velho Chappman, do Arsenal de Londres, criou o WM como arma de combate à nova lei do impedimento.

A nova lei do impedimento, ditada em 1925, permitia aos atacantes maiores facilidades de chegarem à porta do gol sem precisar vencer o obstáculo dos dois zagueiros clássicos. Depois dela consagrada, bastaria um só adversário para caracterizar o off-side. Chappman quebrou a cabeça e inventou o WM.

— Ignorar, por exemplo — frisa Ondino — a existência, nesta hora, do futebol-fôrça, é ignorar a própria evolução do futebol na sua essência. O futebol-fôrça existe. E perdurará por muitos anos. Apenas, para vencer o tempo, terá que aliar-se à técnica, à arte do bem jogar.

Ondino Viera foi o primeiro técnico do Bangu, na fase do chamado profissionalismo-espetáculo, a dar ao clube a dimensão pretendida de "grande por fora e por dentro". Isto é, de candidato real aos títulos mais importantes do futebol carioca.

Até 51, o Bangu ainda era um clube de ambições indefinidas. Sua glória maior, e única, no futebol estava perdida nas cinzas de 1933. Em 51, porém, o Bangu entrou fumegante no campeonato. Começou ganhando o Torneio Início e manteve-se na liderança do certame principal, até o fim.

Mas não pôde chegar ao título. Ficou em segundo lugar. Disputando a "melhor de três" com o Fluminense, já no Estádio Mário Filho, ficou desfalcado logo na primeira partida, do excelente concurso de seu lateral-direito Mendonça, um dos esteios do time. Foi num choque, até hoje discutido, com Didi. A fratura exposta levou Ondino a improvisar um titular imaturo para a posição. Mirim foi recuado para a esquerda e a intermediária tôda remexida. Mendonça nunca mais jogou. E o Bangu foi derrotado nas outras duas batalhas.

A Ondino Viera, muito mais do que qualquer treinador, deve o futebol brasileiro seu ciclo mais dinâmico de evolução tática, partindo do WM estático de Kuerschner à Diagonal e ao 4-2-4. Antes dêle, nem a Diagonal e nem o 4-2-4 haviam se dado a conhecer na América e no resto. Foi no Fluminense que a Diagonal nasceu. Com Afonsinho retirado de médio-apoiador do São Cristóvão, para zagueiro-lateral fixo.

Depois de ensaiar, com algum sucesso, o 4-2-4 no Vasco, Ondino o aplicou no Botafogo, recuando Geninho e fazendo de Nílton Senra o quarto-zagueiro do quadro. Mas foi no Bangu que êle se deteve, com mais convicção, no sistema. É onde, também, o viu produzir frutos definitivos.

Entre o Bangu de 51 e o Bangu de 67 a diferença é evidente. Sua marca mais notória pode ser medida, ou contada, através da mentalidade dirigente de duas épocas. Pois, enquanto a primeira, ainda vacilava em aderir francamente à política dos cofres abertos às aquisições de vulto, a segunda não pensou senão nisso. É o que separa Eusébio de Andrade de seus antecessores.

A simples perda do campeonato de 51, foi suficiente para abater o ânimo dos dirigentes de então. Embora a disputa da "melhor de três" com o Fluminense devesse constituir uma conquista respeitável digna de ser cultivada, como estímulo indesprezível aos empreendimentos futuros, o que sucedeu depois foi um mortal abatimento nas intenções do clube. OBangu parou, no tempo e no espaço, anos a fio.

Durante anos a fio, o Bangu foi um clube sem Norte. Como não ganhava, a alternativa era mudar de técnico. Teve-os aos montões. Era uma estranha e intolerável filosofia, essa, de pretender triunfar com bons técnicos e jogadores ruins, sem categoria. O rebutalho dos outros. Não podia ser. Eusébio entendeu bem a história. Primeiro, tratando da estrutura. Depois, do comando.

Assim se explica, de certa forma, o paciente trabalho de um Presidente seguro, obstinado. Que sempre soube o que quis. Como se explica o sucesso do time. Se o Presidente encarava o título como uma fatalidade natural, se não viesse hoje, de amanhã não passaria, o time também se apercebeu disso. E foi em frente.

Hoje o Bangu é a um tempo, atração e candidato. Tem uma fôlha de pagamento pesada, um elenco caro e respeitado. Escolhendo, preparando, garantindo, segurando e dando personalidade a êsses jogadores, o caminho para o título tornou-se mais curto e menos penoso. Na pior das hipóteses, o time está sempre apto e disposto a representar papel digno no campeonato.

Faltava contudo, ùltimamente, um comando que lhe transmitisse mais confiança. Que lhe devolvesse um pouco daquela serenidade e autoridade perdida, em razão da mudança constante de líderes. A sucessão era incômoda. Depois de Gentil, Tim. Depois de Tim, Plácido. Depois de Plácido, Gonzalez. Depois de Gonzalez, Plácido outra vez. Depois de Plácido, Martim. O exagêro das soluções tentadas caíam no lugar comum do regular para o bom. De positivo, nada.

Agora, as pedras, as palavras, o ritmo, o moral, a estratégia, tudo irá depender de Ondino. Não é fácil. Os tempos mudaram. E recompor tôda essa engrenagem, irá depender de tempo, paciência, comedimento e confiança. Antes de mais nada, confiança e paz.

"O campeonato é uma guerra". A frase é de Ondino. Disse-nos, certa feita, numa entrevista que incomodou meio mundo. Por causa da frase, brigaram com êle. Até o quiseram punir, no CND. Chamaram-nos de caviloso. De pretender subverter a ordem do manso futebol carioca. Mas não havia exagêro na definição. A guerra existia. Era um fato. E passou a existir com mais fôrça. Com armas muito mais terríveis de destruição.

Ouro poderá aumentar com o salto de Aída

Basquete poderá ter medalha antecipada

Winnipeg (Ennio Sérvio, enviado do JORNAL DOS SPORTS) — A equipe feminina de basquete do Brasil tentará conquistar, hoje, por antecipação um título que já é pràticamente seu, bastando para isso vencer a representação do Canadá, na partida válida pela penúltima rodada dos V Jogos Pan-Americanos.

Em sua partida de ontem, as brasileiras levaram a melhor sôbre a seleção mexicana por 61 a 58, com a vitória parcial de 32 a 30 ao término do primeiro tempo, conseguindo sua sexta vitória consecutiva. Os Estados Unidos, que caminha para a medalha de prata, venceram o Canadá por 43 a 42, jogando hoje contra Cuba, em seu último compromisso.

Vitória difícil

A seleção feminina do Brasil obteve uma vitória angustiante sôbre a equipe do México, sòmente chegando ao marcador final de 61 a 58 nos últimos segundos da partida. Embora a diferença de altura fôsse enorme, as mexicanas conseguiram equilibrar as ações e dificultaram ao máximo o triunfo brasileiro.

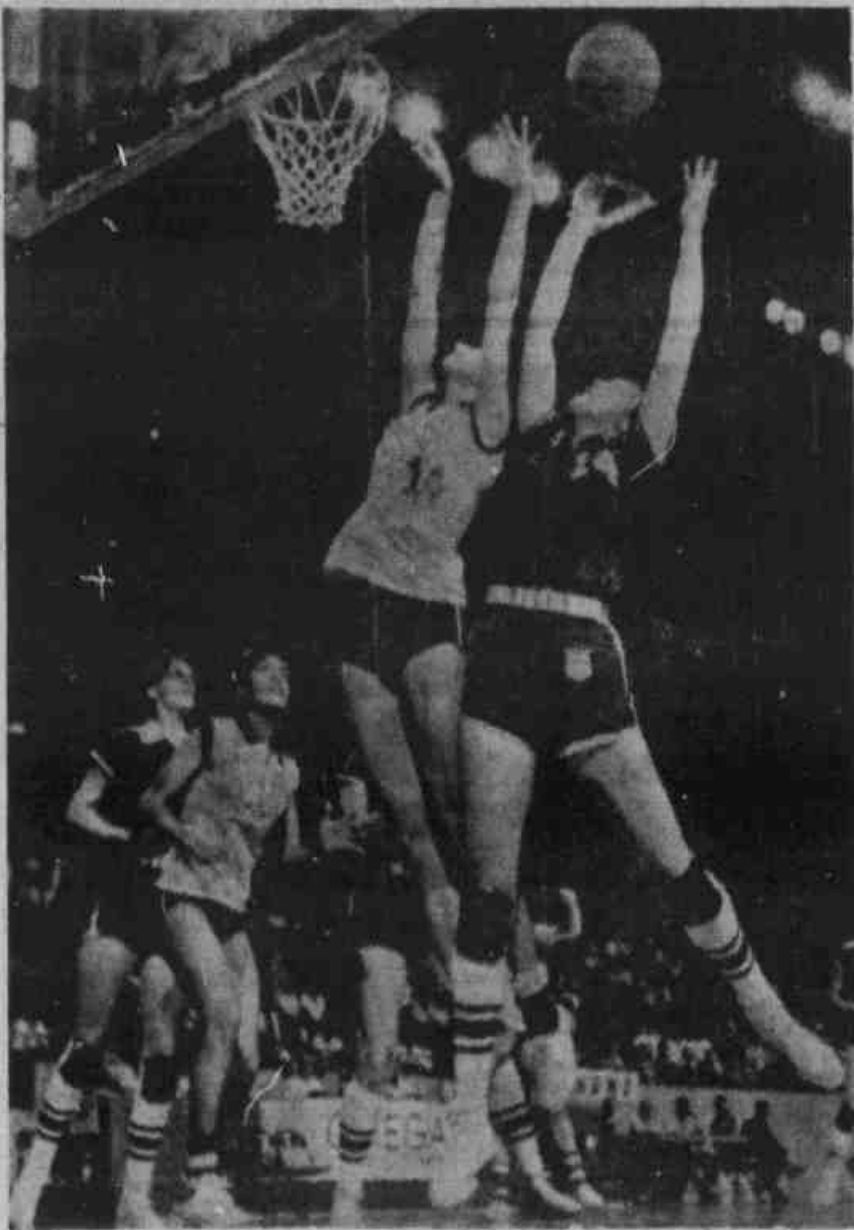
O jôgo foi um verdadeiro duelo de pontos entre a alta brasileira Nilza, que totalizou 27, e a ágil, porém, pequena, asteca Cármen Alcântara, que obteve 23. Outra mexicana que estêve bem foi Josefina Reza, esta a única com estatura de basquetebolista, marcando 15 pontos.

A equipe brasileira formou com Nilza (27), Marlene (14), Angelina (8), Delci (6), Nadir (2), Norminha (2) e Jaci (2); enquanto que o México perdeu com Cármen Alcânta (23), Josefina Reza (15), Rosa, (8), Marta Nava (6), Lucila (4) e Tereza Miajaes (2).

No final

Também a equipe dos Estados Unidos encontrou muitas dificuldades para dobrar a representação do Canadá, que chegou a virar o primeiro tempo com a vantagem de 26 a 24. As norte-americanas, aspirantes à medalha de prata, venceram graças a certeira pontaria de sua capitã Caroline Aspedon, com 18 pontos, e de sua companhia Lois Finley, com 12 pontos.

A vantagem final sòmente foi conseguida nos últimos cinco segundos, por intermédio de um lance-livre cobrado por Lola Ham. Apesar de não ter convertido a primeira tentativa a norte-americana foi feliz na segunda desempatando o jôgo e registrando o marcador de 43 a 42.

Com esta vitória e com a derrota das mexicanas os Estados Unidos garantiram a medalha de prata, pois estão com duas derrotas, na segunda posição, enquanto o México tem quatro, no terceiro pôsto. O Brasil lidera invicto o torneio, jogando hoje contra o Canadá — a vitória garantirá a medalha de ouro — e amanhã cont a Cuba.

Delci espera alcançar a medalha de ouro. (Radiofoto AP)

Winnipeg, Canadá (De Ennio Sérvio, enviado especial do JS) — Aída dos Santos poderá proporcionar ao Brasil a conquista da primeira medalha de ouro no atletismo, uma vez que surge como uma das favoritas na prova de altura que será disputada hoje à tarde, no estádio atlético da Universidade de Winnipeg. Aída, que ultrapassou o sarrafo em 1,62m durante as provas do pentatlo, treinou horas durante a manhã de ontem, nos preparativos finais para hoje. A terceira colocada do pentatlo é a quarta do mundo na prova, com 1,74m, obtido em Tóquio, por ocasião da disputa dos Jogos Olímpicos de 1964. Na mesma prova competirá Maria da Conceição Cipriano.

A outra atração do atletismo brasileiro será a presença na pista da atual recordista sul-americana dos 800 metros, Irenice Maria Rodrigues, cuja marca de 2m10s2d, é apenas inferior em dois segundos do atual recorde da olimpíada que reúne atletas das três Américas, e que está em poder da canadense Alicia Hoffmann, desde 1963, quando os Jogos foram disputados na Cidade de São Paulo. Irenice é citada como uma das finalistas à noite estará correndo na semifinal.

Salto de Aída

Aída dos Santos, atleta do Botafogo, do Rio de Janeiro, que proporcionou a primeira medalha para o atletismo, ao se classificar em terceiro no pentatlo, prova onde estabeleceu o nôvo recorde sul-americano, com 4.331 pontos, segundo os observadores, dificilmente deixará de conquistar a medalha de ouro, tal a sua superioridade técnica na especialidade.

Aída ontem pela manhã e depois à tarde, treinou bastante, tendo demonstrado excelente preparo físico e técnico. Por ocasião do pentatlo, saltou 1,62m, sem maiores dificuldades, e isso faz prever que supere a escala e atinja até mesmo cêrca de 1,70m.

Vez de Irenice

Irenice Maria Rodrigues, recordista sul-americana dos 800 metros, com o tempo de 2m10s4d, depois de atravessar uma crise de nervos, já reiniciou os treinamentos e hoje à noite, ainda na pista do **stadium** da Universidade, tentará se classificar para a final, programada para amanhã, à tarde.

A corredora, que já melhorou o seu tempo continental três vêzes, teve de superar também o problema de ordem alimentar. A atleta é vinculada ao Fluminense, para onde se transferiu depois de defender o Botafogo por três anos.

Programa do dia

A programação do dia prevê, para hoje, na disputa dos V Jogos Pan-Americanos, as seguintes competições:

- 8h — Atletismo — corrida rústica, masculina, em 50 quilômetros.
- 14h — Boxe.
- 14h30m — Basquetebol feminino: Canadá x Estados Unidos.
- 16h — Basquetebol masculino.
- 17h30m — Atletismo — final do salto em altura, masculino.
- 18h — Remo — "quatro com patrão", "dois sem patrão, "dois com patrão", "quatro sem patrão" e "oito com patrão".
- 18h30m — Atletismo — finais de lançamento de martelo, semifinais dos 1.500 metros, ambos no masculino.
- 18h35m — Atletismo — semifinais dos 110 metros com varas, masculino.
- 18h55m — Atletismo — semifinais de 800 metros, feminino.
- 19h — Boxe.
- 19h30m — Atletismo — revezamento 4x100, masculino; semifinais.
- 20h — Atletismo — semifinais dos 800 metros com varas, feminino.

CANADÁ DEU BARCOS QUE BRASIL NÃO TEM

Winnipeg, Canadá (De Ennio Sérvio, especial para o JS) — Os barcos de corrida cedidos pelo Canadá ao Brasil são excelentes e no Brasil não existe iguais, foi o que mandou dizer em carta a amigo o timoneiro do "dois com" brasileiro que está no Canadá, intervindo nos Jogos Pan-Americanos. Tanto o "dois com" como o "skiff" são excepcionais e de fabricação italiana, totalmente novos, e os demais países que não levaram barcos tiveram, também, barcos iguais.

O timoneiro Sílvio Augusto de Sousa (que é profundo conhecedor de remo, tendo sido timoneiro olímpico, e é ainda cirurgião-dentista e nessa qualidade também serviu a várias seleções) disse que apenas tiveram problemas iniciais para a mudança de braçadeira, embora com total permissão dos dirigentes canadenses.

Informou o timoneiro campeão que os barcos oferecidos pelos canadenses são tão bons, de tal requinte de fabricação, leves, novos, que jamais viu igual e que no Brasil não existe nenhum que se possa comparar. Frisou que teve que mudar a braçadeira de bordo de boreste para bombordo, cabendo, porém, essa medida aos cubanos, que levaram uma enorme delegação de remo, com carpinteiro-naval e assistentes dêsse carpinteiro.

Disse ainda o timoneiro Sílvio de Sousa que as equipes de remo estão alojadas fora da Vila Olímpica, distante 60 quilômetros. E que estão melhor alojados do que os da Vila, pois a alimentação é superior, farta, sendo que cada atleta tem seu quarto próprio, além das próprias acomodações serem superiores às da Vila Olímpica.

Brasil e EUA vão decidir o título do volibol

Brasil e EUA foram os maiores com vela

Winnepeg, Canadá — (De Ennio Sérvio, especial para o JS) — Brasil e Estados Unidos foram os países que, realmente, melhor se apresentaram nas regatas dos V Jogos Pan-Americanos, com muita justiça conquistando, cada um, duas medalhas de ouro e outras tantas de prata. Desta forma, Francisco José De Lorenzi e Nélson Piccolo, na classe *snipe*, e Jorge Bruder, na *finn*, foram os mais regulares com as embarcações de suas categorias e deram as medalhas de ouro ao Brasil.

Da mesma forma, os norte-americanos M. Elges, na classe *flyin dutchmann*, e B. Goldsmith, na *lightning*, que não precisariam participar da sétima e última regata de suas categorias para sagrarem-se campeões, tiveram uma justa conquista.

Lista geral

O Brasil e os Estados Unidos tiveram duas medalhas de ouro e duas de prata, cada um; o Canadá, duas de bronze; a Argentina e as Bermudas uma de bronze cada um. Os timoneiros laureados foram: finn — 1) Jorge Bruder Brasil); 2) C. Vanduyne (Estados Unidos); 3) J. Clarke (Canadá); — snip — 1) De Lorenzi (Brasil); 2) A. Levinson (Estados Unidos); 3) R. Belvin (Bermudas).

Outros: **lightning** — 1) B. Goldsmith (Estados Unidos); 2) Augusto Damata (Brasil); 3) A. Belada (Argentina); **flying dutchmann** — 1) M. Elges (Estados Unidos); 2) Reinald Conrad (Brasil); 3) P. Byrne (Canadá). O primeiro colocado, o segundo e o terceiro receberam, respectivamente, as medalhas de ouro, prata e bronze.

Contagem olímpica

De acôrdo com a nova tabela de contagem olímpica, por pontos perdidos, as provas de iatismo dos V Pan-Americanos apresentaram: **snipe** — 1) Brasil — 11,7 pontos; 2) Estados Unidos — 28,4; 3) Bermudas — 32; 4) Pôrto Rico — 42,4; 5) Argentina — 65,4; 6) Bahamas — 70; 7) Canadá — 73,7; 8) Uruguai — 75,7; 9) Venezuela — 84; 10) Ilhas Virgens — 94,7; 11) Jamaica — 100; 12) Barbados — 101.

Na classe **finn** — 1) Brasil — 9 pontos; 2) Estados Unidos — 17,4; 3) Canadá — 36,7; 4) Bermudas — 43,7; 5) Argentina — 43,7; 6) Cuba — 70,4; 7) Pôrto Rico — 70,7; 8) México — 75,7; 9) Equador — 90.

Classe **lightning** — 1) Estados Unidos — 3 pontos; 2) Brasil — 20,4; 3) Argentina — 37,4 ;4) Canadá — 45,4; 5) Colômbia — 62,4; 6) Trinidad-Tobago — 65,5; 7) Peru — 68,7; 8) Pôrto Rico — 70,7; 9) Barbados — 82,7.

Na classe **flying dutchmann** — 1) Estados Unidos — 3 pontos; 2) Brasil — 22; 3) Canadá — 41,8; 4) Jamaica — 60,4; 5) México — 60,4; 6) Trinidad-Tobago — 69,4; 7) Pôrto Rico e Barbados — 83.

Brasil está em segundo em medalhas

Winnipeg, Canadá (Ennio Sérvio, enviado especial do JS) — Com uma medalha de ouro de diferença sôbre o Canadá, o Brasil ao final de mais um dia de competições manteve a segunda colocação, com nove medalhas, na corrida em que os Estados Unidos é líder absoluto com 96 primeiros lugares. Canadá vem em terceiro com oito e a Argentina a seguir com cinco.

A classificação geral, até a noite de ontem era a seguinte:

Estados Unidos — 96 de ouro; 58 de prata; 36 de bronze, e total de 190; Brasil — nove; seis e três, e total de dezesove; Canadá — oito; vinte e oito; trinta e três e total de sessenta e nove; Argentina — 5, 8, 9, e total de 22; Cuba — 4, 8, 18, e total de 30; México — 3, 11, 16 e total de 30; Tobago—Trinidade — 2, 1, 2, e total de 5; Colômbia — 1, 1, 4 e total de 6; Chile — 1, 1, 2 e total de 4; Pôrto Rico — 1, 1, 1, e total de 3; Venezuela — 0, 4, 4, e total de 8; Equador — 0, 1, 2, e 3; Uruguai — 0, 1, 2, e total de 3; Panamá — — 0, 1, 2, e total de 3; Barbados — 0, 1, 0, e total de 1; Peru — 0, 0, 1 e total de uma; Jamaica — 0, 0, 1 e total de uma; Güiana — 0 0, 1 e total de uma; Antilhas Holandesas — 0, 0, 1 e total de uma; Bermudas — 0, 0, 1, e total de uma. O total geral é de 130 medalhas de ouro, 121 de prata e 137 de bronze.

Winnipeg — (De Ennio Sérvio, enviado especial do JS) — A falta de preparo físico adequado e as execessivas e desastradas alterações introduzidas na equipe foram fatais à seleção brasileira de volibol masculino, que foi derrotada pela representação de Cuba por 3 a 2, **sets** de 9 a 15, 12 a 15, 15 a 13, 15 a 7 e 15 a 11, anteontem, na disputa da série final dos V Jogos Pan-Americanos.

Com o resultado, até certo ponto inesperado, os brasileiros distanciaram-se ainda mais da medalha de ouro e, também, dos Jogos Olímpicos do México, no próximo ano, pois apenas os dois primeiros colocados dos Jogos Pan-Americanos têm direito a participar naquele certame. Uma vitória sôbre os Estados Unidos por 3 a 0, hoje, ainda poderá dar a medalha de ouro ao Brasil.

Sem condições

Os dois primeiros parciais foram relativamente fáceis para o sexteto brasileiro, que parecia estar credenciado a mais uma vitória nos atuais Jogos Pan-Americanos e conservar, assim, a hegemonia no volibol. O Brasil jogava com muita disposição, explorando as cortadas potentes de Moreno, Mário Dui e Mário Dunlop, quase sempre lançados por Vitor e Décio Viotti.

Assim, após as vantagens iniciais nos dois parciais por 15 a 9 e 15 a 2, o técnico Geraldo Fagiano contrariou o conhecido ditado de que "em time que vence não se muda" e realizou diversas substituições, quebrando a homogeneidade do sexteto, enquanto os cubanos lutavam, na esperança de descontar os pontos negativos, e tiveram sucesso, marcando 15 pontos contra 13.

No quarto parcial as coisas pioraram para o Brasil, com o sensível desgaste físico a que foram submetidos os seus atletas, enquanto os cubanos ostentavam boas condições. Além disso, o excesso e as desastradas alterações feitas por Geraldo Fagiano no "set" anterior, quando, após realizar o limite de substituições — seis —, pediu tempo para mais uma e perdeu-o por falta técnica. O quarto parcial registrou a vantagem dos cubanos por 15 a 7.

O preparo físico dos cubanos foi fundamental para a derrota dos brasileiros no quinto **set**. Enquanto aquêles jogavam com todo vigor, êstes pareciam pregados à quadra, sem condições para reagir, após boa vantagem nos primeiros minutos, e culminaram por perder por 15 a 11, distanciando-se da medalha de ouro e dos Jogos Olímpicos do México — 1968 —, pois apenas os dois primeiros colocados do Pan se classificam para aquêles Jogos.

Para o Brasil obter a medalha de ouro, é necessário que vença os Estados Unidos, hoje, o que é bem difícil, pois têm uma excelente equipe, pelo placar de 3 a 0. O triunfo por 3 a 1 proporcionará a medalha de prata e por 3 a 2, a de bronze. Em caso de derrota, o segundo lugar caberá a Cuba, que ocupa a vice-liderança ao lado do Brasil, com uma derrota ante os norte-americanos.

SÓ FIOLO E ELAINE DERROTARAM OS EUA

Winnipeg (De Ennio Sérvio, enviado especial) — O brasileiro José Sílvio Fiolo e a canadense Elaine Tanner foram os únicos atletas não estadunidenses que ganharam provas de natação nos V Jogos Pan-Americanos nos quais os norte-americanos, com uma equipe excepcional, arrebataram 28 das medalhas de ouro em disputa. Um dos atletas americanos, Mark Spitz, fenomenal nadador de apenas 17 anos, ganhou nada menos de cinco medalhas de ouro.

A **performance** norte-americana teve o seu ponto culminante na jornada de encerramento do torneio de natação, na têrça-feira, quando a jovem Claudia Kolb, também de 17 anos, conquistou sua segunda medalha de ouro e bateu seu segundo recorde mundial, com o tempo de cinco minutos, nove segundos e sete-décimos para os 400 metros, quatro estilos. Durante o torneio, foram batidos 14 recordes do mundo, 11 por nadadores americanos e três por Elaine Tanner.

Assombrosos

Fiolo foi o primeiro latino-americano a arrebatar uma medalha de ouro aos norte-americanos em natação para homens desde os Jogos Pan-Americanos de 1955, realizados no México. Suas proezas não foram ocasionais: em sua especialidade, o nado de peito, êle se equiparou aos maiores ases da natação mundial, vencendo tanto a prova dos 100 metros como a dos 200. Em ambos os casos, estabeleceu novas marcas panamericanas. Numa das provas, a dos 100 metros, ficou a cinco segundos do recorde mundial, do soviético Propopenko.

Mesmo os nadadores batidos pelos atletas norte-americanos fizeram exibições assombrosas: o colombiano Julio Arango, por exemplo, embora não obtivesse o primeiro lugar, bateu os recordes sul-americano, centro-americano e colombiano dos 400 metros, estilo livre. Nos 100 metros, nado borboleta, o argentino Luis Alberto Nicolao assistiu não só a superação de seu recorde mundial, mas à ascensão de nadadores melhores que êle: Mark Spitz diminuiu para 56 segundos e três-décimos o seu recorde de 57 segundos e três outros nadadores o superaram nas eliminatórias. Na final dessa modalidade, Nicolao teve de lutar muito para classificar-se em terceiro, tal o valor de seus adversários.

Outro exemplo do apuro dos atletas está no caso da uruguaia Ana Maria Norbis, que ficou a apenas dois-décimos de segundo do recorde mundial dos 100 metros, nado de peito, então em poder da soviética Galina Prozumenshikova. Apesar de sua extraordinária forma, Norbis ficou em segundo lugar, detrás da norte-americana Catie Ball, que baixou para um minuto, 14 segundos e oito-décimos o recorde mundial, que era de um minuto, 15 segundos e sete-décimos.

Kolb e Sue

Claudia Kolb superou o recorde mundial de cinco minutos, 14 segundos e nove-décimos da prova dos 400 metros, quatro estilos, estabelecido pela sua compatriota Donna de Varona, em 30 de agôsto de 1964, em Nova Iorque. Bateu ainda sua marca de cinco minutos, 11 segundos e sete-décimos, fixada em julho, na Califórnia, e que ainda dependia de homologação.

Além de Claudia, exibiu-se nessa prova outra jovem nadadora norte-americana, Sue Petersen, de apenas 13 anos, a qual obteve a medalha de prata. O terceiro lugar e a medalha de bronze ficaram com a canadense Marilyn Corson. Nas demais colocações vieram Patrícia Olano, da Colômbia, com 5.45,8; Carmen Ferracuti, de El Salvador, com 5.46,1; Laura Vaca, do México, com 5.47,5; Maria Moreno, de El Salvador, com 5.49,9; e Andreana Comolli, da Argentina com 6.06,1.

Cobra contra cobra

Na final dos 400 metros, 4 estilos, por equipe, a representação norte-americana fêz a prova em três minutos, 59 segundos e três-décimos, diminuindo a marca anterior, fixada pelos Estados Unidos nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, em 1963, com quatro minutos, cinco segundos e cinco-décimos. Os americanos formaram com Doug Russel, nado de costas; Russ Webb, nado de peito; Mark Spitz, nado borboleta, e Ken Walsh, nado livre.

Natação universitária derruba sete recordes

Radar chega dos EUA com título de juvenis

Depois de cumprir brilhante excursão em gramados norte-americanos, o Radar, clube de futebol de praia, de Copacabana, regressará depois de amanhã ao Brasil, trazendo a "The Junior Soccer Peace Cup", que conquistou ao ganhar o Torneio de Futebol Juvenil de Filadélfia, vencendo quatro partidas, inclusive a seleção local, que caiu na final por 5 a 0, deixando a melhor das impressões.

A delegação radariana, que desembarcará no Galeão às 7h, será recebida por uma caravana de torcedores do clube de Copacabana, que sairá de sua sede, à Rua Júlio de Castilhos, 64, em ônibus especiais, às 6h. Logo após a chegada, a comitiva do Radar será recepcionada pela Diretoria do clube com um coquetel.

X Prova Duque de Caxias

Atletas do Monark já estão treinando

A Presidente do Ciclo Clube Monark-Rio, Srta. Ana Maria Paulino, garantiu que a sua agremiação estará presente com uma equipe de corredores na X Prova Duque de Caxias, que a Comissão Desportiva do Exército e JORNAL DOS SPORTS vão promover na noite do dia 22 dêste mês, pelas principais ruas do centro da Cidade, com saída e chegada dos atletas defronte ao palanque que será instalado junto ao Panteão do Duque de Caxias.

O Monark, que já tomou parte em outras competições, conta com destacados corredores de fundo, adiantando a nova Presidente de que muito embora a equipe não almeje obter a primeira colocação, "tal o número de boas equipes que por certo tomarão parte da corrida", espera ficar entre as primeiras.

Regulamento

A X Prova Duque de Caxias obedecerá a um regulamento cujas partes III e IV publicamos abaixo:

III — Percurso, Data e Horários

Art.° 16.° — A X Corrida Duque de Caxias terá o seguinte percurso: saída do Panteão de Caxias (em frente ao edifício do Ministério do Exército), Praça Cristiano Otoni, Rua Bento Ribeiro, túnel João Ricardo, Rua Rivadávia Correia, Avenida Rodrigues Alves, Praça Mauá, Avenida Rio Branco, Av. Presidente Vargas (até a esquina da Praça da República — Escola Rivadávia Correia) e chegada no início da rampa do Panteão de Caxias.

Art.° 17.° — A prova será realizada às 21 horas do dia 22 de agôsto (têrça-feira), num percurso aproximado de 6.000 metros.

Art.° 18.° — A concentração dos atletas civis e militares será na Praça Duque de Caxias, em frente ao edifício do Ministério do Exército.

IV — Apuração da corrida

Art. 19.° — A apuração da corrida será feita por ordem de chegada, computando-se os resultados pelas fichas de identificação distribuídas no local de partida e deixadas pelos atletas no "espêto" de chegada.

Art.° 20.° — A apuração será feita somando-se às classificações dos 5 (cinco) melhores atletas de cada representação.

Parágrafo Único: Coletivamente, será vencedora a representação que obtiver a menor soma de pontos, correspondente às melhores classificações.

Art.° 21.° — Em caso de empate das representações, a decisão se fará pelo atleta classificado mais próximo do vencedor individual da corrida, dentre os integrantes das equipes empatadas.

Art.° 22.° — Será considerado como não tendo terminado a prova o atleta que chegar mais de 15 (quinze) minutos após o primeiro colocado.

Sete recordes brasileiros universitários foram registrados nas oito provas eliminatórias realizadas na tarde de ontem, na piscina olímpica do Vasco, a fim de observar e designar os nadadores que disputarão, em Tóquio, os Jogos Mundiais Universitários, a serem efetuados de 26 de agôsto a 2 de setembro.

As eliminatórias, disputadas sob o contrôle do técnico Dalteli Guimarães, lograram completo êxito. O nadador Ilson Pinto Asturiano, com seus 54"8/10 para os 100 metros, nado livre, assinalados no Canadá, está automàticamente escalado para a equipe brasileira. Hoje deverá ser conhecida, oficialmente, a relação dos nadadores para Tóquio.

Resultados

Foram os seguintes os resultados das oito provas:

1.ª Prova — 200 metros — Homens — nado de peito clássico — 1.° — Luís Antônio de Freitas 2'42"2/10 — Recorde Brasileiro Universitário —; 2.° — Kenishi Tosaki 2,43"6/10; 3.° — Dráuzio Medeiros 2'52"5/10; 4.° — Luís Sérgio Mendes 2,55"2/10.

2.ª Prova — 400 metros — Môças — nado livre — 1.° — Vera Maria Van Erven Formiga 5'27"8/10 — Recorde Brasileiro Universitário —, 2.° Lúcia Hanhn, 5'41"4/10.

3.ª Prova — 100 metros — Homens — borboleta — 1.° — Manglio Agrifoglio 1'01"5/10 — Recorde Brasileiro Universitário —; 2.° — Raul Barbosa, 1'06"4/10.

4.ª Prova — 100 Metros — Môças — Borboleta — 1.° — Rosa Maykuma 1'17"5/10 — Recorde Brasileiro Universitário —; Verinha nadou sem concorrente.

5.ª Prova — 100 Metros — Nado borboleta — Homens — César Filardi, 1'05" — Recorde Brasileiro Universitário —, César nadou sem concorrente.

6.ª Prova — 100 Metros — Homens — Nado de peito clássico — 1.° — Kenishi Tosaki, 1'13"2/10 — Recorde Brasileiro Universitário —; 2.° — Luís Antônio de Freitas 1'13"7/10.

7.ª Prova — 100 Metros — Môças — Nado livre — 1.° — Rosa Maykuma, 1'10" — Recorde Brasileiro Universitário —; 2.° Vera Maria Van Erven Formiga, 1'10"3/10; 3.° — Maria Helena Padilha 1'11"1/10; 4.° — Maria da Natividade dos Santos, 1'11"7/10; 5.° — Lúcia Hanh, 1'12"6/10.

8.ª Prova — 100 Metros — Homens — Nado livre — 1.° — José Antônio R. da Silva, 57"3/10 — Recorde Brasileiro Universitário — 2.° — Álvaro Pires, 57"9/10; 3.° — Aloísio Marcilli, 1'00"4/10; 4.° — Cláudio Ferreira Bastos, 1'00"4/10; 5.° — Manglio Agrifoglio, 1'01"9/10.

Certos

Com os resultados de ontem já está pràticamente formada a equipe de natação, dependendo, contudo, da designação oficial que deverá ser conhecida hoje. São os seguintes os componentes:

Técnico — Dalteli Guimarães; nadadores — Manglio Agrifoglio, César Filardi, Kenishi Tosaki, Luís Antônio de Freitas, Álvaro Pires, Ilson Pinto Asturiano, José Antônio R. da Silva e Aloísio Marcilli; nadadoras — Vera Maria Van Erven Formiga, Rosa Maykuma, Maria da Natividade dos Santos e Maria Helena Padilha.

Ipiranga enfrentará Chinaglia

As equipes de futebol da Editôra Ipiranga e Fernando Chinaglia Distribuidora farão amanhã, pela manhã, às 10 horas, no campo do G. Can 40, em São Cristóvão, uma partida amistosa. Os dois quadros, segundo seus respectivos técnicos, estão preparados para oferecer um bom espetáculo, pois estão armados, entrosados e confiantes na vitória.

Vasco irá completo ao basquete na Ilha

O Vasco estará com sua equipe de basquete completa — com exceção de Sérgio, disputando o Pan-Americano — para a disputa do amistoso de logo mais, a partir das 21h30m, contra o Vila Isabel, no Jequiá EC, ocasião em que serão inaugurados os novos vestiários do clube da Ilha do Governador. A preliminar será entre as equipes de futebol de salão do Vila Isabel e do Jequiá EC.

O técnico Ari Vidal poderá contar, portanto, com Paulista, Carneirinho, Tentativa, Douglas, Édson Ferrgciu, Válter, Gogô, Leonardo, Roberto Felinto, Heraldo, Renê e Pedro Carlos, o mesmo elenco que vai embarcar no dia 12 próximo para jogar com o Corintians, na cidade mineira de Juiz de Fora.

Tajar teve apronto antecipado com 64s2/5

Três craques nacionais inscritos no GP "Brasil", de domingo, no Hipódromo da Gávea, Tajar, Neléu e Flapo, tiveram seus aprontos antecipados para a manhã de ontem, na pista de areia, no encerramento dos preparativos para a corrida internacional do "Sweepstake".

Tajar, com Jorge Borja no seu dorso, percorreu o quilômetro em 64s2/5, com ação firme nos metros finais, demonstrando atravessar excelente forma técnica. O treinador Geraldo Morgado marcou 65s, justos, mas o jóquei Borja cronometrou um pouco menos.

Neléu está retosando

Neléu, que correrá de faixa com Masteréu, entrou na raia de areia com J. B. Paulielo, percorrendo os mesmos 1.000 metros em pouco menos, 63s1/5, com bom arremate e disposição.

Flapo, com Arialton Santos, sob observação atenta de Manuel de Sousa, cravou 65s nos 1.000 metros, sem chegar a ser demasiadamente exigido pelo bridão.

Aprontos do Major Suckow

Os parelheiros que correrão o GP "Major Suckow", amanhã, na prova de velocidade internacional, em 1.000 metros, apronataram pela manhã, muito cedo, e as marcas foram as seguintes:

Mujalo, J. Portilho, 360 em 21s2/5
Silêncio, O. Cardoso, 360 em 21s3/5
Nove Horas, J. Borja, 360 em 21s2/5
Assessora, A. Barroso, 700 em 44s
Royal Caparty, J. Pedro, 360 em 23s
Seu Levi, J. B. Paulielo, 600 em 35s
Flanna, J. Machado, 600 em 37s
First Class, F. Estéves, 600 em 36s
Gambito, A. Santos, 600 em 36s1/5
Descarte, 500 em 27s
Xicungo, J. G. Silva, 400 em 24s2/5

Calouro Borginha quer vencer o "Brasil" para dar uma casa aos seus papais

De OSCAR PEREIRA

Foto de JOSÉ BREDERODES

Com os seus dezenove anos, o jóquei Jorge Fernandes de Borja, que é calouro em apresentação no Grande Prêmio Brasil, sonha com a vitória do cavalo Tajar, ou uma boa colocação para poder dar de presenet aos seus pais uma casa. J. Borja, como é conhecido nos programas oficiais do Jóquei Clube Brasileiro, está entusiasmado e demonstrando muita ansiedade para que a hora do páreo chegue bem depressa, uma vez que confia nas possibilidades do seu conduzido e sabe que em casa todos estão rezando por êle.

Sem pertencer a uma família de profissionais do turfe, o menino Jorge Fernandes de Borja desde cedo sentiu inclinação por esta difícil arte que é conduzir um puro-sangue de carreira. Assim, já nas canchas retas de Nilópolis, seu bairro de nascimento e das primeiras peraltices de um garôto, foi se revelando, pois sabia ganhar fácil nas competições contra outros meninos mais experimentados do que êle. Mas o ôlho clínico na descoberta do valor de J. Borja pertence ao cavalariço Roberto, que insentivou o Borginha a deixar Nilópolis e se transferir para a Gávea, a fim de se iniciar na profissão de jóquei.

Na escola

Com 16 anos incompletos — sua data de nascimento é 22/4/48 — em fevereiro de 1964 foi encaminhado à Escola de Aprendizes do Jóquei Clube Brasileiro pelo treinador Félix Cunha. Com os ensinamentos do bridão chileno Luis Leigthon e a disciplina do Válter Cunha, o menino J. Borja assimilou com rapidez tudo aquilo que era necessário para o êxito de profissional das rédeas, isto é: aptidão, vontade de vencer, disciplina e sobretudo moral, e nada disto faltou ao menino de Nilópolis que conseguiu, em rápidos dez meses, as cinqüenta vitórias que lhe deram o brevê de jóquei.

Jorge Fernandes de Borja estêve vinculado à Escola de Aprendizes do Jóquei Clube Brasileiro exatamente três anos, já que matriculou-se em fevereiro de 64 e obteve a última vitória como aprendiz em fevereiro de 67, na tarde de sábado de carnaval. Sua estréia nas canchas da Gávea deu-se a 10 de fevereiro do ano de 66 quando montou Questura, mas antes de quinze dias já obtinha a sua primeira vitória ao montar a égua Ardenza, na tarde do dia 24 daquele mês para finalizar com o cavalo Nauta, a sua gloriosa trajetória como aprendiz. Nisto tudo não esquece, além das figuras dos seus mestres na Escola, mais as do Dr. Moacir de Carvalho — Diretor Superintendente daquele estabelecimento e muito especialmente ao treinador Felipe Pereira Lavor, de quem é muito amigo até hoje.

Aprovação

Não possuindo as bases de uma família de profissionais de turfe, ainda assim Jorge Fernandes de Borja, quando solicitou permissão aos seus pais para deixar Nilópolis e ir matricular-se na Escola de Aprendizes, teve a aprovação geral, apesar dos receios naturais de sua mãe, Maria José Fernandes de Borja. O pai, Francisco Fernandes de Borja e mais os sete irmãos, três homens e quatro mulheres, aprovaram a idéia, como que antevendo o êxito que o menino J. Borja iria conseguir nas corridas da Gávea.

O afastamento, todavia, deixou saudades, uma vez que as idas de J. Borja a Nilópolis eram poucas dadas às suas ocupações não sòmente na Escola, onde era interno, como os serviços que por dever tinha que prestar nas cocheiras do seu amigo e protetor, o treinador Felipe Pereira Lavor. Todavia, sempre que conseguia uma folga, Borginha dirigia-se para casa onde era recebido carinhosamente pela sua mamãe, que diàriamente fazia suas orações pedindo a Nossa Senhora de Aparecida proteção para o seu filho.

Calouro

Possuindo apenas há seis meses o brevê de jóquei, vai Jorge Fernandes de Borja se apresentar como calouro na maior prova de turfe do Brasil, com chance das maiores de poder levantar o "Sweepstake" de domingo, principalmente se houver ajuda dos céus com a chegada das chuvas que tornarão a pista pesada, tão do agrado do cavalo Tajar.

A condição de ter que tomar parte em uma prova da envergadura do Grande Prêmio Brasil, onde intervirão os maiores ases das rédeas do nosso País e da Argentina, em nada modifica o garôto de Nilópolis, porque exatamente há quinze dias fêz um teste onde foi aprovado com grau dez ao levar o cavalo Tajar ao vencedor, no Grande Prêmio 16 de Julho, competindo contra Luis Rigoni, que estava no dorso do parelheiro Dilema, também concorrente agora aos 3.000 metros.

Querendo chuva

Sem ser um parelheiro de alta classe, Tajar é um participante de reais possibilidades e Jorge Fernandes Borja, seu pilôto habitual, que já é jóquei contratado do Stud Tutu, está confiando plenamente nas possibilidades do filho de Johny Araby e Soldanella, que trabalhou a distância em 211", aprontando o quilômetro em 65". Com tudo isto, porém, J. Borja e todos os responsáveis pelo cavalo Tajar estão desejosos de que o tempo possa mudar até domingo para que a chance do cavalo fique aumentada, já que na pista de grama pesada êle é realmente de corrida.

Tajar vai levando para o Grande Prêmio Brasil a credencial de ganhador do "16 de Julho" e isto há alguns anos passados regulava completamente, pois via de regra o ganhador dos 2.400 metros, que antecipava o "Brasil", normalmente era o ganhador do "Sweepstake" e êste ano poderá regular mais uma vez. Além desta significativa vitória, o filho de John Araby e Soldanella tem um segundo lugar no "Derby Paulista", sendo vencedor, também, do Grande Prêmio Imprensa e mais quatro vitórias em provas comuns que lhe dão um total de prêmios de cêrca de NCr$ 22.000,00 (vinte e dois milhões de cruzeiros antigos).

Assessora gosta mais da areia diz Cabral

Carlos do Carmo Cabral veio à Gávea nestes festejos do Grande Prêmio Brasil de 67, trazendo cinco animais, onde se destaca a égua Assessôra, que vai tomar parte no Grande Prêmio Major Suckow, o tradicional quilômetro da reunião de sábado.

Embora seja melhor corredora na pista de areia, onde mete pata de verdade e trabalhou 62"1/5, a pensionista de Cabral deverá fazer boa figura, segundo acha o treinador.

Corredora

Depois de uma longa ausência da Gávea, onde por vários anos treinou cavalos de corrida e foi líder da estatística, Carlos do Carmo Cabral veio prestigiar a festa do Grande Prêmio Brasil, trazendo cinco de seus pensionistas radicados no turfe bandeirante, esperando levar de volta algumas vitórias, tendo destacado a competidora Assessôra que vai correr o quilômetro do "Major Suckow".

— Minha égua é muito corredora e disto deu mostras ao derrotar Frigia que é a fôrça aparente do páreo; todavia, penso que a tarefa é difícil para todos os participantes desta prova de velocidade onde tudo é possível acontecer. Mas se o páreo fôsse na areia, então as minhas esperanças seriam bem maiores, pois neste terreno Assessôra corre muito mais.

Sôbre o exercício de Assessôra, disse Carlos do Carmo Cabral que ela passou a distância em 62"1/5, em Cidade Jardim e na manhã de ontem, já aqui na Gávea, aprontou os 600 metros em 37s3/5, com facilidade, devendo produzir uma boa atuação.

Para vender

O outro animal que o treinador Carlos Cabral tem para a reunião de amanhã é o cavalo Passista, inscrito no 7.º páreo, em pista de grama, em 1.300 metros, sendo muito relativa a chance de seu pensionista; os resultados irão tomar parte na reunião noturna de segunda-feira.

— Passista é um páreo muito difícil; êste animal veio à Gávea com a finalidade de ser negociado e havendo comprador para êle, não mais retornará a Cidade Jardim. Penso que se chegar colocado já será um bom negócio.

Jelante com rapidez tenta vitória amanhã

Jelante que levantou o Grande Prêmio Major Suckow no ano passado, volta a ter a direção do freio Luis Rigoni, na tarde de amanhã, com muitas possibilidades, embora o páreo seja de difícil prognóstico, pela participação de animais reconhecidamente ligeiros, como Frigia que tem menos de 62s para os 1.000 metros em Cidade Jardim.

1.º PAREO — As 13h.00 — 1.400 metros NCr$ 2.400,00 — Ks.
1—1 Estafeiro O. Car. .. * 56
2 Ibernos A. Ma. .. 4 56
3 Farjo L. Acuña .. 9 56
2—4 Icaiú J. Machado . 7 56
5 Reverso A. M. Ca. . 3 56
6 Nostra M. Sil. 8 56
3—7 Irerê R. Alves .. 6 56
8 Se. To. Sa. J. P. F.º 10 56
9 Fatorial J. Borja . 2 56
4-10 Lagrange J. Queirós 1 56
11 Bou.-Tel P. A. .. 11 56
12 Mon. Li. J. M. S. .. 5 56

2.º PAREO — As 13h.30 — 1.400 metros NCr$ 2.400,00 — Ks.
1—1 Bu Ven. J. San. .. 1 56
2 Tamoyo A. Ramos . 8 56
2—3 Nhô Jota J. Sousa . 2 56
4 Infinito L. Santos . 4 56
5 Ribios A. Barroso . 3 56
3—6 Indigo J. Machado 7 56
7 Afoito J. Diniz 6 56
8 Xântico J. Portilho 9 56
4—9 Raimo A. Santos . 5 56
10 Austin F. P. F.º .. 11 56
11 Manini P. Alves .. 10 56

3.º PAREO — As 14h.00 — 1.300 metros NCr$ 2.400,00 — Ks.
1—1 Iguana J. Machado . 8 56
" Irish Song F. M. .. 7 56
2 Ras Guasa J. P. F.º 10 56
2—3 Uvacha M. Silva . * 56
4 Farisko J. Portilho . 4 56
5 La Pa. A. M. Ca. .. 11 56
3—6 Cadilon J. Bezerra . 1 56
7 Mandioré A. Bar. . 2 56
8 Haifa J. Queirós . 12 56
9 Tubinha S. M. C. . 5 56
4-10 Alba-Iulia J. Reis . 6 56
11 Urdaneta M. Car. * 56
12 Exclusiva J. P. .. 9 56
" Urrucha J. Borja 3 56

4.º PAREO — As 14h.40 — 1.300 metros NCr$ 2.000,00 — GRAMA — Ks.
1—1 Praiel J. B. Pau. . 12 57
2 Adatin J. Pinto 6 53
3 Ixia J. G. Mar. .. * 55
4 Autanema J. Alves 11 57
2—5 Estagira N. Corre. . * 57
6 Gateza A. Santos . 7 53
" Izrapa A. Ramos . * 55
7 Tabaúna J. Reis . * 58
3—8 Nou. Va. P. Alves 3 57
" Nouvel Va. P. A. 3 57
" Negromancia L. S. 4 55
9 Sil.-Ray O. Car. .. 1 57
10 Tulinha S. Silva .. 8 55
11 Gava A. Ricardo 10 57
4-12 Good Girl F. Es. . 2 52
" Gália J. Machado . 3 53
13 Grea J. Portilho . 9 57
14 Serein N. Corrêa . * 53

5.º PAREO — As 15h.15 — 1.000 metros NCr$ 10.000,00 — (Clássico) Ks.
GRANDE PRÊMIO "MAJOR SUCKOW"
1—1 Frigia C. Dutra .. 1 57
2 Mujalo J. Portilho . 7 55
3 Silêncio O. Cardoso 14 59
4 Nove Horas J. Borja 17 56
2—5 Jelante L. Rigoni 13 59
6 Assessora A. Barro. 12 55
7 Royal Ca. J. P. F.º . 4 59
8 Alsan P. Alves 16 58
" Alsan P. Alves .. 16 59
" Torna-Jáwa J. R. . 3 58
3—9 Seu Levy J. B. P. 7 59
10 Sheilha U. Bueno . 9 56
11 Privilégio A. M. C. * 56
12 Flanna J. Ma. 18 57
" First Class F. E. .. 2 57
4-13 Gambito A. Santos 5 59
Descarte J. Bezerra . 3 59
14 Quail J. Alves ... 11 56
15 Xicungo J. G. Sil. 15 58
" Filly Bela D. Gar. 10 59

6.º PAREO — As 15h.50 — 2000 metros NCr$ 4.000,00 — GRAMA — Ks.

(Handicap Extraordinário) JOCKEY CLUB DE SAO PAULO
1—1 Seymour L. Rigoni 5 55
2 Fisco F. Pereira F.º * 52
" Dendo J. Corrêa .. 8 61
2—3 Nanquim A. Massa 3 57
4 Guinéu R. Carmo . 2 50
5 Codajás L. Santos . 6 61
" Guandu N. Corrêa 7 50
3—6 Aperitivo J. Ma. . 4 51
7 Faz P. Lima 12 56
8 Este A. Ramos .. 10 51
9 Coq D'Or U. Bueno 11 50
4-10 Charnot A. Ricardo * 64
11 Nointot J. B. Pau. 9 50
12 Adelmo O. F. Silva * 56
13 Gê J. Sousa 1 50

7.º PAREO — As 16h.25 — 1.300 metros NCr$ 1.400,00 — GRAMA — Ks.
1—1 Fronton A. Ramos . * 53
2 Rondadera N. Cor. * 51
3 Albião J. Borja .. 5 57
2—4 Foxtrot J. Machado 2 58
" Flâneur L. Carlos . * 54
5 Celso J. Pedro F.º . * 53
6 Privilégio J. Pinto . * 56
3—7 Desatino M. Silva * 54
" Faulkner J. Reis .. 3 54
8 Hippo J. Santana 1 52
9 Mangass J. Portilho * 53
4-10 Incal R. Carmo A * 56
11 Passista A. Barroso 4 53
12 Feudo A. Santos .. * 53
" Ortiga J. Queirós .. 6 47

8.º PAREO — As 17h.00 — 1.400 metros NCr$ 2.000,00 — BETTING — Ks.
1—1 Guadal J. Macha. . 7 53
" Good Lo. F. Esté. . 2 53
2 Gurupá L. Acuña . 8 57
3 Neutro J. Paulielo 4 53
2—4 Mocani F. Meneses 13 57
" Scratch J. Reis .. 10 53
" Violento O. F. Silva 15 53
5 Gálio A. Santos .. 12 57
6 El Zig D. F. Graça 5 53
3—7 Gran Mo. J. Pin. .. * 50
8 Guepar A. Barro. * 53
" Arminho J. B. Pau. * 53
9 Laramie J. Bezerra 1 53
10 Arbais N. Corrêa 9 51
4-11 El Ciclon M. Silva 11 53
12 Palpite Infe. A. R. 3 57
13 Guaracy J. Portilho 14 57
14 Artisan A. Macha. 6 53
15 Tintou J. Borja .. * 53

9.º PAREO — As 17h.40 — 1.200 metros NCr$ 1.400,00 — BETTING — VARIANTE — Ks.
1—1 Votlio J. Portilho . * 57
2 Paganini F. Lima .. * 56
3 Karrito J. Machado 1 56
4 Fixo M. Silva 4 57
2—5 Nauta J. Reis .... * 57
6 Snowking F. Maia . * 57
7 El Mate A. M. C. . 7 56
8 Vando J. Pedro F.º 2 56
3—9 Curinho J. Pau. .. * 57
10 Retros P. Alves .. 6 57
11 Estero J. Borja 2 57
12 Bahimcambá D. Sar. 5 60
4-13 Catatau D. F. S. . * 56
14 Frinter A. Ramos . * 56
15 Taquari R. Carmo . * 59
" Hai-Tai A. Ricardo * 57

10.º PAREO — As 18h.25 — 1.000 metros NCr$ 1.300,00 — BETTING — Ks.
1—1 Hatay P. L. San. . * 53
2 Dardinia A. Santos 3 53
3 Tempo M. Alves 5 53
4 Lady Fortuna D. S. 3 53
2—5 Isaldo O. F. S. .. * 53
" Raura C. Zarm. . 4 53
6 Fair Miss A. M. .. 4 53
7 Artista M. Car. .. 7 54
3—8 Gaspado L. Corrêa * 53
9 Santilhon F. Menez. * 53
10 Rainha Bela J. F. 3 53
11 Francelda J. M. .. 1 53
3-12 Quiemado J. Borja * 53
" Bela Louis M. H. * 51
13 Floraninha J. G. .. * 53
" Flora Cam. A. T. .. * 53

Ponto-de-Vista

Craques chegaram bem

Os craques estrangeiros anotados no GP Presidente da República, chegaram na noite de quarta-feira, no Galeão, num avião-transporte da Entre Rios, prefixo 7-49, desembarcando Gobernado, Tagliamento, Aller, Calcado, Korage e Jabiclo, todos aparentemente firmes, embora Aller demonstrasse algum nervosismo.

Ficaram alojados na Vila Tattersal, na cocheira número 2, do treinador João Attianesi, de propriedade do Sr. Jorge Marcondes.

Pela manhã, foram levados ao prado, para passeios de reconhecimento, impressionando mais, justamente os dois prováveis favoritos, Gobernado e Tagliamento, representantes da Argentina. Tanto Gobernado como Tagliamento, deram um passeio na raia de areia, sem qualquer preocupação de tempo, ficando decidido que deverão estar ainda hoje, pela manhã, na raia de grama, quando possìvelmente aprontarão. Os argentinos e os uruguaios, Calcado e Korage.

Joelho meio grosso

Gobernado é um castanho de bonito porte, de linhas harmoniosas mas apresentou-se com o joelho esquerdo um pouco grosso. Pode ser que seja apenas uma calosidade natural em um puro-sangue de corrida, que já teve contratempos em corrido, mas que o fato foi bastante observado, foi.

Segundo o treinador D. Sabalzagaray, que viajou junto ao craque no avião-transporte, Gobernado atravessa excelente forma técnica e física, com exercício de 192" nos 3.000m, em pista de areia, com muita disposição, e deve mesmo decidir com Tagliamento o GP Brasil de domingo, porque o outro argentino, Aller, mesmo sendo conhecido fundista, é inferior aos outros.

O treinador revelou ainda que Gobernado terminou o trabalho em 13" cravados, nos derradeiros 200m, na direção de Luiz Camoretti Tapia, que o conduzirá no Sweepstake.

Sôbre a velha rivalidade de Gobernado com Tagliamento, o profissional revelou que confia mais no seu, mesmo respeitando os demais. O filho de Ever Ready corre na carreira, tanto podendo ficar no bloco intermediário, como atuar entre os ponteiros.

Após atuar no GP Brasil, Gobernado retornará a Buenos Aires, a fim de ser preparado para ser apresentado no GP de Honra, dia 16 de setembro, no percurso de 3.500m, na pista de areia de Palermo.

Calcado, eterno concorrente

O treinador P. Gelsi, que responderá também pela apresentação de Korage, estêve, juntamente com o proprietário Elbio Viña, conversando muito pela manhã com os jóqueis brasileiros Oraci Cardoso e Paulo Alves, indicados pelo Vice-Presidente Guilherme Penteado para conduzir os craques na prova internacional.

Trocaram impressões sôbre a maneira de correr dos parelheiros e ainda sôbre o encerramento dos preparativos, com partida na raia de grama, para manter a forma e mesmo adaptação.

Gelsi já estêve no Brasil seis vêzes, responsável pela apresentação de My Tocaio, Chaval e Calcado na Gávea e os mesmos Chaval e Calcado em Cidade Jardim, São Paulo.

Espera muito do filho de Cuatrero, cavalo de muita saúde e voluntarioso como poucos. Mas, disse que Korage é inferior a Calcado, embora tenha também qualidades.

Dendico chegou otimista

O jóquei Dendico Garcia que conduzirá Maverick no GP Brasil chegou bastante otimista, diante da recuperação do cavalo de uma distensão muscular que quase alijou-o da corrida internacional. Disse o freio que considera Maverick mais ou menos da mesma fôrça de Morôto, Masteréu ou Dilema.

—— Só as peripécias da corrida, apontarão o vencedor, respeitando, é lógico, a presença dos argentinos Tagliamento e Gobernado.

Estatísticas de vitórias

Os cavalos paulistas estão quase absolutos na estatística de vitórias no Hipódromo da Gávea, e podem ampliar a vantagem, ainda mais, nas quatro corridas programadas para esta semana.

No momento, já acumularam 316 pontos, contra 308 do Rio Grande do Sul, 83 do Paraná, 47 do Rio de Janeiro, 6 do Estado da Guanabara, 3 de Santa Catarina, 2 de Minas Gerais, 10 da Argentina e 1 da França. Cavalo de Mato Grosso atuando no prado, ainda não conseguiu marcar nenhum ponto.

Martincho não veio mesmo

O cavalo argentino Martincho, anotado na milha do GP Presidente da República, não veio com a delegação estrangeira, porque sofreu um contratempo nos exercícios, permanecendo assim em Buenos Aires, para se recuperar e prosseguir campanha nos prados de San Isidro e Palermo.

Envy derrotou Aripuana na noturna

Envy, uma filha de Blackamoor e Rosemarie, levantou o segundo páreo da noturna de ontem na distância de 1.200 metros, derrotando Aripuana com muita facilidade.

Sottinga fêz o traiu da carreira sempre seguida de perto por Zariana, Cambroeira e as demais. Nos 400 metros finais, Ricardo fêz correr sua montaria e partiu firme para o disco, com Aripuana formando a dupla.

Os resultados

Primeiro páreo - 1.200m

1.º Montmorency, O. Cardoso
2.º Depex, A. Machado

Vencedor (5) NCr$ 0,21. Dupla (23) NCr$ 0,24. Placês (5) NCr$ 0,12 e (3) NCr$ 0,12. Tempo: 73s4/5. — Filiação: Dernah e Fio. — Treinador: G. Ulloa. — Não correu Fricandó n.º 4.

Segundo páreo - 1.200m

1.º Envy, A. Ricardo
2.º Aripuana, L. Correia

Vencedor (1) NCr$ 0,16. Dupla (14) NCr$ 0,31. Placês (1) NCr$ 0,13 e (7) NCr$ 0,22. Tempo: 73s2/5. — Filiação: Blackamoor e Rosemarie. — Treinador: E. Freitas — Não correu: Ziquinha n.º 8.

Terceiro páreo - 2.100m

1.º Sortile, A. Ricardo
2.º El Matrero, O. Cardoso

Vencedor (3) NCr$ 0,20. Dupla (34) NCr$ 0,18. Placês (3) NCr$ 0,10 e (5) NCr$ 10,00. Tempo: 136s. — Filiação: J. Reed e Burtle. — Treinador: C. Pereira. Não correram: Rasan n.º 4 e Kroché n.º 4.

Quarto páreo - 1.600m

1.º Rouxinol, A. Marçal
2.º Biscainho, J. Machado

Vencedor (3) NCr$ 0,21. Dupla (22) NCr$ 0,77. Placês (3) NCr$ 0,19 e (4) NCr$ 0,30. Tempo: 104s3/5. — Filiação: Albérigo e Urga. — Treinador: O. Serra.

Quinto páreo - 1.200m

1.º Rings, L. Santos
2.º Garota de Paris, C. Dos Reis

Vencedor (3) NCr$ 0,21. Dupla (34) NCr$ 0,27. Placês (3) NCr$ 0,13 e (10) NCr$ 0,73. Tempo: 79". — Filiação: Winter King e Haydée. — Treinador: J. J. Tavares — Não correu: Maroesa n.º 1.

Sexto páreo - 1.000m

1.º Drift, R. Ramos
2.º Bananeiro, J. Reis

Vencedor (5) NCr$ 0,46. Dupla (23) NCr$ 0,28. Placês (5) NCr$ 0,22 e (3) NCr$ 0,17. Tempo: 61s. — Filiação: Lightsen e Rúbia. — Treinador: J. Atlanési. — Não correram: James Bond n.º 6; Stand Pipe n.º 10 e El Rigoneta n.º 11.

Sétimo páreo - 1.600m

1.º Despacho, J. Reis
2.º Majesté, J. Borja

Vencedor (8) NCr$ 0,25. Dupla (24) NCr$ 0,24. Placês (8) NCr$ 0,19 e (4) NCr$ 0,72. Tempo: 103s. — Filiação: Guaycuru e Miss Cutia. — Treinador: Z. D. Guedes. Não correram: Estuário n.º 5 e Quenal n.º 6 e Dag n.º 6.

Oitavo páreo - 1.200m

1.º Volige, J. Machado
2.º Dulinha, J. Borja

Vencedor (8) NCr$ 0,25. Dupla (24) NCr$ 1,36. Placês (8) NCr$,27 e (6) NCr$ 0,90. Tempo: 80s. — Filiação: Voltigeur e Minonga. — Treinador R. Silva. Não correram: Jacuíra n.º 8 e Olgue n.º 10.

O movimento geral de apostas somou na noite de ontem a importância de NCr$ .... 482.148,24.

Fla e Flu tentam à noite a primeira vitória

Amorim foi a sensação no Flamengo com três gols no treino de ontem

Em busca ainda de uma primeira vitória na III Taça Guanabara, onde estão igualados em último, com seis pontos perdidos, Flamengo e Fluminense iniciam esta noite, no Estádio Mário Filho, a quarta rodada, em jôgo que, além da tradicional rivalidade de um Fla x Flu, despertam interêsse também as estréias anunciadas nos dois times, especialmente a de Cabralzinho, em uma das pontas-de-lança do ataque tricolor.

No Fluminense, Silveira é outra novidade, substituindo o capitão Altair na quarta-zaga, e Gonzalez sòmente hoje decidirá o goleiro para logo mais, pois Vitório recuperou-se surpreendentemente ontem, conquistando chances de voltar logo mais. O Flamengo, além de confirmar vários ex-juvenis em seu ataque, garantiu o reaparecimento de Nelsinho, para formar o 4-3-3, completado por Amorim e Rodrigues Neto.

Confirmado

Com as arquibancadas custando NCr$ 3,00 e as cadeiras NCr$ 11,00 ou NCr$ 6,00, ingressos válidos para o sorteio dos prêmios anunciados pela FCP, Flamengo e Fluminense farão o jôgo principal, às 21h15m, cabendo a Olaria e Portuguêsa jogarem a preliminar, com início previsto para as 19h15m. Os portões serão abertos às 18h45m, enquanto as bilheterias começarão a funcionar desde as *18h30m*.

Na dependência ainda das decisões de Alfredo Gonzalez e Modesto Bria, os dois times deverão formar com:

Flamengo	Fluminense
Renato	Vitório (Humberto)
Vâlter	Oliveira
Ditão	Valtinho
Itamar	Silveira
Altair	Bauer
Nelsinho	Denilson
Rodrigues Neto	Suingue
Amorim	Robertinho
Zèzinho	Camilo
Dionísio	Cabralzinho
Luís Carlos	Rinaldo

Arnaldo César Coelho foi o juiz escolhido em comum acôrdo, auxiliado por Idovã Silva e Rubens de Sousa Carvalho.

Flamengo e Fluminense, nos três jogos que disputaram até agora, na Taça Guanabara, apresentam os seguintes detalhes: **FLAMENGO** — perdeu para o América, por 3 a 0, para o Vasco, de 4 a 3, e para o Botafogo, de 1 a 0. Conquistou 3 gols e sofreu 8 contra, estando com seis pontos perdidos. **FLUMINENSE** — perdeu para o Vasco, 2 a 1, para o Bangu, 2 a 0, e América, 2 a 1. Tem 2 gols a favor, contra 6 que sua defesa deixou passar, igualando ao Flamengo em 6 pontos perdidos.

NÈLSINHO DEU AO FLA NOVA TÁTICA

Nelsinho, como terceiro homem de meio de campo e que se incumbirá da cobertura à linha de zagueiros ou a ela servirá de anteparo às cargas ofensivas do adversário, será a mais importante novidade do time do Flamengo para o Fla-Flu de hoje, porque o seu lançamento alterará toda a estrutura tática *da equipe que*, de um 4-2-4 rígido, passará a jogar no 4-3-3, com Nelsinho, Rodrigues e Amorim formando o trio de meio de campo.

No ataque, o técnico Bria conservará apenas Dionísio, já que Zèzinho garantiu a sua volta, na ponta-direita, e o novato Luís Carlos, pela esquerda, fará a sua estréia, substituindo a Rodrigues. *No coletivo de ontem, Amorim*, com três gols, foi figura destacada, contribuindo, com as suas penetrações, para que o ataque ganhasse maior objetividade e contasse, sempre que na ofensiva, com quatro elementos.

Jaime de fora

O zagueiro Jaime, em que pêse a sua participação *em parte do coletivo*, ainda não poderá voltar ao time e o pôsto continuará com Itamar. Jaime, mesmo sabidamente sem condições para enfrentar o Fluminense, foi para a concentração de São Conrado, cabendo-lhe a missão de doutrinar os seus companheiros à reação e, ainda, a de gozar de melhores condições à sua recuperação.

Luís Carlos, jogador juvenil apontado como autêntica revelação, confirmou suas qualidades com uma boa atuação no coletivo, mostrando-se agressivo e oportunista. Marcou um gol que, somado aos três de Amorim, completou a goleada de 4 a 0 do time titular sôbre o de reservas, que contou entre outros, com a participação de Murilo e Paulo Henrique.

Concentrados

Como se tivessem sido superadas tôdas as divergências e desentendimentos verificados na Gávea e com os jogadores imbuídos do espírito de recuperação da equipe, o treino se desenvolveu em ambiente sério, com todos os jogadores se aplicando de forma elogiável e animadora *para os inúmeros torcedores* que os viram treinar e que não negaram aplausos às boas jogadas.

O técnico Bria, além do time titular, concentrou apenas o goleiro Marco Aurélio e o zagueiro Jaime. A concentração teve início após o coletivo e para o almôço, na mansão de São Conrado, também foram convidados todos os jornalistas responsáveis pela cobertura do noticiário do clube e mais o pessoal do Departamento Médico, em autêntica confraternização entre os responsáveis ligados ao futebol rubro-negro e os jornalistas especializados.

O time titular venceu os reservas alinhando com Renato; Vâlter, Ditão, Jaime (Itamar) e Altair; Nelsinho, Rodrigues Neto e *Amorim*; *Zèzinho, Dionísio* e Luís Carlos. O treino teve duração de 40 minutos, com os titulares dominando amplamente as ações e chegando com facilidade à vitória por 4 a 0, em atuação considerada muito boa, pelo técnico Bria, e animadora, por observadores e torcedores.

Paulo Henrique e Murilo

Paulo Henrique e Murilo treinaram entre os reservas, com o lateral-esquerdo se mostrando em condições convincentes e se esforçando para voltar ao time. Paulo Henrique esperava mesmo ser incluído no time pelo técnico Bria, confessando-se chateado em não jogar hoje, para o que se julga em condições.

PÊSO DEMAIS LEVA ADEMAR AO MÉDICO

Ademar foi levado ontem a um especialista, no Hospital Gaffrée Guinle, para curar a sua indolência e tendência a engordar e enquanto não conseguir perder o excesso de pêso que o vem impedindo de atuar dentro de suas melhores condições continuará fora do time titular, com o seu lugar ocupado ou por Dionísio ou mesmo pelo novato Luís Carlos.

O Vice-*Presidente de Futebol* do Flamengo, Sr. Gunnar Goransson, anunciou ontem, que o médio paraguaio Reyes, vinculado ao Atlético de Madrid, já está pràticamente no Flamengo, que já deu ao clube espanhol, por conta dos NCr$ 106 mil correspondentes ao seu passe, a importância de NCr$ 10 mil, como acêrto de diferença pela venda de Espanhol e que dará mais NCr$ 15 mil, dentro de dez dias. O saldo do pagamento será em longas e suaves prestações.

Abreugrafia geral

Um caminhão dotado de tôda aparelhagem especial aos exames de Raios-X, estêve na manhã de ontem, na Gávea e todos os jogadores se submeteram ao exame de abreugrafia, sem relutâncias ou constrangimentos, ao contrário, pois todos aproveitaram a exigência para algumas brincadeiras.

O ponteiro Rodrigues voltou a ser motivo de comentários gerais, ontem, ao recusar a sua transferência para a Portuguêsa, e portanto, deixando de ganhar NCr$ 12 mil, correspondente a 15% sôbre NCr$ 80 mil, preço do seu passe e que já havia sido aceito pelo clube de São Paulo. Rodrigues fêz pé firme, exigindo NCr$ 20 mil na mão, levando a Portuguêsa, através do seu representante, Sr. José Castro, a desistir de tudo, sobretudo depois que tomou conhecimento da atitude agressiva do jogador com o técnico Bria.

Imprensa homenageada

Os repórteres que fazem a cobertura do noticiário do Flamengo participaram do almôço de ontem, na concentração do clube, como convidados pelo Departamento de Futebol. Na oportunidade, o Supervisor Flávio Costa expressou todo o reconhecimento do Flamengo à ação da imprensa, divulgadora do clube, de suas coisas, boas e ruins.

— O que a imprensa publica — disse Flávio Costa, em meio à sua oração —, espelha o que realmente se passa no Flamengo. É muito lógico, que em reformulações radiciais, como a que ocorreu atualmente no Flamengo, hajam reações e resultados aparentemente maléficos. Contudo, não podemos condenar a imprensa pelo noticiário do lado ruim de certas reformas.

Ao final do almôço, que também teve a presença dos homens do Departamento Médico do clube e do Sr. Cañoes, Diretor Técnico do Atlético de Madrid, e também do jogador Reyes, o Sr. Flávio Costa ofereceu [illegible] caneta a cada jornalista, com a recomendação de que todos poderiam usá-las para escrever bem ou mal a respeito do Flamengo.

O goleiro Marco Aurélio, que ficará na reserva de Renato, está licenciado para viajar ao Peru, domingo e, em Lima, assistir ao casamento de seu irmão Marco Antônio, na quarta-feira. Na quinta-feira, o goleiro já estará no Rio, como ficou combinado com a Direção do Departamento de Futebol.

Treino do Fluminense teve muito empenho e tranqüilidade

Cabralzinho é certo no ataque tricolor

Com apenas um treino coletivo, trinta minutos de individual e mais outros de pelada, Cabralzinho, mercê de jogadas individuais sempre inteligentes e também pelo empenho em procurar conhecer seus companheiros, conseguiu confirmar a sua estréia *no Fluminense* esta noite, contra o Flamengo, jôgo que se reveste de boa expectativa, especialmente pela quase necessidade de uma vitória que livrará um dos dois da lanterna.

Afora a estréia de Cabralzinho ao lado de Camilo, jogador que dia a dia cresce no conceito da torcida tricolor, o ataque do Fluminense apresentará hoje dois extremas completamente opostos. Robertinho, na direita, subiu ao time titular, quase surpreendentemente, e continua prestigiado por Alfredo Gonzalez, que desloca Rinaldo na esquerda, onde aquêle jogador se consagrou e alcançou a seleção brasileira.

Gonzalez, que reafirma sua opinião de que esta é a melhor formação de um ataque do Fluminense, no momento, conversou várias vêzes com os quatro jogadores, separadamente, preparando-os para o jôgo de hoje, quando exigiu bastante agressividade mesmo, o que acha, será conseguido com as deslocações experimentadas no coletivo, lembrando ainda a facilidade das penetrações de Suingue.

Robertinho e Camilo, pelo que fizeram no treino de quarta-feira, já demonstram algum entendimento, trocando com facilidade os passes e deslocando-se um para o setor do outro. Rinaldo, que vai ser atacante mesmo, e nada de terceiro homem de meio-campo, é homem de características próprias e bastante conhecidas na ponta-esquerda, especialmente a de ser violento chutador.

Cabralzinho, com apenas três dias em Álvaro Chaves, é outra esperança logo mais, destacadamente por suas qualidade individuais, pois, não teve o necessário tempo de entrosamento com seus novos companheiros, ainda que tenha conseguido realizar várias boas tabelas.

Ainda que Cabralzinho desperte as atenções de tôda a torcida tricolor, a esperança mesmo continua sendo Robertinho, para resolver o principal problema de Alfredo Gonzalez, o da ponta-direita do ataque tricolor. Com 19 anos, pela segunda vez hoje, Robertinho vestirá a camisa n.º 7, do Fluminense, sendo jogador de grande importância no esquema tático preparado por Gonzalez para esta noite.

Com grande interêsse pessoal, Robertinho passou a tarde de ontem, treinando sòzinho, chutando com ambos os pés para gol, além de realizar alguns piques com a bola dominada nos pés, o que é seu forte, pois gosta de partir para cima dos zagueiros adversários e buscar a linha de fundo, para centrar sôbre a área.

Robertinho, Camilo, Cabralzinho e Rinaldo é o nôvo ataque do Fluminense, a estrear hoje, contra o Flamengo. Se vai acertar ou não, diz *Gonzalez* — é coisa que só se pode dizer depois do jôgo, mas tenho certeza de que, pela raça e futebol dos quatro, é a formação que mais se aproxima do ideal desejado por todos os tricolores.

SILVEIRA ENTRA NA VAGA DE ALTAIR

Silveira será o quarto-zagueiro do Fluminense hoje, contra o Flamengo, decisão a que chegou Alfredo Gonzalez, ontem, após tomar conhecimento do relatório do Dr. José Rizzo, que vetou Altair, por culpa de um tostão recebido no coletivo de quarta-feira e que manteve a coxa esquerda bastante inchada e dolorida, obrigando mesmo o uso de uma muleta pelo jogador.

Afora a escalação de Silveira, Gonzalez manteve os demais nomes que anunciou durante a semana, deslocando Rinaldo para a ponta-esquerda, e confirmando a estréia de Cabralzinho no miolo, ao lado de Camilo, enquanto Robertinho continua titular na ponta-direita. Para satisfação do treinador, o goleiro Vitório recuperou-se completamente das dores do pé esquerdo, estando com chances de jogar logo mais.

Recreação

Em ambiente dos mais alegres, com os jogadores promovendo [illegible] gozações e lembrando a necessidade de escapar à lanterna, entregando-a aos rubro-negros, os tricolores treinaram individual leve e recreação ontem, a partir das 15h, encerrando os seus preparativos para o *Fla-Flu* desta noite, no Estádio Mário Filho.

Jardel, resfriado e um pouco febril, foi o único ausente, além de Altair, que permaneceu sentado à margem do campo. Trinta minutos de individual bastante leve, comandado por Gonzalez, precederam mais outros 30 de bate-bola tático, entre atacantes e goleiros, e disputada pelada entre os demais concentrados.

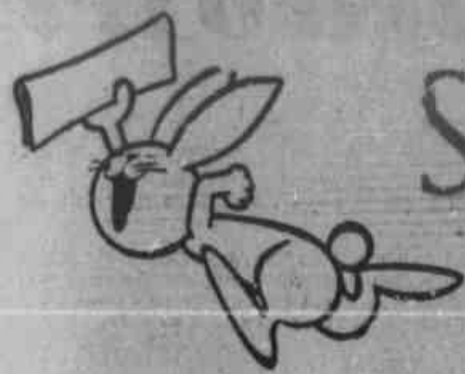
Durante a pelada, de uma distância de 30 metros, aproximadamente, Suingue conseguiu fazer um gol para o seu time, comandado por Denilson, que motivou forte gozação dos tricolores, pois o armador, com o calcanhar, conseguiu fazer a bola passar por baixo de uma das barreiras de alecrim, que servem de gol nas peladas, após enganar vários jogadores que se antepuseram à sua frente.

Concentração

Após o treino e o jantar na pensão do clube, os tricolores seguiram para a concentração da Rua das Laranjeiras, de onde só sairão hoje, às 19h, seguindo para o Estádio Mário Filho em ônibus especial fretado pelo Fluminense.

Por determinação de Gonzalez, 15 jogadores foram relacionados para a concentração, a saber: Humberto, Márcio, Oliveira, Valtinho, Altair, Silveira, Bauer, Denilson, Suingue, Robertinho, Camilo, Cabralzinho, Rinaldo, Jardel e Gílson Nunes.

O goleiro Márcio, por necessidade de resolver uma série de problemas particulares que chegam até a preocupá-lo em sua vida de profissional, garantiu que iria conversar ontem, depois do treino, com o Presidente Luís Murgel, para tentar receber o restante do dinheiro que faz jus ainda no Fluminense.

Jornal dos Sports

SEGUNDO TEMPO

Murilo pula carniça porque hoje é dia de Fla-Flu. Já se foi o tempo em que dia de Fla-Flu era dia de marmelada. Hoje é dia de comprar uma arquibancada por três mil cruzeiros velhos e se habilitar a, além de assistir uma boa partida de futebol, receber na semana que vem um "fusca" zero quilômetro, uma geladeira, uma tevê, ou uma máquina de costura.

rodízio

dálton crispim

Fluminense e Flamengo, velhos, tradicionais e cordiais rivais, jogam logo mais, no Estádio Mário Filho, outro Fla-Flu na história do futebol brasileiro. Como se não bastassem as emoções próprias do gabarito dos que vão se pegar esta noite, o Fla-Flu de hoje pode ser definido como diferente, único, talvez, na história dos dois clubes, pois acho que o Flamengo e Fluminense jamais disputaram a lanterna de algum torneio, como acontecerá hoje, válido na III Taça Guanabara.

Afora o desejo de escapar ao seu pior gozador, livrando-se da lanterna e entregando-a justamente ao seu principal rival, Fluminense e Flamengo chegarão ao Estádio Mário Filho cheios de novidades para suas torcidas, com os dois times fundamentalmente alterados, quer seja em nomes ou esquemas táticos, mas também em superstições e posições de alguns homens que não querem cair, ainda que saibam que ninguém mais os deseja onde estão, caso específico do Flamengo.

O Fluminense, após Suingue e Rinaldo, além de Camilo, vai apresentar Cabralzinho, jogador chave em qualquer esquema organizado por Alfredo Gonzalez, enquanto o Flamengo, pela necessidade que sua torcida merece, vem com um time nôvo, cheio de juvenis, com bastante fôlego e vontade de acertar. Fora de campo, considerando-se a atualidade dos dois clubes, o Fluminense está mais tranqüilo, sem faixas contra ninguém, a não ser Paulista, que ainda continua chefe de torcida.

O Flamengo, ao que tudo indica, deverá ler ainda novos cartazes contra a atual diretoria, especialmente contra os nomes do Departamento de Futebol. É a sinceridade do povo e ninguém pode sustá-lo, que bem retrata a intranqüilidade do rubro-negro das arquibancadas e já faz por merecer o atendimento dos que devem sair.

Êste poderá ser um Fla-Flu decisivo também para alguns, fora do campo. Muita coisa poderá acontecer se o Flamengo perder enquanto os tricolores, começando a criar confiança, vão ao campo certos que fi-ga baiana chegou o tempo de ajudar o time a acertar para o futuro.

a vida como ela é

nélson rodrigues

fatalidade

Diante do espelho, pintava os lábios, quando a filha entrou no quarto:

—— Vai sair?

—— Vou.

—— Aonde?

Respondeu, sem paciência:

—— Não é da sua conta.

E a menina, sumária:

—— Também vou.

Já nervosa, atirou longe o pincel de batom. Virou-se para Maria Lúcia:

—— Você parece, até, que anda me espionando! — e a interpelou desesperada:

— Você vai aonde, criatura?

—— Aonde você fôr.

E Julieta, que estava de combinação, os belos ombros nus, ergueu-se:

—— Será que eu tenho que levar sempre reboque atrás de mim? Ora veja!

Sem uma palavra, a pequena apanhava um vestido no guarda-roupa, enquanto a mãe, indignada, assistia a êsses preparativos. Por fim, Julieta explodiu:

—— Eu não vou mais a lugar nenhum, pronto! Mas olha aqui: você anda de marcação comigo há muito tempo. Mas eu vou me queixar a teu pai. Deixa estar!

Pôs o quimono em cima da combinação e saiu do quarto, bufando:

—— Que mal, fiz eu a Deus?!...

Era mãe ainda môça, ainda bonita, de uma filha única, de15 anos. Há cêrca de um ano começara a dizer, no fundo divertida: "Minha filha está de marcação comigo". E era verdade. Todos os seus gestos, palavras e atos pareciam merecer o contrôle da menina. Se ela ria alto, Maria Lúcia a cutucava: "Não ri assim mamãe!" O fato é que, com o correr do tempo, a sensação de vigilância, de espionagem, se tornou cada vez mais intensa. Sempre que se preparava para sair, a filha surgia como por encanto: "Eu também vou". Isso, que acontecia muito, passou a acontecer sempre. E Julieta, que a princípio achava graça, começou a se irritar: "Ora bolas!" Interpelava ao marido: "Será que eu não sou dona do meu nariz?" Êle, conciliatório e bem humorado, aconselhava: "Deixa! Deixa!" E explicava: "Gosta de ti". Mas chegou um momento em que a interferência da filha se tornou ousada e perturbadora. Um dia, numa festa, a mãe dançou muito com o mesmo par. A filha veio ralhando no automóvel:

—— A senhora parecia nem sei o que!

—— Eu?...

—— É, sim! Dançou quinhentas vêzes com aquêle sujeito: A minha cara caiu no chão!

Perdeu a paciência:

—— Olha aqui, Maria Lúcia: vê se não dá palpite, ouviu? Você é uma pirralha muito audaciosa!

Mas a pequena, insolente, concluiu:

—— Que papel!

Incidentes dessa natureza se multiplicaram. Julieta começou a experimentar uma sensação torturante: de que nunca estava sòzinha e de que os dois olhos da pequena a acompanhavam por tôda a parte. Nessa tarde, enquanto a filha lia no gabinete, ela, às pressas, se vestira para sair. Já vimos que Maria Lúcia surgira no último momento. Feito uma fúria, esperou o marido. Quando o marido apareceu, pouco depois das sete, ela exclamou:

—— Nossa filha é de amargar, Heitor! Eu não agüento mais!

Era um homem caladão, mas uma grande alma. Seu feitio sóbrio não combinava com a natureza expansiva e juvenil de Julieta. Esta gostava de festas, passeios, teatros, visitas. E êle, que preferia dormir cedo, aconselhava: "Arranja uma companhia e vai. Eu fico". Como pai, era, também, um discreto nas suas expansões. E, contudo, ninguém mais amigo de sua filha. Naquele dia, ao ouvir as queixas da mulher, impressionou-se. Deu um tapinha na face de Julieta: "Deixa por minha conta. Vou falar, já, com Maria Lúcia". Pouco depois, ralhava com a pequena:

—— Que negócio é êsse? Você quer mandar em sua mãe? Onde é que nós estamos? Em absoluto!

Maria Lúcia, que estava sentada, ergueu-se, lívida:

—— Quer dizer que o senhor está contra mim?

—— Mas, evidente!

Então, aquela pequena, que adorava o pai, exaltou-se: "O senhor não compreende, não vê que é por sua causa?" Agarrou-se a êle: "Mamãe é muito môça e bonita e..." Queria dizer, em suma, que a mulher formosa é mais ameaçada e que sua presença de filha impedia muita coisa. Heitor tentou interrompê-la: "Basta!" E ela, obstinada e veemente:

—— Minha mãe faz coisas que não devia. Dança com todo mundo!

Pela primeira vez, Heitor gritou:

—— Nem mais uma palavra!

Arqui-sensível, Maria Lúcia pôs-se a chorar. Heitor, passou-lhe um verdadeiro sermão:

—— Isso que você está dizendo não se diz, nunca! Nenhum filho pode julgar a própria mãe! Seja ela a pior mulher do mundo, êle tem que respeitá-la, sempre!

Ergueu o rosto:

—— Quer dizer que minha mãe pode fazer o diabo?

E êle:

—— Esse é um problema de sua mãe e não de você. O que eu não quero, nem admito, é que você critique sua mãe. Por quê? Sim, por quê? Eu, que sou o marido, tenho absoluta confiança em minha mulher — e sublinhou: — Absolutíssima!

Levantou-se a menina. Por entre lágrimas, disse:

—— Eu tomava conta de minha mãe. Mas já que o senhor não quer, nem ela, paciência. Mas eu quero que o senhor saiba de uma coisa — pausa e continuou: — Se algum dia, eu souber de alguma coisa, eu... eu... Juro, papai, que me mato!

Durante cêrca de um ano, Maria Lúcia tiranizara Julieta. E, súbito, mudava a situação. O próprio Heitor impôs com sua maneira discreta, mas inflexível: "Você não me sai com sua filha, Maria Lúcia precisa aprender". Julieta respirou. Sentiu-se, enfim, libertada. Na companhia de amigas, de temperamento alegre também, vivia em festas, teatros, passeios. As amigas diziam: "Estás com tudo!" Admitia, feliz: "Mais ou menos". Nunca a sensação de liberdade lhe fôra mais doce. Quando, nos bailes, perguntavam pelo marido, explicava:

—— Meu marido gosta de dormir cedo.

Teve, ainda, uma última discussão com a filha. Esta viera dizer: "A senhora está livre. Papai não liga e eu não saio mais com a senhora"... Julieta, tirando os brincos, suspirou: "Mas que xarope é você, Deus me livre!" Sem dar por achada, a filha continuou:

—— Não faça nunca o que uma espôsa não possa fazer... E se fizer, já sabe: há de chorar lágrimas de sangue...

Usava, pela primeira vez, a expressão "lágrimas de sangue" que, para ela, parecia traduzir o supremo horror. A verdade é que, não tanto as palavras, mas um certo quê de adulto e de viril no seu rosto, abalou Julieta. Pouco depois, porém, estava de nôvo imersa na sua vida deliciosa e frívola; e já não se lembrou mais do rosto inescrutável da filha.

Mas a pequena mudara por completo. Uma noite, depois do jantar, chamou o pai. Disse, baixo:

—— Ela não gosta do senhor... Eu sei que ela não gosta do senhor...

No primeiro momento, Heitor quis ser enérgico. Mas sentiu tanta tristeza em Maria Lúcia, uma doçura tão patética nos seus olhos lindos e desesperados que se calou. Pouco depois com a mulher, diria: "Talvez fôsse negócio levar Maria Lúcia a um psicanalista"... Julieta, que limava as unhas, admirou-se:

—— Por quê?

Acendeu um cigarro: "Ela não está normal. Anda com umas idéias, umas atitudes meio esquisitas!" Julieta deu um muchocho:

—— O que ela quer é movimento! O que ela quer é carnaval!

Mas no dia seguinte, pela manhã, Julieta falou um tempo infinito no telefone, baixinho. Por puro instinto feminino, Maria Lúcia conjecturou: "É homem". E não perdeu mais a mãe de vista. À tarde, Julieta fêz uma interminável toalete, com tôda minúcia e deleite. Ao sair do quarto, pronta, a própria filha admitiu. "É lindo!" Esperava a mãe, no corredor, e quis barrar-lhe a passagem: "Não vá... Eu não admito que a senhora faça isso com papai...". Foi empurrada. E, então, a pequena correu na frente. Com desesperada agilidade, apanhou um copo em cima do aparador. Julieta estacou atônita. A filha dizia, numa euforia tremenda: "Isso é veneno! Veneno!" Já no limite entre a vida e a morte, completou:

—— A senhora não pode trair nunca meu pai, nunca! Eu não quero! Nunca!

A mãe avançou, como louca. Mas só pode bater num copo vazio. Maria Lúcia bebera tudo, de uma só vez e se torcia em dôres medonhas, no chão. E, então, aquela mãe se sentiu culpada da morte da menina. Quando o marido chegou, Julieta gritava dentro da casa:

—— Ela quis evitar uma coisa, que tinha acontecido ontem! Coitadinha!...

XIX jogos da primavera

ipanema já iniciou campanha para o tri

Ipanema já treina n'água pensando na campanha para o tri

Bicampeão da série, o Ipanema Praia Clube foi a primeira agremiação a se inscrever entre os Clubes especiais no XIX JOGOS DA PRIMAVERA, e que segundo afirmou o Presidente, Sr. Murilo Carvalho da Silva, "vai participar em tôdas as modalidades para poder chegar ao tri".

O clube, que tem o nome do bairro da Zona Sul, na sua história já conquistou inúmeros títulos, sendo que as suas maiores chances residem nas competições de ciclismo, natação, tênis de mesa, tiro ao alvo e arco e flecha.

tri em vista

A primeira preocupação do Ipanema segundo adiantou o seu Presidente e fundador, será o desfile de abertura, tendo garantido que o clube estará desfilando com um pelotão de aproximadamente duzentas atletas, visando a reconquista do título, atualmente em poder do Bonsucesso.

Para tal, já iniciou os primeiros preparativos visando recrutar as atletas, sendo que o contigente agrupará diversas modalidades, cada qual representada em suas reais características. Como exemplo, citou que no grupamento de arco e flecha as meninas estarão com trajes de arqueiras, e assim por diante.

brilhar em quatro

Murilo Carvalho da Silva sabe que na Série Especial de Clubes terá de enfrentar adversários de gabarito como Magnatas e Bonsucesso, e por isso já esquematizou um plano para neutralizar a potência dos seus mais sérios rivais, através uma preparação de fato de suas equipes. Desde já, surge como o favorito para a conquista dos títulos de natação, tiro ao alvo, arco e flecha e ciclismo. Todo o treinamento será realizado no Fluminense, clube onde exerce a função de Administrador.

Para o desfile de abertura, o Ipanema ainda não se decidiu na escolha da Porta-Bandeira e Baliza, uma vez que seus diretores estão enfrentando um sério problema, já que são muitas as meninas com capacidade para desempenhar as duas difíceis missões, sendo que até mesmo os principais nomes vêm sendo mantidos em segrêdo.

— A arma do negócio está no segrêdo — afiançou o Sr. Murilo Carvalho da Silva, adiantando que o clube vai se apresentar no Estádio Mário Filho com duas meninas que dificilmente deixarão de conquistar os títulos.

magnatas em tôdas com fôrça total

Pela nona vez consecutiva o Magnatas Futebol de Salão, tradicional agremiação esportiva da Zona Norte da cidade estará presente na olimpíada, já tendo sido inscrito no XIX JOGOS DA PRIMAVERA, no qual já conquistou vários títulos nas mais variadas modalidades, sendo que vai tentar manter a hegemonia que vem detendo no tiro, e a conquista da corôa do concurso da Rainha, sendo que ano passado a sua candidata, Srta. Celi Regina de Aguiar foi eleita soberana da Série especial, êste ano vai concorrer pelo título geral, único que o clube ainda não arrebatou.

O clube do bairro do Rocha estará intervindo nas dez modalidades dos que constituem o calendário esportivo da série Especial de clubes, apresentando-se, desde já, com chance de vir a conquistar vários títulos. Para o desfile de abertura, o clube já está recrutando suas associadas, prevendo seus dirigentes que a sua representação se apresente no Estádio Mário Filho, na tarde de 23 de setembro, com cêrca de 150 atletas "capazes de conquistar para o Magnatas a hegemonia que perdeu há três anos".

nas dez

Clube de grande movimentação social, o Magnatas também se dedica ao setor esportivo, estando em funcionamento as seções de volibol, basquetebol, atletismo tiro ao alvo, arco e flecha, ginástica, e tênis de mesa. Futuramente será criada de xadrez. Em suas equipes se destacam atletas que marcaram época nos Jogos da Primavera, destacando-se entre elas Celi Macêdo Gomes, Patrícia França Vilela, Maria do Carmo Azevêdo Tôrres, Lúcia Helena Martins, Daise Lima Brandão, Maria Inês Cavalcante, Maria Alice Ferreira, entre outras.

Ano passado, o Magnatas foi soberano no tiro ao alvo, desbancando as atiradoras do Ipanema e do Iate de Governador, com uma equipe apurada tècnicamente, graças ao trabalho do campeão carioca e brasileiro, Professor Flávio do Nascimento. Êste ano a equipe será mantida, além da inclusão de novas atiradoras, aumentando o poderio "bélico" do clube da rua General Belford, no bairro do Rocha.

sua majestade

O Magnatas tanto brilha no esporte como na beleza. Ano passado sua candidata, Srta. Celi Regina de Aguiar foi eleita Rainha da Série Especial de clubes. Êste ano, ela estará de volta à passarela, e graças ao seu espírito esportivo e graciosidade, mais uma vez desponta como uma das mais sérias candidatas ao cetro máximo, atualmente em poder da colegial Ivani Rondinho, do Colégio Plínio Leite, de Niterói, Estado do Rio.

Outras atrações do Magnatas serão a baliza e a porta-bandeira. A menina que irá executar evoluções à frente do pelotão de atletas ser a mignon Patrícia França Vilela, que já representou o clube por ocasião do desfile dos JOGOS INFANTIS, onde se saiu muito bem. A porta-bandeira ainda não foi escolhida, mas tudo faz crer que será mais uma vez Celi Rodrigues de Aguiar.

Técnica aliada à graça constituem a circunferência do Magnatas

flashes

Edite e Márcia Rocha constituem "uma família à serviço do arco e flecha do Fluminense". As duas, que são terríveis em se tratando de acertar na môsca, já estão afiando a pontaria pensando em têrmos de medalhas de ouro na competição da olimpíada.

Por falar em Fluminense, soubemos por fontes dignas que já começou a ser desenhada no papel a roupa com que Sandra Regina Rodrigues Môcho apresentar-se-á portando a bandeira do Fluminense no desfile de abertura, programado para a tarde de 23 de setembro, no Estádio Mário Filho.

Ao que parece, não restam mais dúvidas de que Patrícia França Vilela será mesmo a baliza do Magnatas. A menina, que já fêz sucesso por ocasião dos Jogos Infantis, vai entra no ritmo de treinamento intensivo, a cargo do Professor Arioldo Tavares. Patrícia poderá até mesmo surpreender.

Rui Proença, cujos bonbons fizeram sucesso nos Jogos Infantis, já deu o ar de sua graça no Vasco da Gama, voltando a frequentar o clube depois de um período de férias. Dizem que êle foi se refazer para poder incentivar as atletas do Almirante na Primavera. E com bombom e tudo...

Todo eufórico, o Sr. Francisco Tolêdo Ribas, vice-presidente de esportes amadores do América falava da Primavera durante uma reunião de americanos, no sábado passado. Em tempo: o clube rubro vai disputar os Jogos com fôrça total. É o que dizem...

O Arte e Instrução está com tudo e não está prosa no atletismo. Tem um verdadeiro esquadrão, onde se destacam Silvina, Maria Alice, Sandra, Mara, Ângela e outras. Vai ser "osso duro de roer" vencer a escola na modalidade.

II torneio de pelada jornal dos sports-esso

seleção arrasa-quarteirão de volta

Uma "cabeleira de verão" cabeceia a bola, assistido por um cabeludo — de carapuça

Uma das grandes atrações da rodada de amanhã é a apresentação da Seleção Junior — juvenis — contra o Estrêla, de Botafogo. A Seleção Junior, que se estará apresentando pela segunda vez no Torneio, em sua estréia venceu o Vasquinho por 21 a 1, jogando de maneira avassaladora.

A rodada de amanhã, com preliminares de juvenis e, principais, de adultos, terá jogos às 14 e 15h30m, com tolerância de quinze minutos de atraso para as equipes disputantes.

a rodada

Os jogos de amanhã são os seguintes:

Campo 1 — 1.º jôgo — Arco Verde F. C. — 263 x 221 — Atlético F. C. 2.º jôgo — A. A. Reborres — 21 x 640 Alvarinho E. C.

Campo 2 — 1.º jôgo — S. T. — F. C.; 145 x 3 — Barroso F. C.; 2.º jôgo — Negreiros F. C. 335 x 331 — Porão F. C.

Campo 3 — 1.º jôgo — E. C. — 396 x 339 — Gordo F. C.; 2.º jôgo Eldorado (Castelo) — 278 x 328 — Grilo F. F.

Campo 4 — 1.º jôgo — Estrêla Azul F. C. — Sta. Teresa — 113 x 163 — E. C. Claudio; 2.º jôgo — Carcará F. C. — 256 x 672 — B. C. Aimoré (Jacarepaguá).

Campo 5 — 1.º jôgo — Seresteiro F. C. — 67 x 214 — Por Cima da Trave F. R.; 2.º jôgo — Gr. Rec. H-G — 462 x 464 E. C. Vitori.

Campo 6 — 1.º jôgo — Seleção Júnior — 61 x 39 — Estrêla F. C. (Botafogo); 2.º jôgo — Atílio F. C. — 28 x 687 — Valadares F. C.

Campo 7 — 1.º jôgo — Barcelona F. C. — 15 x 50 — Côr de Rosa F. C.; 2.º jôgo — Intocáveis de Botafogo F. C. — 514 x 758 — Fio de Ouro F. C.

Campo 8 — jôgo único — Sudan F. C. — 632 x 320 — Gr. Rec. Vermelho Prêto.

pelada a sério

Com os jogos da noite de têrça-feira, à fase classificatória do II Torneio de Pelada JORNAL DOS SPORTS—ESSO atingiu sua metade, sendo realizados 496 jogos de um total previsto de 91. Tal cifra dispensa qualquer comentário sôbre a magnitude da promoção esportiva que o JS e a Esso promovem nos campos do Atêrro e demonstram, também, o acendrado amor do carioca ao futebol.

Com sol forte, chuva fina e grossa, ventania, calor ou frio, em qualquer rodada o número de assistentes sempre andou acima da casa do milhar. Ocasiões houve em que o número de torcedores era tão grande, que o próprio campo em que se desenrolava o jôgo se apresentava invadido, com o público recuando quando uma jogada acontecia próximo às laterais.

Futebol é paixão — já dizia Mário Filho. Pelada é futebol — futebol-povo, camisa desbotada, calções diferentes, tênis velhos, sem cerimônia. No transcorrer dos 496 jogos disputados, como seria natural, a disciplina, em muitas ocasiões, andou sendo arranhada — um pontapé aqui, uma tentativa de agressão ali, uma palavra mais áspera a um juiz. Mas, entre mortos e feridos — ninguém necessitou de socorros médicos.

Grandes alegrias se materializaram no Atêrro. Muitas ilusões foram água abaixo. Entretanto, para ninguém a esperança terminou. O vencido de hoje, conforme faculta o regulamento, poderá ser o festejado campeão de amanhã. Mais de mil jovens, adultos e veteranos, como qualquer profissional, correram no Atêrro, jogando para um público que, como aquêle — aquêle mesmo — que freqüenta estádios, os aplaudia e vaiava, livremente manifestando sua opinião.

A pelada prossegue. É mais uma promoção vitoriosa pensada por Mário Filho — para honra da equipe que forma no JORNAL DOS SPORTS.

copa rio branco 32

capítulo LXXVI

Oscarino arranjara um jeito de ficar junto de Vinhais. "Eu não estou gostando do Nélson Magalhães, Vinhaes" — Oscarino deixou escapar. Vinhais mordeu os lábios, nem voltou a cabeça. Martim pulou mais alto que Duharte, cabeceou, Ivan mandou a bola para o meio do campo, Paulinho não perdeu tempo, entregou a bola a Nélson Magalhães, Faccio tomou a bola de Nélson Magalhães. "Você vê, Vinhais?" Faccio não ficou com a bola, Ivan apareceu na frente dêle. "Não é por mal, Vinhais, mas que o Nélson Magalhães está enterrando o team, está". Vinhais mudou de posição. Oscarino riu sem jeito. "Eu até queria que o Nélson Magalhães estivesse jogando bem, Vinhais, você pode acreditar". Canali e Fernandez caíram juntos, Canali levantou-se logo, Fernandez ficou. Tejada parou o jôgo. "Canali é duro" — Oscarino tratou de mudar de assunto, era bom não forçar muito a mão. Aí Vinhais concordou com a cabeça. "Se houvesse mais um jogador com o físico de Gradim no ataque..." — Oscarino insinuou, olhando para o outro lado. Outro jogador com o corpo de Gradim só podia ser êle.

O ministro Araújo Jorge bateu palmas também quando Fernandes voltou para o campo. "Minha filha — disse o ministro Araújo Jorge curvando-se ligeiramente — não se esqueça de aplaudir". Dona Helena Araújo Jorge pareceu despertar, bateu palmas com as pontas dos dedos. Tejada apitou, a bola saiu dos pés de Canali, foi para os pés de Válter correu, de repente a bola subiu, era um centro. Martim apareceu dentro da área do Nacional. "Oh! — fêz o ministro Araújo Jorge, vendo a bola perder-se longe do gol — quase". "Passou o perigo" — disse Castelo Branco, voltando-se, de pescoço encolhido, a voz profunda, para dona Helena Araújo Jorge. Dona Helena Araújo Jorge não teve dúvida em afirmar que o perigo passara. Eu confesso — Alarico Maciel descreveu um semi-círculo com a mão torcida que tive um certo receio". "Pois eu — o ministro Araújo Jorge suspirou — não tive nenhum receio nenhum".

Manoel Gonçalves recebeu a bandeja das mãos de Manoel de Jesus. O guardanapo foi jogado para um canto da mesa cheia de fotografias não publicadas, de originais cujo destino era o cêsto, de livros de páginas fechadas. Manoel Gonçalves pegou a asa do bule de leite, encheu meia chícara, acabou de encher a chícara com café. Uma colher de açúcar, mais meia colher de açúcar, Manoel Gonçalves estalou a língua, acendendo o olhar. Corner contra o Nacional, gritou o locutor. Manoel Gonçalves deu uma dentada no sanduíche de queijo prato, depois perguntou de bôca cheia se ninguém queria comer nada. Sem esperar pela resposta — olhares alongaram-se até a bandeja, o sanduíche de queijo prato devia estar gostoso — Manoel Gonçalves levou a chícara de café com leite aos lábios. Jarbas bateu o corner, a bola foi fora. Manoel Gonçalves fêz hum, hum, ninguém compreendeu o que êle queria dizer com hum, hum, o locutor anunciou que acabara o primeiro tempo. Manoel Gonçalves deu outra dentada no sanduíche de queijo prato, inteiramente feliz.

"Primeiro você, Válter" — Vinhais segurava a seringa de injeção. Válter deixara-se cair sôbre o banco, dizendo que não podia mais. "Você vai correr mais agora do que antes" — Vinhais deu a injeção, Válter levantou-se, cedendo o lugar a Paulinho, Vinhais encheu a seringa de nôvo, apressadamente. A impressão que êle tinha era de que não havia tempo para coisa alguma. Irineu esperava que Martim acabasse de beber chá com colateno.

Quem não tomava a injeção de óleo canforado bebia uma chícara de chá com colateno. Os jogadores formavam fila. Martim, depois Domingos, depois Ivan, depois Vitor. Paulinho deu o lugar a Gradim, Gradim deitou-se no banco, Vinhais veio com a seringa, em um segundo a injeção estava dada. "Agora é você, Jarbas". Jarbas aproximou-se, esperou que Gradim se levantasse. Nélson Magalhães só olhava. Seria que Vinhais ia esquecer-se dêle? O melhor era fazer-se lembrado. Nélson Magalhães segurou Vinhais pelo braço: "Senhor Vinhais, e eu? O senhor não me vai dar uma injeção também?".

Oscarino resmungou qualquer coisa. Se o Vinhais désse uma injeção em Nélson até o fim. "Eu, se fôsse o Vinhais, mandava o Nélson Magalhães descansar". Jarbas levantou-se de um salto, Vinhais empurrou Nélson Magalhães para o banco. "Deite-se, Nélson". Nélson Magalhães obedeceu, contente, bem que Oscarino reparou no sorriso de satisfação de Nélson Magalhães. Oscarino sentiu-se cansado, não adiantava esperar mais nada. E eu tenho quase certeza que faria alguma coisa. Mais do que Nélson Magalhães eu faria, disso eu não tenho dúvida. Oscarino afastou-se para um canto, vozes se confundiam. Era Domingos, "para êles fazerem um gol, há de custar". Era Válter", "você deixou o gol para o fim, hem, Gradim?", era Leônidas, "está sendo igualzinho à Copa", era Nélson Magalhães, "eu ainda hei de acertar um chute". Irineu Chaves, Oscarino olhou com indiferença para Irineu Chaves, mostrava a bola branca a Martim. "Chegou a vez da nossa bola, Martim". Oscarino tentou rir. Foi aí que apareceu alguém de macacão, Oscarino nunca vira aquela cara na vida dêle. Um uruguaio, sim, e do Nacional. O homem do macacão queria falar com o treinador brasileiro. "Vinhais — gritou Martim — é com você". Vinhais largou a seringa de injeção, não havia mais ninguém precisando de óleo canforado, procurou ver quem queria falar com êle. O homem de macacão explicou para que tinha vindo. "Los nuestros — "los nuestros" eram os jogadores do Nacional — querem ver la pelota." Vinhais apontou para Irineu: "Empreste a bola, Irineu. Os jogadores do Nacional desejam examinar a bola". Antes de entregar a bola, Irineu apertou-a entre as mãos abertas, depois suspirou, com má vontade êle se desfêz da MacGregor pintada de branco. "Cuidado — recomendou Irineu Chaves — esta é a única bola que eu trouxe". Fôra um esquecimento, êle devia ter trazido as duas bolas, agora era tarde para mandar buscar a outra. O homem do macacão agradeceu, "muchas gracias", saiu correndo com a bola branca para o vestiário do Nacional. O vestiário do Nacional ficava junto do vestiário dos brasileiros, separado apenas por uma parede. Tanto que, às vezes, por brincadeira, alguém do lado de cá pedia silêncio. Era divertido tentar escutar o que se passava do outro lado de lá. Geralmente não se escutava nada. E o silêncio que se fazia tinha a eloqüência de uma explicação. Os uruguaios — nada mais fácil colorir uma cena de derrota — estariam sentados nos bancos, as mãos segurando as cabeças. De longe, uma explosão. As palavras — devia ser uma só, com ponto de exclamação, repetida uma ou duas vezes — não atravessavam a parede. Depois que o homem do macacão desapareceu, tudo ficou quieto. Sons intraduzíveis alcançaram os ouvidos dos brasileiros. Nélson Magalhães ia dizer alguma coisa, Vinhais mandou que êle calasse a bôca. Uma idéia absurda cruzara a cabeça de Vinhais. Não, não podia ser. E se fôsse? Vinhais aproximou-se da parede, inclinou a cabeça, acabou encostando o ouvido na parede. O rumor que vinha do vestiário do Nacional era de chuveiro aberto, água caindo, quem sabe? talvez a bola estivesse debaixo do chuveiro. O coração de Vinhais bateu com fôrça.

Que o rumor era de chuveiro, não podia haver a menor dúvida. Vinhais fêz psiu, a água pareceu cair com mais fôrça. "Ramos de Freitas!" — Vinhais deu quase um grito, Ramos de Freitas apareceu em um instante. "Vá ver o que êles estão fazendo com a bola". Ramos de Freitas empurrou jogadores Vinhais quis chamá-lo de volta, já não havia mais tempo. "Você acha que êles estão molhando a bola, Vinhais?" — Irineu Chaves piscou os olhos de nervoso, Oscarino saiu atrás de Ramos de Freitas, Oscarino, Benedito, Aimoré, Agrícola, todos os que não iam jogar. Atrás da parede se ouviram passos, gritos, barulho de discussão, o som da água caindo fôra embora. Vinhais resolveu ir também ver o que estava acontecendo. Antes que êle chegasse à porta, Ramos de Freitas surgiu de nôvo com a bola branca, tôda molhada. Irineu Chaves levou as mãos à cabeça, Vinhais agarrou a bola, começou a pedir toalhas, "tragam toalhas". Foi um corre, corre.

"Você nem queira saber o que eu disse a êles, Vinhais" — contava Ramos de Freitas. A bola estava envolvida em toalhas, Martim, Itália e Benedito esfregavam as mãos nas toalhas, com tôda fôrça. Paulinho trincando os dentes, cerrara os punhos, Irineu encostara-se na parede, como se não tivesse fôrças para um gesto, as pernas cansadas, os braços estendidos ao longo do corpo. "Quando eu entrei — Ramos de Freitas olhou em volta, triunfante — a bola estava debaixo do chuveiro, chuá, chuá, êles em volta". Vinhais pediu que Martim, Benedito e Itália esfregassem a toalha com mais fôrça. "Êles queriam — disse Vinhais depois — ensopar a bola, fazer a bola mais pesada". "E você acha que a bola fica enxuta, Vinhaes?" — lá veio a voz desconsolada de Irineu Chaves. "Fica enxuta, sim, Irineu, não se impressione. Ou você pensa que a gente vai perder por causa disso?" "Não, Vinhais, não" — Irineu tratou de animar-se outra vez. "Agora é que êles não ganham mais" — Domingos mostrou a mão fechada para a parede que separava o vestiário dos brasileiros do vestiário do Nacional. Logo a seguir se ouviu o apito de Tejada chamando os brasileiros para o campo.

"Ninguém sai" — avisou Vinhais. Tejada que esperasse, bem que Tejada podia apitar mais umas duas vezes. Vinhais jogou para um lado as toalhas que envolviam a bola, passou a mão pela tinta esmalte. A bola estava quase enxuta. "Eu acho, Vinhais — Martim também alisou os gomos da Mac Gregor — que a bola não pode ficar mais sêca". Irineu desta vez, teve fôrças para chegar até junto de Vinhais. "Deixe eu ver a bola, Vinhais". Vinhais entregou a bola a Irineu, Irineu apertou a bola de encontro ao peito. Molhada, molhada, a bola não estava mais: estava fria. Irineu atirou a bola no chão, a bola voltou para as mãos dêle. O som da bola contra o cimento fôra bom, quase normal, Vinhais ficara de ouvido atento, como um entendido de música à espera de uma desafinação. Outra vez o apito de Tejada entrou pela porta aberta do vestiário, Vinhais mandou todo mundo se preparar, empurrou Martim. "Para o campo". As travas das chuteiras rangeram no cimento, Vinhais deu as últimas recomendações: "Não perdoem, isso não tem perdão. Vinguem-se com uma vitória igual à da Copa".

"Os brasileiros acabam de voltar ao campo" — anunciou o locutor. Rivadávia tratou de armar as duas figas outra vez, a demora dos brasileiros já estava preocupando Rivadávia. O que passara pela cabeça dêle fôra o seguinte: Um jogador qualquer se machucara, Vinhais devia estar ganhando tempo. Avalie se os brasileiros tivessem de entrar para o último tempo com tempo no ataque, como com o Peñarol? Nem era bom pensar. Eu mandei o Nélson Magalhães de avião justamente para evitar uma coisa destas. Nélson Magalhães, o locutor poucas vezes pronunciava o nome dêle. Fazendo quase nada o Nélson Magalhães devia ser pelo menos, melhor do que médio transformado em ponta. Cada um em sua posição. "Que tem você, Riva?" — perguntou dona Silvia. "Nada minha filha, eu estou bem". "Você parece preocupado". "É que eu quero que o jôgo comece de nôvo, que acabe logo". Agora Carlos de Pino estava tranqüilo. Bastou, porém, que o locutor dissesse "os brasileiros acabam de voltar ao campo" para que Carlos de Pino se levantasse de um salto, esfregasse as mãos, olhasse Torquato Guerreiro de cima a baixo, a estátua da indiferença.

"Eu gosto de futebol à noite — disse dona Helena Araújo Jorge. Os refletores do Estádio do Centenário estavam todos acêsos, o verde da grama escurecera, parecia que o campo mudara de vegetação. Onde havia uma grama mais clara e outra mais escura? Era, era, dona Helena quase fechou os olhos, a memória trouxe-lhe uma lembrança do Passeio Público, uma grama para o sol, uma grama para a sombra, para a tarde caindo, para a noite. "Eu tenho a impressão — dona Helena cruzou as mãos de dedos longos sôbre a bôlsa — que de noite os jogadores correm mais, deve ser por causa do contraste do prêto e branco". Devia ser por isso, Gradim deu a bola a Paulinho, a multidão mexeu-se como um monstro de milhares de cabeças. Paulinho avançou com a bola, enganou Faccio, a bola já não estava mais nos pés de Paulinho, estava nos pés de Válter. Dona Helena pediu a Deus que Válter centrasse para Gradim, quem vai fazer outro gol é Gradim", Válter perdeu a bola, dona Helena Araújo Jorge passeou os dedos pela bôlsa.

Oscarino abriu a bôca, fechou a bôca. Não, não valia a pena forçar. Nélson Magalhães falharia daqui a pouco, com certeza Nélson Magalhães mandaria mais uma bola fora. Então chegaria o momento de falar com Vinhais. Oscarino estirou as pernas, o carvão moído da pista grudara-se no joelho de Oscarino, Oscarino teve de passar a mão pelo joelho. Não adiantava de nada, "eu tenho de ficar deitado, a espera".

Urdinaran escapou, Oscarino prendeu a respiração, Urdinaran chutou, a cabeça de Domingos apareceu. Por ali não passa nada. Nunca eu vi ninguém jogar como Domingos está jogando. A bola voltou, Ciocca veio com ela, Domingos ficou na frente de Ciocca acabou entregando a bola a Domingos. Não é por mal, eu até gostaria que Nélson Magalhães marcasse um gol, um gol êle não pode marcar, era só o que faltava, mas eu gostaria que Nélson Magalhães fizesse uma coisa. Uma voz me diz que eu tenho de entrar em campo, que se eu não entrar em campo os brasileiros não vencerão. É, só por isso que eu quero entrar em campo e Vinhais ainda não compreendeu.

Cabalero abotoou o paletó, desabotoou o paletó. O doutor Besse não voltara a trocar uma palavra com êle. Era como se os dois fôssem dois desconhecidos, um não sabendo o nome do outro. Válter centrou, a bola não chegou aos pés de Gradim, Cabalero torceu o corpo para um lado, ficou assim até que o chute partiu, que a bola foi fora. O coração de Cabalero continuou batendo. Agora o coração dêle só batia quando a bola ia para Gradim ou quando os uruguaios atacavam. Tôda vez que os uruguaios atacavam, a multidão prorrompia em gritos, parecia que o mundo vinha abaixo. E, afinal de contas, era sempre a mesma coisa. Domingos estava lá, Domingos desfazia o perigo, um oh! arredondava milhares e milhares de bôcas, o doutor Besse amarrava a cara, dizia alto, não para Cabalero, para os outros uruguaios que podiam entender, que sofriam com êle, que assim era de mais, que assim não adiantava. Domingos, o doutor Besse não o negava, era um grande jogador, mas estava tirando todo o encanto do jôgo.

Domingos para cá, Domingos para lá, Rivadávia sorria feliz. "Domingos acalma a gente". Até o Carlos de Pino já se dava ao luxo de ficar sentado, embora torcendo as mãos. "Fale, Guerreiro, diga alguma coisa!" — Carlos de Pino voltou-se para Torquato Guerreiro cruzou as pernas, o Rivinho fêz uma careta. Êles iam começar outra vez? "Você está proibido de me falar em decadência intelectual do foot-ball" — Carlos de Pino tratava de ferir a vaidade de Torquato Guerreiro. "Você, de Pino — Torquato Guerreiro arrastou a voz — está fora de si. Eu só responderei a você quando o jôgo acabar". "Se eu estou fora, você está dentro!" — Carlos de Pino quase gritou. Canali não conseguira conter Fernandes, pelo tom do locutor, parecia que o gol brasileiro estava em perigo. Fernandez deu a bola a Urdinaran, Urdinaran tentou driblar Domingos, Domingos ficou com a bola. "Você viu que pretensão, Riva? — perguntou Carlos de Pino — driblar Domingos! quá quá, driblar Domingos! "O Rivinho também soltou uma gargalhada. Realmente era muito engraçado alguém tentar driblar Domingos.

Martim está com a bola, Oscarino muda de posição, a perna estava querendo ficar dormente, Martim estende a bola para Válter, lá na extrema. Válter não fica com a bola, quem fica com a bola é Paulinho, Paulinho procura Gradim, Brito e Tambasco montam guarda a Gradim, parece que êles sabem de alguma coisa. "Eu estou com um mal pressentimento, Leônidas" — disse Oscarino, Leônidas deitara-se junto dêle. "Não brinque, Oscarino". Oscarino não estava brincando, apenas êle achava que Nélson Magalhães não podia continuar. "E você sabe, Leônidas, às vezes eu vejo coisas". Leônidas sabia. Pois êle, Oscarino, vira o seguinte: Nélson saindo de campo, êle, Oscarino, entrando e só aí é que Gradim fazia o outro gol. "Por que você não conta isso a Vinhais?" Leônidas estava impressionado. Ora, porque Vinhais podia pensar que êle, Oscarino, só queria tomar o lugar de Nélson Magalhães. E não era isso. "Pelo que é demais sagrado, Leônidas, eu juro que não é por isso". Domingos cabeceou, a bola foi para Ivan, Ivan chutou forte, a bola caiu diante de Gradim, Gradim chutou fora. "Se você não fala com Vinhais, eu falo, Oscarino". Oscarino e Leônidas trocaram de lugar, Leônidas ficou junto de Vinhais.

O Ministro Araújo Jorge procurava mostrar-se tranqüilo. "Enquanto estiver um a zero, tudo vai bem". "Dois a zero seria muito melhor" — disse dona Helena Araújo Jorge. O Ministro Araújo Jorge não negava que dois a zero fôsse melhor. Apenas as coisas não sucediam assim, como a gente queria. E depois os uruguaios eram os campeões do mundo, já era muito estar ganhando de um a zero. Nélson perdeu a bola para Brito, Alarico Maciel impacientou-se. "Para fazer isso não precisava vir de avião". Felizmente a bola foi para Martim, Martim estendeu um passe de quarenta metros para Jarbas, Jarbas escapou, atrapalhou-se com a bola. E lá voltou a bola para o meio de campo, Martim empurrou a bola para Gradim, Gradim driblou Brito, deu um bico, bola fora. "O senhor não acha que o Gradim está abusando um pouco, doutor Castelo?" — dona Helena Araújo Jorge perguntou por perguntar. Castelo Branco achava. "Excesso de confiança, minha senhora. O Gradim sabe que tem de fazer um gol". "Eu chego a pensar — dona Helena Araújo Jorge abriu a bôlsa, fechou a bôlsa — que era melhor êle não saber de nada". "Você está perdendo a confiança, minha filha?" — o Ministro Araújo Jorge curvou-se um pouco. Não, absolutamente.

"Vinhais — Leônidas falou entre dentes — o Oscarino está com um mau pressentimento". Vinhais não respondeu. Domingos salvou o gol brasileiro uma vez, duas vezes, três vezes. Leônidas deixou que o oh! da multidão se apagasse. "Oscarino viu uma coisa, Vinhais". "O que foi?" Oscarino vira Nélson saindo de campo, êle, Oscarino, entrando, Gradim fazendo o gol.

"E Oscarino não tem errado, Vinhais. Eu achava bom você escutar o Oscarino". Vinhais ficou quieto um momento. Os brasileiros atacaram, Tejada apitou, Nélson estava em offiside. Agora são os uruguaios que avançam a multidão põe-se de pé, Urdinaran passa para Fernandez, a bola suspende um pouco, Fernandez soltou o pé, Vitor atirou-se, agarrou a bola no ar. "Hein, Vinhaes?" — Leônidas insistiu. "Espere um pouco, Leônidas.

A gente está vencendo. Enquanto o escore ficar um a zero eu deixarei o Nélson Magalhães". Que diabo, o Nélson Magalhães viera de avião, a Amea gastara um dinheirão para mandar o Nélson Magalhães. "Olhe que o Oscarino não tem falhado, Vinhaes". "Espere um pouco, Leônidas". A multidão não se sentara ainda, os uruguaios continuavam atacando.

A empregada trouxe a bandeja de café, Rivadávia apontou com o queixo para Carlos de Pino e Torquato Guerreiro. Êle tomaria depois, Carlos de Pino segurou o pires, a chícara dançou fazendo barulho de louça. Torquato Guerreiro tomou um gole de café, o café estava qüente, como êle gostava. Nélson, a quatro mil quilômetros de distância, passara a bola para Jarbas, Jarbas chutara, o locutor disse que a bola tinha passado raspando a trave. Rivadávia, então, desfez a figa para apanhar a xícara de café. Dona Silvia perguntou: "Está bom, Riva?" Quem respondeu foi o Torquato Guerreiro. "Há muito tempo eu não bebo um café tão bom, dona Silvia". A bola andava, agora, pelas bandas dos brasileiros. Domingos afastou o perigo, o perigo não demorou a voltar. Rivadávia tratou de botar a xícara na bandeja, de armar as duas figas de nôvo. Ah! se o escore pudesse ficar assim, um a zero, um a zero, um a zero bastava, não precisava mais. Gradim, segundo o locutor, devia estar diante do gol do Nacional! Rivadávia sorriu para o Rivinho, que parecia estar escutando uma história maravilhosa.

mário filho

parque de diversões

mister eco

primeiro acordes do festival

Motivos outros levaram-me ao Pavilhão Japonês — que de japonês não tem nada — do Parque do Flamengo, onde está instalada a Secretaria do II Festival Internacional da Canção. Em palestra com o seu diretor, sr. Augusto Marzagão, fiquei sabendo que já se acham inscritas cêrca de três mil canções, faltando ainda as que chegarão pelo correio, cujo prazo de inscrição terá a validade do dia em que foram postadas.

Uma comissão composta de cinco membros já está fazendo a seleção das composições concorrentes. Terão os seus integrantes que ouvir quase três mil e quinhentas canções, o que representa um fartão melódico e poético. O critério adotado é o da eliminação. Em primeiro lugar, as boas e as más; depois, as boas e as ótimas; das ótimas, as excelentes; e dessas, as quarenta que disputarão o certame, consideradas super excelentes.

A comissão recebeu instruções para alijar sumàriamente qualquer ritmo que não dos previstos no regulamento do Festival, como o iê-iê-iê, o tango, o bolero etc., o que, de certo modo, irá facilitar o trabalho. Não se tenha dúvida de que muitos protestos surgirão, mas não padece dúvida, também, de que a medida é das mais salutares.

Os dirigentes do Festival tiveram o cuidado de manter os nomes dos membros da comissão selecionadora em absoluto sigilo. Isso, também, é importante, e o sei na própria pele. Como participante do programa "Um Instante Maestro", e como simples elemento do seu júri, passei a conhecer todos os sistemas da fuga. Cartas, telefonemas, partituras musicais, letras, peditórios de oportunidades, chegam de todos os pontos do território nacional, e, se fôsse atender a todos, não me sobraria tempo para defender o Oico de Miss Estourinho. Além disso, o titular do programa é Flávio Cavalcanti que, malandramente, foi residir em Petrópolis.

Mas, o que eu queria dizer, é que tive a melhor impressão nessa visita ao Pavilhão Japonês — japonês, hein? — e que o Festival caminha bem, devendo superar, em organização, as poucas deficiências registradas no anterior.

couvert

"Deixamos a TV—Globo porque sentimos sempre a necessidade contínua de fazer reportagens de maior profundidade, dizer coisas que precisam ser ditas, contar coisas que devem ser contadas. Mesmo considerando que nunca houve uma censura forte definida, sentimos sempre a presença de restrições em nosso trabalho". Trecho de um comunicado da Midas Propaganda sôbre o programa "Noite de Gala", que estreará em setembro, na TV—Excélsior. * O filme "Terra em Transe" ganhou o Grande Prêmio dos Jovens na mostra cinematográfica de Locarno, Suíça. * Porque botou a bôca no trombone concedendo entrevista a um jornal paulista, cujos principais tópicos foram reproduzidos aí ao lado pelo Torquato Neto, o compositor Zé Kéti está ameaçado de ser expulso da SBACEM. É capaz de confinarem o Zé em Fernando de Noronha. * Le Bilboquet inventou uma bossa: o crediário de sua **boutique** é válido também para gastos na boate. Está, assim, inaugurado o credíporre. * O delegado regional da Polícia Federal, em Santos, fechou o Cine Praia Clube. Motivo: o cinema estava exibindo um documentário em que aparecem vários políticos cassados, inclusive o ex-presidente João Goulart. * Jantando no Chez Toi, sra. e sr. Aloísio Lins, êle procurador da Caixa Econômica. * Hilderaldo Bellini, o jogador de futebol, vai participar, como ator, da série "Os Quatro Irmãos", da TV Excélsior que substituirá os detestáveis Trapalhões". Não será por falta de sarrafada que não fará sucesso. * Conforme dizia ontem: o Gaslight foi vendido outra vez, agora a um sr. José Costa Filho, que é dono de uma emprêsa de ônibus e está familiarizado com os abalroamentos. * Kohnny Halliday fêz tantos distúrbios numa boate francêsa que foi em cana. * Todos os sábados, agora, no Samba Top, haverá concursos de mini saia. A portadora da saia mais mini ganhará um brinde. O negócio é ir subindo... * Uma grande festa poderá ser realizada no Palácio dos Arcos, de Brasília, para os vencedores e convidados estrangeiros do Festival da Canção. Mauro Valverde, do Departamento de Turismo da Capital Federal, se encontra no Rio tratando de papéis. * Anselmo Duarte, detentor de uma Palma de Ouro, vai aparecer num filme, como ator, contracenando com Erasmo Carlos e Vanderléia. Bem feito. * Hoje, vai haver uma Noite Flamenca no El Cordobés. As senhoras ganharão rosas vermelhas, à entrada. * Miltinho e Carminha Mascarenhas estão ensaiando um mini-espetáculo para o Drink, com um roteiro musical em que figuram os nomes de Chico Buarque de Holanda, Noel Rosa, Vinícius de Morais, Sérgio Bittencourt e outros. A produção é de Célso Teixeira e o título "Viva Villas.". Deve conter alguma mensagem para Garcia. * Boa: o sr. José Messias não terá qualquer participação no Festival do Carnaval Brasileiro, promovido pelo Canal Dois. Parabéns à TV—Excélsior, mas bom mesmo seria uma carta de sua direção ratificando tão sábia medida. * E no mais, vamos pra frente que atrás vem gente.

Na inauguração do Bierklause, o Sr. Elias Abifadel, sócio da nova cervejaria do Lido e presidente da Acisul, recebe felicitações

de ôlho na tevê

fernando lobo

censura quer ser o bicho

De quando em vez um setor de trabalho resolve mostrar eficiência. E vira notícia e seus mandões passam ao noticiário e é mais isso que desejam, nesse tempo em que vale aparecer. Há bem pouco foi a Ordem dos Músicos, querendo botar rigidez na vida dos jovens, velhos que são e sem sonhos maiores. E enquanto planejavam cortar a vontade da gente môça, com imposições, até humilhantes, ao mesmo tempo davam o seu festival de mau gôsto querendo entregar um busto de jacarandá de 70 centímetros a Frank Sinatra, que nem vem. O busto era uma espécie de ex-voto, do Senhor do Bonfim, e um atestado de um Brasil mal feito e desafinado. Foi da Ordem dos Músicos de São Paulo essa idéia tôla.

Agora entra em campo a Censura. A mesma Censura que deixa escapar uma infinidade de barbaridades no mundo da televisão, que permite a reconstituição do crime num horário em que gente nova pode estar acordada — o que aconteceu num programa "Noite de Gala" da Globo, a mesma Censura que deixa passar uma infinidade de esquetes de Costinha, Dedé Santana, Renato Aragão e outros, é esta Censura que quis proibir o Chacrinha em São Paulo por achá-lo imoral. Essa não! Aqui está o recorte contando a coisa e como a imprensa paulista a noticiou: "A Hora da Buzina", programa de calouros do canal 5, animado por Abelardo Barbosa, o Chacrinha, ficou fora do ar, durante quinze minutos, no último sábado, devido a intervenção de um elemento da Censura Federal. Antes de interromper o programa, quando um candidato — Ride Carlos interpretava "Tema de Lara" — Chacrinha — bastante nervoso, pela insistência do censor, pediu desculpas ao público presente no auditório e aos telespectadores, dizendo que o programa não ia continuar porque não podia falar "que vá tudo pro inferno" e estava impedido de distribuir gêneros alimentícios (coisa que vem fazendo há anos) às pessoas".

O mais importante é que o tal censor que na hora do pega pra capar deu o grande pira, estava acompanhado de Jacqueline Myrna e Altemar Dutra que eram os juízes dos calouros. Diante da môça bonita Jacqueline o censor quis mostrar a sua fôrça e fêz uma exibição pra platéia, mas entrou pelo cano. E a gente vê, que é nas mãos de homens como aquêle censor paulista que está o contrôle das nossas emissoras de televisão. A Censura precisa ser olhada pelos de mando mais alto para que nela se verifique uma triagem certa e segura.

pelos canais

Ali em São Paulo um Censor proíbe que o público ganhe prêmios em gêneros alimentícios e resolve inaugurar que Chacrinha é Imoral! Pelo nosso lado o Comandante Celso Franco vai em cima da gente môça proibindo buzinas que tocam músicas, como "Namoradinha de Um Amigo Meu" "Que Tudo Mais Vá Pro Inferno", etc. Não há em nenhuma pessoa da rua uma só opinião favorável a essa medida, pois tôdas as vêzes que a buzina é tocada, há em todos um entusiasmo alegre. E isso é bom pro povo.

Ruim para êle é ser buzinado pela violenta buzina (glaxon) dos carros chapas brancas, numa velocidade de morte. Perigoso é atravessar o atêrro às 9 da manhã e cair em mil buracos que há nos gramados de separação. Melancólico é acordar dentro da madrugada assustado pela batalha de buzinas dos boêmios, enquanto um só guarda tem ôlho aberto para puni-las. Triste mesmo é ver outra vez o chapa branca queimando a gasolina que pagamos, seguindo suavemnte o caminho da Barra da Tijuca, ou levando a môça loura ao cabeleireiro maior. Quanto a música dos jovens, na buzina dos seus carros, meu caro comandante, é mais música e música é bom para quem tem marca enorme de tristeza no corpo, como a nossa gente. Não será cortando uma vontade jovem que se faz o tráfego andar mais certinho. Deixe os jovens e se ocupe mais dos velhos, pois êles são os que mais dão trabalho com as suas caduquices.

Chacrinha foi censurado em São Paulo, mas o censor correu da raia

ponte aérea

Heloísa Helena que fêz do Recife um tempo grande de ausência na sua vida de trabalho na televisão, volta ao seu Rio de Janeiro, de sol e luar.

Foi contratada pela TV Excélsior que ao que parece quer nos dar uma colher de chá de esperança. O seu programa está marcado para as quintas-feiras às 23 horas e tem o nome de "Show n.º 11". *** Tônia Carrero e Sandra Cavalcanti são também da Excélsior. Sandra tem programa marcado para o próximo dia 9 e promete trazer na estréia, Carlos Lacerda e Jânio Qaudros. *** Abraão Medina levou mesmo a sua "Noite de Gala" para a TV Excélsior e com êle Maurício Sherman e Alcino Diniz. As reportagens policiais de Alcino, na Globo deverão ter continuação no Canal 2, queremos acreditar, pois todos querem saber como acabou aquêle crime do Leme—Barra e se foi prêso o tal Douglas. Em que ficou o massacre daquele operário no hospital e que parece ter sido a polícia. Crime tem começo e fim e reportagem também. Ali mesmo, no Canal 2 o delegado Ruy Dourado deu segunda-feira última o resultado do assassinato de Luz del Fuego. O público merece saber. *** E vamos ficar:

de costas

Tem muito capitão no meio do caminho da programação: às 18h no 4 tem o Furacão e às 18h50m o América na TV Rio. Vamos ficar em silêncio, ôlho apagado até quando bater às 19h.

de frente

Então você pode rir com "Dercy Comédia" no Canal 4 às 20h e se gosta de Telecatch êle está no canal 2 às 21h. Depois é o que se sabe, muito jornal e muito filme e reprise pra valer e fazer sofrer.

música popular

torquato neto

o samba e o festival

Depois do evidente fracasso do ano passado, quando a música vencedora — Saveiro — na seleção nacional passou despercebida do povo, o II Festival Internacional da Canção vai chegando ao final do tempo de inscrição — ainda há concorrentes gravando suas composições na TV Globo — sem que nada de melhor se possa esperar — até pelo contrário.

Após uma guerra surda entre os organizadores do Festival e os donos das Televisões, cada grupo irredutível em suas opiniões, quem seria perdendo foram os compositores que, até agora, não sabem a quem entregar suas músicas, já que a Televisão que mereceu a preferência da Secretaria de Turismo jamais primou em sua programação pelo apoio à música popular brasileira — samba, marcha-rancho, baião, etc.

Faz-se necessário observar que o Festival Internacional da Canção é uma promoção da Secretaria de Turismo da Guanabara, órgão oficial e, como tal, tendo o precípuo dever de procurar, dentro do possível, esquamatizar sua realização como forma de promoção daquilo que a música popular brasileira — melhor seria dizer: carioca — tem de mais representativo — o samba.

Não o samba de ritmo aguado, o samba para americano entender, o samba-concessão. Não o samba que se "civilizou", procurando esconder sua origem africana. Não à maior parte do samba executado nas buates da Zona Sul, mais gemido que cantado, mais suspirado que gritado, mais melodia que ritmo, um samba *branco* — esta a palavra chave.

O problema todo se ressume em que, até agora, não se sabe muito bem o que deseja a ST ao promover tais festivais. Se acredita que o Festival em si próprio trás suficiente promoção para o Rio de Janeiro, incide em lamentável engano. Festivais de Música existem às centenas em todo o mundo, entretanto, não é à-tôa que o de San Remo se tornou conhecido — e fêz de um Modugno um nome mundial. A canção italiana invadiu o mundo. atração turística do Rio e do Brasil. O que se torna necessário fazer, antes de mais nada, é definir os verdadeiros objetivos do Festival Internacional da Canção — caracterizar o Rio como uma cidade musical? lançar o Rio como um grande centro consumidor de discos? transformar nossa cidade numa espécie de capital mundial da música?

A isto, a baixa cotação do cruzeiro se contrapõe de maneira total e irremissível. Sem falar que as sociedades brasileiras arrecadadoras de direitos autorais não gozam conceito muito elevado no exterior, o que ainda agrava a fraqueza de nossa moeda. A verdade, em têrmos reais, é que a venda de 20 ou 30 mil discos pelas nossas bandas, em nada se compara com a vendagem na Europa ou Estados Unidos, onde um sucesso vende centenas de milhares de discos.

Tudo leva a crer, que a finalidade primeira do Festival seja atrair turistas para o Rio. E, se a finalidade do Festival. Não se pode esquecer mais fácil se o samba fôsse a tônica é esta, acredito que tudo se tornaria que o samba é, sem favor de espécie alguma, contando apenas com o sacrifício de seu povo, a maior

E o desfile das escolas-de-samba — o samba, samba — o que atrai a maior massa de turistas ao Brasil. Por isso não podemos entender a não enfatização dos responsáveis pelo Festival no que tange à categoria de músicas aceitas — item inexistente no Regulamento. Sabemos que até iê-iê-iê estão inscritos. Caso a comissão julgadora decidisse que um iê-iê-iê fôsse o vencedor da seleção *nacional*, como ficariam os organizadores do Festival?

Se é o povo da Guanabara quem paga o espetáculo, tem o direito de ver a música que caracteriza sua cidade a representando na parte internacional do Festival. Não é à-tôa que um rapaz simples, sem pretensões a gênio musical, nos últimos tempos, vem conseguindo falar ao povo carioca: Chico Buarque de Holanda. Concorrendo com os iê-iê-iês e tantos outros ritmos alienados, o samba "Quem te viu, quem te vê", mostra à saciedade onde está o gôsto do carioca médio.

O triste no Festival Internacional da Canção é que em sua fase nacional êle não é suficientemente verde-e-amarelo. Seus organizadores ignoram que, em têrmos de Rio — o samba é tudo.

uma escola de samba onde se ensina a ler

A Escola-de-Samba Imperatriz Leopoldinense inaugurou, têrça-feira, no Colégio Cardeal Leme, em Ramos, um curso de alfabetização de adultos. O plano tem por objetivo preparar candidatos para, dentro do prazo de dois anos, participarem de um curso ginasial intensivo, cuja duração será também de dois anos. Esses cursos estão incluídos dentro daquilo a que o Departamento Cultural da Escola resolveu chamar de "fase pedagógica da escola-de-samba". O objetivo mais amplo dessa "fase" é levar a música popular brasileira até às escolas e universidades. O Dr. Hiram Araújo, diretor cultural da Escola-de-Samba Imperatriz Leopoldinense, julga que, no próprio nome da agremiação está implícita essa tarefa que assume agora. Escola é lugar onde se ensina alguma coisa.

Inicialmente o curso instalado têrça-feira conta com 75 alunos, distribuídos em três turmas, mas espera-se a admissão de novos candidatos. As aulas estão sendo ministradas por professôres do Colégio Cardeal Leme e por voluntários.

Essa obra é fruto da nova orientação que imprimiu àquela agremiação carnavalesca, o Dr. Osvaldo Macedo, que assumiu, êste ano, a Presidência daquela associação. Na foto vemos o Dr. Macedo, quando falava por ocasião da inauguração do curso de alfabetização.

roteiro

estréias

São Luis, Santa Alice — COM MINHA MULHER, NÃO SENHOR, de Norman Panama. História de um marido ciumentíssimo e de sua mulher, que adora ter um "par" de tôdas as coisas. Inclusive de maridos. Com Tony Curtis, Virna Lisi, George Scott e outros. 14 — 16 — 18 — 20 e 22h. Santa Alice — 14,45 — 17 — 19,15 — 21,30. Cens. 14 anos).

Flórida, Roial, Bruni-Botafogo, Bruni-Piedade, Marrocos, Rio Branco, Alfa, Matilde, Rosário, S. João de Meriti — KID, O VALENTE, de Richard Carlson. O môço Kid, por ser valente (o nome está dizendo), resolve enfrentar sòzinho uma perigosíssima quadrilha. Com Don Murray, Janet Leigh, Broderick Crawford, Richard e outros. 14 — 16 — 18 — 20 — 22h. Cens. 10 anos).

Art-Palácio Copacabana — VIDAS ARDENTES, de Florestano Vancini. Dois homens e uma jovem, num fim de semana em uma ilha, se amam e se odeiam. Com Catherine Spaak, Gabrielle Ferzetti. (14 — 16 — 18 — 20 — 22h. Cens. 18 anos).

Riviera — UM BEIJO DE 90 SEGUNDOS, de Antonin Moskalyk, produção polonêsa. Um casal se vê às voltas com médicos, jornalistas e curiosos, quando recebem cinco filhos de uma vez. Com Dana Syslova, Oldrich Vlach, Otomar Krejka. (14 — 16 — 18 — 20 e 22h. Censura 21 anos).

Capitólio, Rian, Carioca — MONSTROS, NÃO AMOLEM, de Earl Bellamy. Da televisão diretamente para o cinema, com Ivone de Carlo, aquela antiga senhora, John Carradine e outros. (14 — 16 — 18 — 20 e 22h. Cens. livre).

Império, Tijuca e Pirajá — UM CASAMENTO MACABRO, de Art Loel. Ucasamento estranho, feito com uma mulher morta. Com Cesare Danova, Wilfrid Hide-White, Laura Devon. **Império** — 14 — 16 — 18 — 20 e 22h. **Tijuca** — 15 — 17 — 19 — 21h. Cens. 18 anos).

Vitória, Copacabana, Leblon e América — O SABOR DO PECADO, de M. M. Silveira. Nacional contando a história de um jovem do interior que chega ao Rio e se envolve em mil e um problemas. Com Irma Alvarez, Mozael Silveira, Esmeralda de Barros, Fábio Sabag. (14 — 15,30 — 17,20 — 19 — 20,40 — 22,20h. Cens. 18 anos).

Plaza, Olinda, Mascote — A NOITE DO GRANDE ASSALTO, de G. M. Scotese. Nos tempos de César Borgia, quando o próprio, para invadir o Ducado dos Sforza, usa dois emissários cheios de ambição. Com Agnes Laurent, Fausto Tozzi, Kerina, Sérgio Fontoni e outros (14 — 16 — 18 — 20 e 22h. Cens. 14 anos).

coelhinho

Olhem, aí está uma proposta para vocês: — quem levar êste coelhinho ao Teatro de Arena da Guanabara, para assistir à peça infantil Joãozinho e Maria, ganhará, em dois ingressos comprados, um ingresso de graça para o espetáculo. A peça é um musical de Hélio Carvalho, baseado na velha historinha. É claro que se trata de um espetáculo infantil, apresentado aos sábados e domingos. Aos sábados, no horário de 16,30 e aos domingos, às 16 e 17:15. A música é de Diona Franco e Lauro Gomes e os atores — Carlos Prieto, Daisy Polly, Diana Franco, Lia Carvalho, Luis Messias, Luiza Biá e o Conjunto The Sheiks. Já sabem, apresentando o coelhinho e comprando duas entradas, ganham uma de presente. O teatro fica no Largo da Carioca.

reapresentações e continuações

Bruni-Flamengo — MENSAGEIRO TRAPALHÃO — Comédia que tem direção, produção e interpretação de Jerry Lewis. O que equivale a uma comédia boa. (14 — 16 — 18 — 20 e 22h. Cens. livre).

Art-Palácio Tijuca, Art-Palácio Madureira — O EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS, de Pier Paolo Pasolini. O Evangelho contado sem farsa, segundo o apóstolo e segundo um marxista. Filme muito bom, de grande momentos. Vale pela visão real da vida de Cristo. (14 — 16,30 — 19 — 21,30. Cens. livre).

Paissandu — A VELHA DAMA INDIGENA, de Renné Allio. Com Sylvie num desempenho magnífico. Filme que permanece em cartaz já em sétima semana de exibição no Rio e que recomendamos. (16 — 18 — 20 — e 22 h. — Cens. 14 anos).

Condor-Largo do Machado — OPERAÇÃO LADY CHAPLIN, de Alberto Martino. Espionagem em alto mar. Um submarino atômico é roubado. Com Ken Clark, Daniela Bianchi. (14 — 16 — 18 — 20 e 22 h. Cens. 18 anos).

Roxi — AS FABULOSAS AVENTURAS DE UM PLAY BOY, de Philippe de Broca. O pastelão passado em Hong Kong é a fórmula empregada pelo diretor que já fêz "O Homem no Rio". Jean Paul Belmondo e Ursula Andress estão no elenco. (14 — 16 — 18 — 20 e 22h. Cens. 10 anos).

Plaza, Condor Copacabana — TERRA SELVAGEM. Soldados, desertos, índios e muitos tiros no filme de Basil Dearden. Com Robert Taylor, Rosenda Monteros. (14 — 16,30 — 19 — 21,30. Cens. 18 anos).

Coral, Britânia, Caruso-Copacabana, Festival, Regência, São Pedro — PAPAI VOCÊ FOI UM HERÓI?, de Blake Edwards. Comédia sôbre um dos vários episódios da Segunda Guerra. Com James Coburn, Dick Shaw e Giovana Ralli. (Cens. 10 anos).

Opera, Rio, Bruni-Ipanema, Paris-Palace, Bruni-Méier, Rio Palace — OS RUSSOS ESTÃO CHEGANDO, de Norman Jewison. Comédia bem feita mas sem grandes invenções, mostrando que russos e norte-americanos às vêzes se dão as mãos etc. Com Eva Marie Saint, Carl Reiner e outros. (14 — 16 — 18 — 20 e 22h. Cens. livre).

Bruni-Copacabana, Bruni-Saens Peña — AS AVENTURAS DE PETER PAN. Já em sexta semana de representação no Rio, esta fantasia de Disney. (14 — 16 — 18 — 20 e 22h. Cens. livre).

Veneza — UM HOMEM UMA MULHER, de Claude Lelouch. Em 17.ª semana em cartaz, é absolutíssimo sucesso de bilheteria. Vale a pena de ser visto. Com Anouk Aimée, Jean Louis Trintignant. (16 — 18 — 20 e 22h. Cens. 18 anos).

Alaska — (a partir de amanhã) — ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE, de George Stevens, baseado no romance de Edna Ferber. Reapresentação que mostra James Dean, Rock Hudson e Elisabeth Taylor. (14 — 16 — 18 — 20 e 22h. Cens. 18 anos).

Pathé, Metro-Copacabana, Metro-Tijuca — INTRIGA INTERNACIONAL, de Alfred Hitchcock. Com Gary Grant, Eva Marie Saint, James Mason, Jessie Royce Landis. (14 — 16 — 18 — 20 e 22h. Cens. 18 anos).

varas & molinetes

aydes chirol

prova de lançamento fixa recorde em 112,27 m

Com todos os requisitos indispensáveis para o desenvolvimento técnico necessário a prova de Lançamento com Equipamento Limitado, (ou na categoria de Precisão-Distância), foi realizada pelo Clube do Anzol, como parte integrante do II Campeonato Interno que promovem (II Prova) tendo por local o campo do Aero Clube do Rio de Janeiro, em Manguinhos.

O entusiasmo e seriedade com que os poucos atiradores se desenvolveram, somados à perfeita arbitragem e comando da competição empreendidas por dirigentes do Pampo Clube, superaram inteiramente o baixo índice de comparecimento, que neste caso, confirma o pouco interêsse que o carioca ainda dispensa, lamentàvelmente, a tão importante aspecto da Pesca de Lançamento.

Todavia, a prova se desenvolveu com total perfeição técnica e, as marcas conhecidas anteriormente em outras duas competições, foram superadas, quer na média do lançamento ou mesmo no recorde de distância. Tivemos a oportunidade renovada de competir e a honra da vitória alcançada, duplamente muito embora a média de 103,38m, bem como a maior distância de 112,27m (melhorada a marca anterior de 108,06m) respectivamente não cheguem a ameaçar os já experimentados gaúchos que alcançam uma média atualmente de 141m (Edemar Rocha) e ultrapassam os 150m (Antônio Zago F°).

Os resultados gerais da competição do último domingo, e convém dizer uma vez mais, em que foram utilizados Varas de 3,50 mts com 3 passadores e ponteira, linha 0,50 mil de milímetro e chumbada de 120 grs, apresentaram com a média dos três lances aproveitados em uma das séries (2 séries de três tiros): 1.° Aydes Chirol, 103,38 m; 2.° Ary Furtado, 88,91 m; 3.° Aldo Pessoa, 88,10; 4.° Lino Barbieri, 5.° Vandoval Bernardi, 59,36 m; 6.° Victor Misquey, Olympio Borges e Antônio de Deus. Os melhores lances, individualmente foram obtidos por: Aydes Chirol 112 m, 27 anos; Victor Misquey 101,36 m; Ary Furtado, 91,94 m; Aldo Pessoa, 88,34m; Vandoval Bernardi, 78,77 m e Olympio Borges, 72,40 m.

Com os resultados da Prova em que como revelação apareceu Victor Misquey ultrapassando-os cem metros e Ary Furtado com grandes possibilidades e Aldo Pessoa com o melhor índice de precisão, considerando-se ainda o não comparecimento de outros pescadores bem colocados, Ary Furtado assumiu a liderança agora seguida de Aldo Pessoa. Até o 10.° lugar, respectivamente estão colocados, pela ordem: 3.° Aydes Chirol, 1.° Vandoval Bernardi, 5.° Victor Misquey, 6.° Olympio Borges, 7.° Antônio de Deus, 8.° Chafi Mofares, 9.° Márcio Barros e 10.° Lino Barbieri.

Funcionaram com grande destaque, no comando da prova de lançamento, Richard Fernandes (Arb. Geral), Leonel Brandão e Amintas Ferraz (Marcadores) e, Evandir Pinto e Ricardo Fernandes (Material). Ainda contaram os dirigentes com a inestimável colaboração de Carlos Damasceno e o Administrador do Aeoro Clube, Sr. Gimenes.

24 h da GB

A Tradicional prova 24 Horas da Guanabara e que terá sua terceira realização no próximo dia 23/24 de setembro neste ano deverá ser promovida e patrocinada pelo Clube dos 7 pescadores e Ind. Manap da Plásticos. Lino Barbieri, principal idealizador e coordenador do movimento está em total preparativo e esta semana ainda, ficará resolvido se também equipes avulsas poderão participar, com número limitado e em categoria separada da dos Clubes. Reina grande espectativa em tôrno da mais importante prova dos Cariocas.

b. wilson lidera no duque de caxias

A equipe B. Wilson vai liderando o 1.° Torneio de Pesca do Forte Duque de Caxias que conta com a colaboração das autoridades daquela unidade e um acentuado número de militares graduados. A primeira prova, especializada de Anchova teve como vencedora a equipe cap. pelo Entusiasta Cel. Osiris A. Lima seguida de Atalante, Clube dos Pescadores, Barracudas, Los Panelêros, Cocorocas e Tira-Teima.

A II Prova, especializada também, de "Espada", foi vencida pela equipe B. Wilson (241,970) seguida de Los Panelêros (200,525), Barracudas (200,525) Cocoroca (150,525), Tira-teima (95,240), Atalante (72,770) e C. dos Pescadores (22,050). Foram pescados 133 peças dentre as quais, 95 "espadas" que pesaram 50,74(kgrs.

A equipe B. Wilson, que vem liderando o certame, é composta de: Cel. Osiris Albuquerque Lima (Cap.) Almirante Paulo Fonseca, Wilson Chagas, Válter Arbino e Rui Nogueira Leal.

O Torneio terá seu prosseguimento no próximo domingo, com a realização da Prova Safari, especializada de "Pampo", "Sargo", "Garoupa" e "Marimbá". Seu início está previsto para às 6 horas da manhã e os competidores deverão chegar uma hora mais cêdo para o sorteio dos pesqueiros.

notas em destaque

* O Pampo Clube de Pesca deverá realizar a última etapa do II Torneio Interno, constante de prova especializada em "Anchova", tendo por local a praia de Jaconé, no Estado do Rio, com início amanhã à tarde.

* Paulo Pantaleão com sua lancha Kabira, andou realizando bôa pescaria em Ponta Negra. Embarcou 26 "Badejos Quadrados", de bom pêso, no último fim de semana.

* Herbert Renaux, campioníssimo de pesca Oceânica não foi tão feliz e apenas obteve, também em Ponta Negra, alguns badejos e garoupas.

* A Safari realizou na última 5.ª feira, uma conferência sôbre pesca oceânica simplesmente espetacular. O Conferencista principal, Herbert Richers, muito feliz em suas explicações teve ensejo de mostrar um belo filme em que se vê azes da pesca oceânica em ação, destacando-se Bruno Hermani recordista de Marlin (284 k) que é consultor daquela organização e estava presente, acompanhado de sua senhora. Paulo César Domingues da Silva, outro ás da Oceânica, teve oportunidade de mostrar um filme colorido, onde se pode apreciar a mestria de Herbert Renaux e Pantaleão. Presentes à conferência que esteve muito concorrida, anotaram-se nomes de expressão da pesca Oceânica, tais como: Otávio e Silvia Reis; David Moreira e sra.; Paulo Pantaleão; Humberto Neno Rosa, Mário Fidalgo e, Homero Mendes.

* O Restinga Clube de Pesca mudou de endereço. Anotem o endereço da nova sede do Restinga: Rua Ferreira Borges, 28 — Campo Grande — GB — ZC — 26.

* O Epson Clube promoveu com alguns associados seus, uma bôa pescaria em Cabo Frio. José Rodrigues, Milton Nogueira, Henrique Gomes, João (Nagô) Austragésilo e Antônio A. Bezerra, no último sábado, no Boqueirão obtiveram ótimos resultados capturando muitos exemplares de "pirangica" e "Marimbá", para no domingo, de fundo, utilizando a lancha Écio do pescador profissional Sidônio Aguiar da Colônia Z—23 local, obterem, além de grande número de "marimbás" e ainda "pirangica", 6 (seis) "Olhetes" pesando entre 4, 6 e 8kgrs. Todos capturados no isca de "Lula" e "camarão".

Também uma Arraia de 12 deu algum trabalho mas foi embarcada depois de algum tempo. Todo o pescado pesou 91 kg. — (47 "Pirangicas" — 67 "Marimbás" 1 "arraia" — 2 "peixe-boi" — 6 "olhetes")

* Paulo Afonso Fernandes, diretor secretário do Clube do Anzol regressou de suas férias no Rio Taquari, em Mato Grosso, onde foi caçar e pescar no "Pantanal". Hospedado na Fazenda Alegria de propriedade de Heitor Herrera, contou que os "Pacús", "Bonitos", "Dourados" e "Pintados" deram trabalho mas foram capturados de molinete no spinn.

* No próximo dia 12, dois grandes acontecimentos diferentes: A Federação de Corrientes, em Paso de La Pátria, na Argentina, vai realizar o Sul-americano Extra de Pesca do Dourado, onde deverão concorrer pescadores nacionais, filiados à Federação Gaúcha que uma vez mais representará o Brasil num certame Sul-americano, credenciados pela CBD, ao mesmo tempo em que se realizará também um Congresso da COSAPYL para reformas de Regulamentos e Regras; o outro, em Praia Sêca, será o torneio de Lançamento que o Clube Z—13 de Pesca irá promover, para seus sócios.

movimentos do mar

Período: 4 a 10/8/67
Fase Lunar: nova a 5/8

DATA	PREAMAR HORA	PREAMAR ALT.	BAIXAMAR TORA	BAIXAMAR ALT.
4	1:30 14:35	1,0 1,3	8:30 21:20	01 0,4
5	2:10 15:20	1,2 1,3	9:15 21:55	0,0 04
6	2:50 15:20	1,2 1,3	10:00 22:35	0,0 0,4
7	3:25 16:20	1,3 1,3	10:50 23:10	0,0 0,4
8	4:00 17:00	1,3 1,2	11:30 23:50	0,1 0,4
9	4:40 17:25	1,3 1,1	12:15 —	0,1 —
10	5:20 18:00	1,2 1,0	0,30 13:05	0,4 0,2

comandante Vilela e [Vi]tor Welish, quando da [en]trega dos prêmios do [to]rneio realizado pela Marinha e Iate Clube

Bruno Hermany

caça submarina

clóvis dutra

Dando seqüência à série de reportagens com os mais destacados caçadores submarinos brasileiros entrevistamos esta semana um atleta que é considerado no meio subaquático mundial como o mais destacado caçador aparecido até a presente data, trata-se de Bruno Hermany.

Bruno iniciou-se na caça submarina no final do ano de 1947, mergulhando no Arpoador juntamente com George Grande, Rubens Tôrres, Luis Carlos Vital, Lellis de Sousa e Luis Surrão. Na fase de iniciação caçou sempre de costão de Forte de Copacabana até o Recreio dos Bandeirantes.

No Brasil praticou a caça submarina em quase tôda a sua costa, pois mergulhou desde Recife a Fernando de Noronha até a costa norte do Estado de São Paulo, não tendo entretanto ido a Trindade nem a Abrôlhos por falta de oportunidade.

No exterior caçou na Africa do Norte, França, Itália, Malta, Hespanha, Portugal, Estados Unidos (Miami), Tahiti, Tuamotus e Rangiroa.

Disputou o seu primeiro campeonato em 1952 por ocasião do 1.° Campeonato Brasileiro. Prosseguiu a vitória neste campeonato durante sete anos só conseguindo ser campeão brasileiro em 1959. Deve-se ressaltar entretanto que tais disputas eram essencialmente por equipe.

Competindo pela primeira vez individualmente colocou-se em 8.° lugar, entre 68 concorrentes ao Campeonato Mundial realizado em 1955 em Portugal (Sezimbra).

Neste mesmo ano foi disputado o 1.° Campeonato Carioca ocasião em que sagrou-se vice-campeão por equipe, pelo Iate Clube do Rio de Janeiro.

Com exceção do 1.° Brasileiro, defendeu sempre o Iate, formando com Luis Correia de Araújo, Victor Welish, Abel Gazio, Peggy Memória, Gustavo Silva e Henrique Soledade uma equipe quase imbatível que venceu todos os demais campeonatos cariocas que disputou sagrando-se tri-campeã.

Em 1959, formou na equipe brasileira no mundial realizado em Malta ocasião em que tirou o 3.° lugar individual.

Disputou ainda os mundiais de 1960 na Itália e de 1963 no Brasil — quando venceu os dois individualmente obtendo o título de Bi-Campeão Mundial.

Detém os seguintes títulos:

Campeão Brasileiro por equipe ...... em 1959
Vice-Campeão Carioca por equipe .... em 1958
Tri-Campeão Carioca por equipe ..... em —
Bi-Campeão Mundial Individual ...... em 1960 e 1963
Vice-Campeão Mundial por equipe ... em 1963
3.° lugar em Campeonato Mundial por equipe Tri-Campeão do Torneio Aberto de Cabo Frio.

Recorda-se com saudades de belas caçadas feitas no Arpoador onde eram arpoados Pampos, Robalos de 4 a 10 kg. Meros, Garoupas, Polvos, Linguados etc. e acredita que se não fôsse a progressiva poluição das águas da Baía da Guanabara e a freqüente presença de pescadores de linha e de mergulhadores aquêle local seria ainda hoje um belo pesqueiro.

Seu grande sonho atualmente na caça submarina é arpoar um peixe de bico.

Considera os melhores caçadores de competição que já viu o italiano Cláudio Ripa, os americanos Don Delmonico e Terry Luz e os brasileiros Américo Santarelli, Luis Correia de Araújo e João Borges.

O Iate Clube do Rio de Janeiro e a Marinha Brasileira realizaram no último sábado nas Ilhas Maricás um torneio de confraternização entre os mergulhadores civis e militares.

Disputaram o torneio cinco equipes formadas por um caçador da equipe principal do Iate e por dois mergulhadores da Marinha.

Apesar do mar calmo, a água apresentou-se muito fria e suja motivos pelos quais, por ocasião da pesagem apareceram poucas peças.

O resultado geral da competição foi o seguinte:

1.° — Leopoldo Noronha, Cte. Arnaldo L. Pereira e Bôsco
2.° — Lúcio Lenz, Albery e Resende
3.° — Armando Serra, Darcy e Teixeira
4.° — Atilio Somaligno, Severino e Clodomiro
5.° — Américo Santarelli, Edmilton e Veras

As maiores peças foram:

Sargo .... 4.200 kg — Cte. Arnaldo
Garoupa .... 3.950 kg — Lúcio Lenz
Badejo .... 2.000 kg — Clodomiro

A Comissão Executiva esteve formada pelo Comandante Vilela e por Victor Welish.

Após o torneio o Comandante da Fôrça de Submarino, Capitão de Mar e Guerra Pavou ofereceu ao Iate Clube do Rio de Janeiro 1 troféu e distintivos da corporação. Também o Cte. Geraldo, Comandante da Base Almirante Castro e Silva ofertou ao clube uma taça.

goleiro moderno defende e ataca

pedro zamora

Jaime

O goleiro forma o último bastião defensivo do seu quadro, mas é também a primeira linha da ação ofensiva. Se há uma posição num quadro de futebol, cujos procedimentos sofreram maiores modificações, essa é do goleiro.

Quando surgiu o futebol, o goleiro era um guardião das traves. Uma sentinela parada em sua seteira. Os grandes goleiros do passado tinham o hábito de se postar entre as traves e ali então agir. Dificilmente, antes de Zamora, um goleiro se atirava aos pés de um atacante para evitar um gol. Via de regra êles saíam de campo com a roupa limpa. Trabalhavam de pé, nada de se atirar.

Foi a partir do grande Zamora que o goleiro começou a abandonar seu reduto, para se aventurar, ali pela pequena área, antecipando-se aos atacantes ou mergulhando em seus pés. Ricardo Zamora fêz escola. A partir de seu aparecimento nos gramados europeus, os grandes goleiros da Europa passaram a sair do gol e mergulhar em bolas perigosas.

Depois a coisa foi evoluindo, os mais atrevidos chegando a se adiantarem mais um pouco até que chegamos a Yashin. É claro que não foi com Yashin que começou a nova escola. Yashin é um símbolo pela maneira como chegou a esquematizar a nova, digamos a moderna maneira de atuação dos goleiros. Já antes de Yashin se projetar como goleiro atacante, Planiko, na Tcheco-Eslováquia, ensaiara os primeiros passos nesse sentido. O certo é que na Europa empresta-se ao guardião soviético a paternidade do nôvo procedimento. O goleiro, segundo êsse procedimento nôvo, já não é apenas um jogador de defesa; tem a obrigação de participar ou antes de desencadear a ação ofensiva. Para que um jogador faça jus ao título de goleiro, ou seja, para que demonstre conhecer a posição em que atua, faz-se necessário que respeite os postulados novos que dizem respeito à posição. O goleiro moderno, dentro de um time em que as responsabilidades estejam bem divididas, já não é mais, apenas o dono da pequena área. A área tôda é sua. É o dono do terreiro. Deve estar apto a intervir nas bolas longas lançadas nas costas de seus companheiros. E o que é mais importante, não deve nunca esperdiçar uma bola que vem às suas mãos. Deve saber servir a bola em seu poder a um companheiro capaz de dar início à nova ofensiva. O **chutão** é prova de incapacidade. Com as mãos, geralmente, ou mesmo com os pés, os goleiros devem procurar entregar a bola a um companheiro desmarcado e em condições de desencadear o contra-ataque. Quicar a bola dentro da área é sintoma de falta de compreensão de sua função, principalmente quando seu time estiver em desvantagem no placar.

brasileiros

Conheço apenas três goleiros no Brasil que praticam essa nova modalidade de atuação: Gilmar, o maior dêles. Quantos gols Gilmar já serviu ao ataque do Santos, cedendo a bola de primeira para o contra-ataque? É só reparar nos **video-tapes** das partidas Santos x Corintians. O time do Rivelino todo ataque; de repente, um chute a gol; Gilmar apara a bola e dá a Lima que a estica a Pelé, que endereça a Coutinho — gol do Santos. Para isso faz-se necessário um grande entrosamento. Que o elemento de defesa saiba se colocar para receber a bola do goleiro. Disso, o time do Santos, com Gilmar, fazia muito bem. Tem o Valdir, do Palmeiras, que sabe agir da mesma maneira. Serve bem seus companheiros para o contra-ataque. E vem depois o nosso Ubirajara, que faz com perfeição o trabalho de elemento desencadeador de ataques. Os demais goleiros que tenho visto atuar aqui, no Rio, falham quase que completamente nessa função. Aqui e ali, quando a entrega da bola é óbvia acontece o passe perfeito. Mas isso não é só. Há que ser estudado um procedimento. Se o ataque veio pela direita, o zagueiro-direito se desloca logo para a lateral da área, porque ali não entrará ninguém do quadro adversário, e a bola lhe será passada. Isso é apenas uma cojectura. Mas um time bem armado pode ter uma série de procedimentos estudados que façam com que a ação de desencadeamento do contra-ataque seja quase automática. O que não se justifica, como assistimos diàriamente, é que um goleiro passe uma partida a dar chutes longos para os adversários, como fêz êste bom menino do Flamengo, — no jôgo com o Botafogo e como faz costumeiramente o Manga. Ita, do América, também é mestre em despachar bolas para o campo adversário sem saber para quem. E, perfeito mesmo só o Ubirajara. Vitório, como Franz, ainda ensaiam os primeiros passos na profissão.

O menino Renato, que apareceu no Flamengo, deu mostras de ter optidões para a posição. Sereno, boa colocação e coragem. Sem se falar numa certa dose de chance, que é indispensável à posição. Sabe sair do gol para interceptar, e até que dá seus socos com propriedade. Mas não aprendeu ainda a devolver a bola ao ataque.

Os demais goleiros da Cidade são titubeantes. Inclusive o efetivo do Flamengo a quem o Renato substituia. Pulando demais. Nervos em excesso.

a pequena área

Há dias encontrei um velho jogador de futebol. Antigo zagueiro de espera. Conversamos um pouco. Ele me pediu que não falasse em seu nome. E só quando lhe prometi, resolveu desembuchar. Perguntei-lhe como via o futebol de hoje.

Meu amigo, êsse futebol de agora está mais bonito que o de antigamente. Estão jogando um futebol mais corrido e com mais espírito de equipe. Há, no entanto, duas coisas que eu tenho notado. Primeiro é que, com raríssimas exceções, os atacantes de hoje estão viciados em receber a bola nos pés. Ora em meu tempo, era muito difícil a antecipação dos elementos de defesa. Repare como joga o Edu. Ele não espera a bola que lhe é passada.

Vai ao encontro dela. Isso proíbe a antecipação do elemento de defesa, ao mesmo tempo que recomenda maior cuidado aos defensores. Pois se um atacante vai ao encontro de uma bola, e o defensor lhe seguir os passos sem muito cuidado, poderá ser fàcilmente iludido e ficar para trás. No meu tempo quase todos os atacantes faziam assim: iam de encontro à bola e nós tínhamos que conhecer bem as limitações ou manhas do jogador para lhe seguir os passos sem maior preocupação. Um só tinha uma perna, outro gostava de dar lençol etc. Assim era difícil os da defesa fazerem a antecipação. Hoje, não. Hoje a gente vê todos os dias o atacante ficar esperando a bola lhe chegar aos pés, o que é uma vantagem enorme para a antecipação. Outra coisa. A pequena área é do goleiro. Mas os rapazes de defesa não acreditam nisso. Preste atenção como os zagueiros entopem a pequena area na cobrança dos escanteios ou em certas fases do ataque. É claro que há momentos em que isso é necessario, dada à posição da bola. Mas há outras ocasiões em que é a própria colocação dos zagueiros que fornece situação legal para os avantes e, o que é pior, dificulta a saída do goleiro. Não é difícil chegar a um entendimento para liberar a pequena área. Creio que é só isso que eu tenho a dizer.

Quer dizer que você não forma entre aquêles que gostam de falar "no meu tempo...".

Nada disso. Tudo no mundo evolui. Isso é lei universal, que é válida para o futebol também. Há mais preparo técnico, o que é natural, já que estamos em pleno profissionalismo. Quando eu jogava, tinha que arranjar licença no escritório para poder treinar. Trabalhava a semana tôda e raramente fazia qualquer coisa parecida com preparo físico. Havia uma ginástica antes do treino coletivo, mais com a preocupação de evitar distensão do que de dar fôlego aos jogadores. Quem dava o ritmo da partida era o craque do time, e geralmente êles não desfrutavam de condições atléticas parc imprimir ao futebol essa velocidade que vemos hoje no time do América.

E êsse negócio de dar duro, de jôgo bruto?

Isso sempre houve. É verdade que atualmente os jogadores dão a torto e a direito, na bola e no adversário, e os nossos árbitros talvez que mal influenciados por essa conversa de futebol europeu, andam deixando haver coisas erradas em campo. Antigamente a gente jogava mais na bola. É verdade que já existiam alguns jogadores catimbeiros. Mas com uma diferença dos de hoje. Naquela época o homem mau batia sem que o juiz percebesse. Pergunte ao Nilo Murtinho Braga. Havia um beque, aqui no Rio, que tôda vez que o Botafogo jogava contra o seu time não sossegava enquanto não botava o Nilo fora de campo. O Nilo tinha qualquer coisa no tornozelo. Era êle subir na área em bola alta, e o beque subia com êle; e dava um toque no tornozelo do Nilo. Se acertasse direito, era cêrca certa. Isso era muito comum.

O juiz não via coisa alguma. Mas hoje o pessoal está lascando firme e os árbitros nem ligam. Enfim, pode ser que eu esteja falando bobagem. Pode ser que as regras tenham sido modificadas. Mas, no meu tempo, o cara que dava um ponta-pé sem bola ia logo para o vestiário.

E o que você me diz do seu time?

Já está você querendo me pegar. Não vou responder não. Não dou a dica. Quero, antes de encerrar esta conversa, lhe dizer uma coisa. Eu nunca vi um jogador de futebol, naquela posição, jogar o que anda jogando êsse menino do Bangu — a Jaime. Já reparou como o rapaz joga? Parece coisa que nasceu com a bola grudada nos pés. E que saúde, que velocidade. Gosto muito dêle, para mim é o maior jogador carioca no momento.

Ubirajara

CULTURA JS

Arte

Correspondência

Humanismo

Imprensa

Livros

Modernismo

Música

Paz

Registro

Romance

Teatro

Arte

Valentim vê Valentim

Rubem Valentim é um baiano de olhar vivo, mãos pequenas, gestos precipitados. Nasceu em Salvador, em 1922 e começou a pintar ainda menino, compondo figuras e paisagens para presépios. Como a quase maioria dos pintores brasileiros, é totalmente autodidata. Formado em Odontologia, exerceu a profissão até 1948; depois passou a dedicar-se exclusivamente à arte, participando do movimento renovador das artes iniciado na Bahia em 1946.

O ambiente ultratribalizado da Bahia o tangeu para o Rio em 1957, em 1962 ganhou o prêmio de Viagem ao Estrangeiro do Salão Nacional de Arte Moderna e se mandou para a Europa e África. Depois de três anos de Europa e inúmeras exposições e prêmios, voltou para o Brasil em setembro de 1966. A atual exposição de seus trabalhos na Galeria Bonino, Rua Barata Ribeiro, 578, é a mostra mais importante de RV depois de sua volta desde a sala especial que lhe foi dedicada na I Bienal de Artes Plásticas da Bahia.

"Dos quatro aos treze anos, vivi na Rua do Futuro do Tororó, onde morava gente da classe média e muito mais gente pobre, bem humilde. Cresci tomando consciência das diferenças de classe, do dinheiro sempre escasso e das injustiças que cercavam meu pequeno mundo. Aos cinco anos aprendi a ler, com minha mãe. Depois, a escola pública do bairro. Eu copiava cabeças, paisagens, bichos, tudo tirado de horríveis e atrasados métodos de desenho para a escola pública. Fui, no quintal de minha casa, artista de cinema, bandido, mocinho, vilão. Mas o prazer maior era empinar arraias e fazê-las com gôsto. Pegava papel fino de várias côres, recortava formas geométricas inconscientes, montava, colando-as, contrastando as côres. Empinava a arraia bem alto, usando linha temperada com vidro moído e goma para as pegadas, cortar a linha do adversário e ver a do outro ir caindo, caindo. Durante as festas de São João, São Pedro, era um não acabar mais de fazer balões de papel colorido, bem como altares de Santo Antônio, também coloridos e decorados com flôres de papel, recortes de papel de sêda e fôlhas douradas".

"Durante o Natal, ficava apaixonado pelos presépios. Fiz os primeiros aos nove anos. Pintava e armava as casinhas de papelão, a igreja branca com janelas verdes, figuras de Maria e José, Adão e Eva com serpente, maçã e tudo, a lapinho, a cidade de Jerusalém. No meu presépio, além das figuras bíblicas, havia padres, freiras, soldados, vendedores de frutas, trabalhadores de rua, burros, vacas, carneiros, macacos. Mundo poético, popular, de côr e riqueza imaginativa, que ficou em mim e influenciou minha arte."

"Meu primeiro contato com um pintor foi entre os oito e os nove anos: era Artur Come Só, artista popular, que pintava paisagens, noites-de-lua, fazia flôres e frutas, barcos, saveiros e índios caçando juritis. Velho conhecido da família, três vêzes pintou nossa casinha: paisagens na entrada, flôres na sala de visitas, frutas na sala de jantar, os quartos azuis-claros ou rosa com barras de flôres. Aprendi sua técnica: têmpera e cola de carpinteiro, água de cola em banho maria, em pequenas porções juntava-se o pigmento desejado e se fazia a tinta. Comecei então a pintar.

"No ginásio, nada aprendi sôbre arte. Lia muito, romances. Gradativamente tomava consciência da Bahia, do Brasil, do mundo. O ensino era mais ou menos deficiente; ensinar constituía uma maneira de completar o orçamento mensal. Arte moderna para a maioria dos professôres era "involução, coisa de maluco, subversiva". Felizmente, continuava pintando presépios, tomava conhecimento do barroco das igrejas, descobria a poesia dos becos e ruas da Bahia, ia aos candomblés e às festas populares. No cais dos saveiros conheci a autêntica capoeira dos saveiristas, os bravos marinheiros do Recôncavo. Ganhava algum dinheiro vendendo óleo e agulhas para máquina de costura."

"De repente, veio a Segunda Guerra Mundial. Veio a politização, a tomada de consciência dos problemas do mundo. Comecei a odiar as ditaduras: políticas, econômicas, culturais, o militarismo, a prepotência, o nazismo, a violência, o racismo — tudo isso sob que desfarce se apresente e ainda assim penso até hoje. Tempo de desespêro, de angústia: querendo libertar-me da precária situação econômica e também da família. Fiz o curso de Odontologia, sem entusiasmo — com dois anos de formado, era inevitável, abandonei minha profissão de dentista e voltei-me irreversìvelmente para as artes plásticas."

"Depois da Guerra, surgiu na Bahia um movimento cultural de jovens, antiacadêmico e renovador das artes e das letras, da maior importância, que se consolidou com o aparecimento da revista Cadernos da Bahia. Dêsse grupo faziam parte os escritores Heron de Alencar e Vasconcelos Maia; poetas Wilson Rocha e Cláudio Tiuiti Tavares; artistas plásticos Carlos Bastos, Mário Cravo Júnior, Jenner Augusto, Lígia Sampaio e eu. Outro pintor, mais ou menos atuante, mas sem estar engajado no grupo, era Genaro de Carvalho.

Orgulho-me de ter sido um dos participantes mais ativos dêsse grupo que teve, entre outros, o mérito de arrancar a Bahia do atraso cultural em que vivia, salvo em bem poucos casos. Meu primeiro contato importante com a arte contemporânea, fruto do movimento, ocorreu em 1948, quando vi uma exposição de artes plásticas de artistas nacionais e estrangeiros organizada pelo escritor Marques Rebelo. Deslumbrado, pensava noite e dia naquela mostra, perdido, chocado naque- mundo fantástico e tão nôvo para mim."

"Aluguei meu primeiro atelier num pardieiro na Rua do Cabeça, onde pintava das 7 às 19h; o prédio não tinha luz elétrica para evitar curto-circuitos. Pela manhã, desenhava composições de garrafas, latas, moringas, vasos; desenhava e pintava ex-votos e cerâmica popular colorida; elaborava esquemas de côres e valôres e também compunha os objetos e instrumentos sagrados de candomblé. À tarde, fazia experiências e pesquisas formais: criadoras, livres, imaginosas. Muitas vêzes ia ao Museu do Estado conversar com José Valadares, que me emprestava livros estrangeiros de arte. Descobri Cézanne. Reproduzia as imagens de um livro grosso sôbre êle: ampliava, copiava a óleo com valôres em cinzas. Foi com êle que aprendi a compor. Copiei Modigliani para estudar sua linha, também Matisse. Os cubistas: Braque, Juan Gris, Picasso, Chagall e o grande Klee. Através de Klee, compreendi a plenitude da criação, a liberdade da expressão plástica e o valor fundamental da imaginação criadora. Em 1949, expus no I Salão Baiano de Arte Moderna, era uma composição considerada abstrata, que causou polêmicas. Salão bem organizado por José Valadares, participava dêle o que havia de mais representativo na época. Mas a única composição abstrata era a minha. Na Bahia fazia-se figurativismo: expressionismo, realismo socialista, ilustração."

"Dois anos depois, no pardieiro da Rua do Cabeça, ocorreu um fato insólito. Eu vivia sob constante tensão, incompreendido e apaixonado. Uma manhã, acordei desesperado. Fui ao atelier e perdi a cabeça. Contemplei meus quadros, os inúmeros cadernos de desenho, a palheta. Comecei a destruição sistemática. Rompi todos os cadernos de desenho, destruí os estudos, as telas, espremi os tubos de tintas, despejei fora os óleos de linhaça, os solventes. Quando vi que não havia mais nada, saí, deixando atrás de mim parte da minha vida assassinada. Perambulei com ódio contra a Bahia (pela primeira vez tive ódio pela terra que amo), contra uma sociedade em decadência e medíocre. Levei uns quinze dias perdido pelas ruas da Bahia, contemplando as casas, o pôrto, o mercado. Dizendo para mim mesmo: tenho de ganhar dinheiro, é o único valor que conta nesta sociedade cruel e desumana. Fui aos candomblés. Busquei alento nas fontes do povo."

"Um dia, como por acaso, acordei tranqüilo. Senti uma tristeza amarga, quase chorei de pena, dos trabalhos destruídos. Que fôssem para o diabo o dinheiro, os subintelectuais. Voltei a pintar. Com 50 cruzeiros que tinha no bôlso — dado por um irmão — comprei material de pintura. Isso foi nos fins de 1951. Uma revolta pequeno-burguesa?"

"Veio depois a descoberta da arte negra. Passei a preocupar-me com os signo-símbolos. Com a mitologia negra, o diálogo era mais íntimo. Encontro consciente com o "oxé" de Xangô: o machado duplo, no mesmo eixo central, recriado por mim, posteriormente e transformado em forma fundamental da minha pintura. O "xaxará" de Omulu, o "ibiri" de Nanu, o "abebê" de Oxum, os símbolos de ferro de Osanhe e de Ogum, o "pachorô" de Oxalá. — Um amor imenso à construção geométrica que sentia como inerente a tôdas as coisas orgânicas e inorgânicas. A recordação da geometria construtiva das arraias, dos balões de São João. Pacientemente, fazia o trespasse de todo êsse mundo para o plano estético. Comecei a vir às bienais de São Paulo. Me informava e aprendia. Transferi-me para o Rio em 1957. Passei longo tempo de dificuldades e de dureza, mas aconteceu um fato feliz e importante: casei-me com Lúcia."

"Com o pêso da Bahia sôbre mim — a cultura vivenciada; com sangue negro nas veias — o atavismo; com os olhos abertos para o mundo, para o que se faz no mundo — a contemporaneidade; criando meus signos-símbolos, procura transformar em linguagem visual o mundo encantado, mágico e provàvelmente místico que flui continuamente dentro de mim. Partindo dêsses dados pessoais e regionais, busco uma linguagem autêntica para me expressar plàsticamente. Na minha pintura a geometria é um meio. Amo a ordem sensível, a côr na sua integridade, a construção sem intelectualismos estéreis, a limpeza. Ser claro é fundamental. Não quero ser um eterno profissional das vanguardas. Sou contra a enxurrada de diluidores, imitadores habilidosos, receptores, receptores passivos de correntes artísticas de importação. Muitos ficarão, por terem encontrado o seu próprio estilo dentro das tendências. O importante é o estilo pessoal de cada um, coerente, contemporâneo. Só quem consegue isso tem obra feita. Quanto a mim, continuo inconformado, inquieto, não satisfeito. Dentro do meu caminho, estudo, pesquiso, trabalho. Fatalmente o tempo dará a última palavra sôbre nós. Busco um caminho voltado para a realidade cultural profunda do Brasil, mas sem ignorar tudo o que se faz no mundo contemporâneo."

Arte

Argan vê Valentim

Giulio Carlo Argan (professor de História da Universidade de Roma, Presidente da Associação Internacional de Críticos de Arte).

A escolha temática que está na raiz da pintura de RV resulta das próprias declarações do artista: os seus signos são deduzidos da simbologia mágica que se transmite com as tradições populares dos negros da Bahia. A evocação dêstes signos simbólicos-mágicos não tem, entretanto, nada de folclorístico, o que se vê dos sucessivos estados através dos quais passam antes de se constituírem como imagens pictóricas. É necessário expor, antes, que êles aparecem sùbitamente imunizados, privados das suas próprias virtudes originárias, evocativas ou provocatórias: o artista os elabora até que a obscuridade ameaçadora do fetiche se esclareça na límpida forma de mito. Decompõe-nos e os geometriza, arranca-os da originária semente iconográfica; depois os reorganiza segundo simetrias rigorosas, os reduz à essencialidade de uma geometria primária, feita de verticais, horizontais, triângulos, círculos, quadrados, retângulos; enfim, torna-os macroscòpicamente manifestos com acuradas, profundas zonas colorísticas, entre as quais procura precisas relações métricas, proporcionais, difíceis equivalências entre signos e fundo. Não exclui, embora sejam evidentes e determinantes, experiências pictóricas modernas e ocidentais; o percurso histórico do signo implica estas experiências e êste último resultado, pois deve adquirir um significado e um contexto atual.

Assim, Valentim chega a extrair, daqueles signos, um significado que não poderia definir-se de outra maneira senão espacial; e o que a sua pintura, em última análise, quer demonstrar é que nas atuais concepções do espaço e do tempo os símbolos e os signos de uma experiência antiga, ancestral, conservam uma carga semântica, não inferiores à geometria pitagórica ou euclidiana. O seu apêlo à simbologia mágica não é portanto o apêlo à floresta; é, talvez, a recordação inconsciente de uma grande e luminosa civilização negra anterior às conquistas ocidentais. Por isso, a configuração das suas imagens é também mais claramente heráldica e emblemática do que simbólico-mágica. Nestes signos esta a recordação de um grande espaço civilizado, de antigas cidades, de impérios destruídos. A dispersão das populações negras, a sua dura existência no continente americano reforçaram o significado histórico, já agora não mágico, dêstes signos cabalísticos: como sinal de entendimento entre gente exilada, de liberdade entre populações oprimidas. É o acontecimento da arte popular que se apresenta mais autêntico e espontâneo nos povos sujeitos à uma dominação estrangeira; e adquire valor de resgate daquela liberdade mais profunda e incoercível, que é a capacidade de criar.

Arte

Pedrosa vê Valentim

Rubem Valentim fêz na Bahia, para a pintura brasileira, o que Tarsila e Volpi fizeram no Sul. Tarsila, de um meio aristocrático e altamente sofisticado (aliás, como o de Brennand, ao Norte), nos deu após a Semana de Arte Moderna, mas através de Paris, Léger e o formidável Oswald de Andrade da Poesia "Pau Brasil" e da "Antropofagia", a revelação da poética ingênua da civilização caipira com seus esquemas formais e colorísticos (o famoso rosa baú) e depois a admirável fabulação antropofágica que integrou mitos indígenas (sem indianismos literários românticos) à nossa paisagem natural e espiritual. Se o velho, grande Volpi, o único da família nascido no exterior, na Itália, de pais imigrantes, mas no Brasil desde os dois anos, criou, por intuição e mestria artesanal a pintura abstrata brasileira, extraída da paisagem popular urbana e suburbana paulistana, das côres, dos tons, da atmosfera e da luz adjacentes, transubstanciando-a na essencialidade moderna, isto é, universal; Valentim, mais moço de uma geração, de origem plebéia como êle, autodidata, iniciou a carreira como um rebelde contra a estética então dominadora do chamado feudalismo baiano.

Recusou-se a um regionalismo de fachada, de idéias feitas, de anedotário para turistas, de pitoresco e de enfeitiçamentos folclóricos. O paradoxalmente significativo nessa atitude é que, em nome do que havia de mais profundo no contexto popular autóctone de sua terra, o sincretismo religioso litúrgico afro-brasileiro, foi o primeiro artista abstrato da Bahia. Sofreu e lutou por isso. Diferentemente do seu colega pernambucano, o ecológico, a paisagem, o visual puro não foram os elementos que primeiro condimentaram sua pintura. Plebeu, proletário, como Volpi, citadino, sua inspiração é urbana, em face de um Cícero Dias, Brennand ou Tarsila, de inspiração campestre, gente da Casa Grande. Êle partiu, indiferente aos feitiços da natureza ambiente, que os olhos devoram, já de um plano antropológico cultural mais abstrato, isto é, o da criação coletiva intuitiva em si. Dominado pela carga simbólica dos signos mágicos da liturgia negra em meio dos quais cresceu, os transfigurou em formas pic

Conclui na 2.ª Página

Conclusão da 1.ª Página

tóricos abstratos; geomètricamente belos em si e túrgidos.

Ávido e pobre procedeu por apropriação num instinto de possessão quase obsessivo. Há algo de antropofágico na sua arte no sentido osvaldiano — ser produto de deglutições culturais.

Ao transmudar fetiches em imagens e signos litúrgicos em signos abstratos plásticos. Valentim os desenraiza de seu terreiro e, carregando-os de mais a mais de uma semântica própria, os leva ao campo da representação por assim dizer emblemática, ou numa heráldica como disse o professor Giulio Carlo Argan. Nessa representação, os signos ganham em universalidade significativa o que perdem em carga original mágico-mítica. O artista projeta mesmo, abandonando também a fatalidade da tela, organiza os seus signos no espaço, talhados como emblemas, brasões, broquéis, estandartes, varandões de uma insólita procissão, procissão talvez de um misticismo religioso sem igreja, sem dogmas a não ser a eterna crença das raças e povos oprimidos no advento do milênio, na fraternidade das raças, na ascensão do homem.

Deduz-se de tudo que o que é primitivo ou elementar, também pode ser contemporâneo. Contemporâneo e primitivo — e brasileiro. O mundo planetário aberto dos astronautas e o mundo imenso dos subdesenvolvidos do hemisfério sul são contemporâneos e contraditórios, como o Brasil, por sua vez, em face do mundo. O Brasil é ao mesmo tempo um anacronismo e uma promessa. Entre um e outro extremos os artistas mencionados como Rubem Valentim trabalham, para a mesma síntese. A tarefa dêles consiste em expressar êsse anacronismo, como se tratasse de uma operação de catarse para a seguir subsimi-lo no universal, ou partem do universal contemporâneo e já está implícito na promessa. A distância de ponto de partida pode ser grande, mas além dos elos comuns de fundo cultural e moral, como brasileiros, há a responsabilidade por uma idéia ou atitude que, caracterizando-os através do trabalho criativo, não veio de fora por acaso ou por moda, mas brotou neles do complexo sócio-econômico-cultural-moral-artístico onde se situam, vivem, trabalham: Recife, ou Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasil... e inevitàvelmente, o planêta.

Arte

Gullar vê Valentim

"A pintura de Rubem Valentim já se afirma hoje como um dado nôvo no quadro da arte brasileira contemporânea. Nôvo não no sentido da descoberta de técnicas insuspeitadas, mas como expressão cultural legítima e viva. É uma pintura cuja fala é "velha" pelas conotações populares e jovem pela vitalidade que bebe naquelas fontes. Em escritos anteriores sôbre êste pintor, acentuamos como uma de suas principais características a maneira franca e direta de resolver seus temas, o que revela, nêle, uma honestidade fundamental, uma objetividade que não aceita improvisações.

Soma-se a isso uma herança da experiência concreta que, em Valentim, não se restringiu, como na maioria dos casos, à simplificação exterior das formas. Valentim aproveitou a lição concretista, como instrumento rigoroso através do qual daria estrutura à massa confusa de experiências subjetivas que buscavam, nêle, um veículo.

A linguagem popular (os temas decorativos como as simbologias religiosas) que já é direta por natureza encontrou, no rigor construtivo dêsse artista o meio capaz de lhe preservar a autenticidade, aprofundando-lhe, ao mesmo tempo, a expressão. A geometria, que na pintura concreta alude a formas arquetípicas, ideais, reacendeu no artista baiano a vigência de uma geometria mágica que êle aprendera a ler nos candomblés e mercados da Bahia. A fusão dessas duas experiências deu origem a nova fase de Valentim, que hoje se apresenta nesta mostra plenamente desenvolvida. De lá para cá, a pintura de Valentim apenas se enriqueceu. O despojamento a que o conduziu o procedimento concretista, reduzira seus quadros a composições simples, de algumas formas geométricas repetidas. Avareza de côr e da forma. A vitalidade do artista, [illegible] nessas estruturas simples, [illegible] tensões [illegible] entre as formas, enquanto as côres se davam surdas e densas.

Pouco a pouco, essa energia se foi libertando, na invenção de novos ritmos. Na subdivisão das formas, na convocação de elementos geométricos novos.

Seus quadros explodem na festa de côres novas, como uma floração que jazia enterrada e agora se liberta.

Verdes, vermelhos, azuis, terras, ressurgem com ímpeto e guardando aquêle travo de coisa nova. Num ou noutro quadro ainda se observa o cuidado do pintor em deter esta explosão, em fazer valer sôbre ela o seu domínio de domador. Porque Valentim não é um artista ingênuo, de cujo pincel fluísse espontâneamente a imaginação popular. Pelo contrário, tôda a sua arte se alimenta de uma contradição básica, expressa em cada detalhe dos seus quadros: êle é um artista que constrói conscientemente utilizando elementos mágicos; solicitado pelo fascínio das côres, prefere conter-se a trabalhá-las duramente; impregnado da experiência popular, que está na base de sua formação cultural, procura a forma mais elaborada e precisa para exprimí-la. Mas é dêsse jôgo de contrários que resulta a vitalidade de sua arte. Para concluir, devemos acentuar a importância da pintura de Valentim, que é um fato cultural inegável em contraste com a maioria dos pintores atuais que, no Brasil, repetem os gestos de seus contemporâneos lá fora. No trabalho dêsse jovem artista está um exemplo semelhante àquele já dado por Volpi e Dejanira. Não consegue significação cultural efetiva nenhuma arte desligada das fontes populares, vale dizer, do substrato de experiências coletivas que se alimenta dos problemas e das aspirações do povo."

Correspondência

Portugal se defende

Recebemos da Embaixada de Portugal a carta abaixo transcrita na íntegra:

Exmos. Senhores,

Só agora veio às minhas mãos um recorte do artigo publicado na seção "Livros" do JORNAL DOS SPORTS do dia 14 do corrente, com o título de "Quando a vida não é boa", no qual é feita uma apreciação do livro do Sr. Américo Boavida "Angola, Cinco Séculos de Exploração Portuguêsa". Essa apreciação obriga-me a solicitar de V. Exas. a publicação de alguns esclarecimentos, dado que o articulista — decerto por carência de informação — levou a sério o laborioso mas fraudulento amálgama de afirmações do autor do livro, julgando-o objetivo quando é, na realidade, inteiramente tendencioso.

Não cabe nesta resposta — pois não devo abusar do direito de réplica que V. Exas. decerto não me recusarão — rebater pormenorizadamente as afirmações infundadas do Sr. Boavida, refletidas no referido artigo. Levaria muito espaço, por exemplo, explicar por que é inteiramente despropositada a ligação estabelecida pelo Sr. Boavida entre uma suposta "rebelião angolana" de 1491 (!) e o movimento terrorista de 1961. Mas posso, em poucas palavras, afirmar peremptòriamente que não têm o menor fundamento as afirmações de que foram mortas no Norte de Angola 300 mil pessoas com napalm (nem o foram com napalm nem doutro modo) ou de que a "rebelião" tem alastrado no território angolano.

Por outro lado, diz-se que o "colonialismo português" explora as riquezas de Angola em proveito próprio mas logo se afirma — em flagrante contradição — que "tôdas as riquezas do subsolo de Angola estão nas mãos de emprêsas estrangeiras".

Sem dúvida que há capital estrangeiro investido em Angola. Mas onde não sucede o mesmo? Acontece assim em todos os países em desenvolvimento — sem exceção, evidentemente, dos países africanos independentes —, e acontece o mesmo, inclusive, em países desenvolvidos, como a Inglaterra ou a França.

Diz o articulista que as riquezas angolanas "são, na sua maior parte, levadas para Portugal ou saem em forma de dinheiro para os países capitalistas". Observarei o seguinte: as províncias ultramarinas portuguêsas têm ativo e passivo próprios, competindo-lhes a disposição dos seus bens e receitas e a responsabilidade das suas despesas e dívidas, e dos seus atos e contratos; por isso mesmo, cada província tem orçamento privativo, votado pelos seus próprios órgãos. Por outro lado, o Plano de Fomento para o triênio 1965-67 estabeleceu investimentos naquelas províncias num total superior a 505,5 milhões de dólares, no qual as fontes nacionais de financiamento participam com cêrca de 333,5 milhões de dólares; e no Plano de Fomento para 1968-1973 está previsto um investimento, naquelas províncias, de um bilhão 530 milhões de dólares, também quase totalmente de origem nacional.

O que fica dito até aqui bastaria para caracterizar a tendenciosidade de um texto que o articulista dêsse Jornal supôs admiràvelmente objetivo.

Mas há mais. Fiado no Sr. A. Boavida, o articulista subscreve a afirmação de que em Angola há "trabalho forçado", vivendo "o povo angolano em condições de escravo da "metrópole portuguêsa".

Êsse ponto foi esclarecido — e de uma vez por tôdas — pelo organismo mais autorizado para o esclarecer: a Organização Internacional do Trabalho — OIT — a agência especializada da ONU. De fato, em conseqüência de queixa contra Portugal apresentada pela República do Gana, em fevereiro de 1961, a OIT nomeou uma Comissão Especial para investigar tal acusação; essa comissão foi composta pelos Srs. Paul Ruegger, suíço, antigo Presidente do Comitê do Trabalho Forçado da OIT (1956-59) e membro do Tribunal Permanente de Arbitragem; Enrique Armand-Ugon, uruguaio, antigo juiz do Tribunal Internacional de Justiça (1952-61); e Isaac Forster, senegalês, Primeiro Presidente do Supremo Tribunal da República do Senegal.

Esta comissão, com vários funcionários da OIT, percorreu Angola e Moçambique inteiramente à sua vontade, procedendo a um inquérito exaustivo. Interrogou quem quis e examinou tudo o que entendeu, quer nos serviços públicos quer nas emprêsas privadas. E fêz questão de sublinhar no seu relatório a perfeita colaboração que recebeu do Govêrno português e dos governos gerais de Angola e de Moçambique, bem como de tôdas as autoridades locais e das entidades particulares.

Pois bem: o extenso relatório elaborado pela Comissão — que foi tornado público em cinco de março de 1962 e se encontra à venda — concluiu pela rejeição total das acusações ghanesas sôbre as condições de trabalho em Angola e Moçambique, ilibando Portugal, por completo, da acusação de existência de trabalho forçado ou escravo nas suas províncias africanas.

E' de salientar que a Comissão ouviu em depoimento tôdas as testemunhas indicadas pela acusação contra Portugal, e ainda tomou em consideração nove livros sôbre os problemas africanos, de autôres inglêses, franceses e americanos. A êsses livros veio agora juntar-se o do Sr. A. Boavida, tão ou mais tendencioso e fraudulento do que aquêles.

Como V. Exas. podem ver, a razão não está com o Sr. Boavida, não está com a sua pirotecnia estatística nem com as suas afirmações fantasistas. A razão está com Portugal.

Agradecendo a publicação dêste esclarecimento, apresento a V. Exas. os melhores cumprimentos e subscrevo-me com elevada consideração.

Muito atentamente

O Conselheiro de Imprensa

Domingos Mascarenhas

JRF (Guanabara) — "Chegado do Norte há poucos meses, gostaria de me entrosar no ambiente literário e artístico do Rio. Mas vejo que isso não é fácil. Por onde andam os escritores, os poetas, que ninguém vê? Um amigo meu, que tinha morado no Rio por volta de 1952, disse-me que os escritores, pintores e artistas, costumavam reunir-se no Vermelhinho, defronte da ABI. Informei-me de onde ficava êsse bar e fui até lá. Não vi ninguém. Aliás, se visse, não identificaria, a não ser que fôsse um Drumond ou um Manuel Bandeira, cujo retrato já vi. Os outros não sei que cara têm. Talvez até estivessem lá.

Mas acho que não. Pareciam funcionários públicos, os homens e mulheres que vi naquele bar tristonho, comendo sanduíches. Depois me disseram que os intelectuais freqüentam agora outros bares e restaurantes, tudo na zona Sul, Florentina, Casa Grande, Gôndola... Já andei por êsses lugares. Vejo muita gente de barba e calça apertada parecendo maricas, e acho que essa gente não deve ser a intelectualidade carioca. O fato é que continuo por fora. Acredito que, sem ambiente, um escritor jovem não pode se formar. Minha esperança era encontrar isto aqui no Rio. Mas a coisa não é sopa, parece que os bichos resolveram se esconder mesmo!"

Pouco podemos ajudá-lo nesse mistér. Nem todos os intelectuais andam por êsses bares, embora alguns os freqüentem. Mas a melhor maneira de entrar em contato com êles é começando pelos conterrâneos. Procure os escritores de seu Estado que já fizeram carreira no Rio. Vá certo de que êles não vão gostar, muito embora tenham feito o mesmo quando chegaram. Descubra a casa de um dêles e vá lá. Não ligue pra má vontade do bicho, meta-lhe os poemas ou os contos na mão e diga que volta pra saber a opinião. Elogie bastante a obra do homem, que com isso obrirá o caminho na certa. Grude-se a êle. Ponha a cabecinha de lado, como bichinho infeliz e desprotegido, fale pouco e procure mostrar alguma erudição. Não excessiva, pra não fazer concorrência. Peça-lhe um emprêgo num jornal e demonstre vontade de vencer na vida. Daqui a alguns meses, escreva-nos dizendo o resultado. Boa sorte.

THI (Petrópolis) — "Gostaria de saber por que razão os comentários sôbre livros se restringem a livros lançados pela Editôra Civilização Brasileira. Há algum convênio entre êsse suplemento e aquela editôra ou a razão é outra qualquer?"

Espero que a leitora não esteja sugerindo que se trata de mais um caso de corrupção. Como se sabe, não há mais corrupção no País. Todos os corruptos ou estão na cadeia ou no exterior. (Ou de tal modo a salvo da curiosidade popular que é como se não existissem, pois, nesta época da Informação, o que não vira notícia não existe). Mas vamos ao que interessa. A razão pela qual a maioria (não todos) dos livros comentados neste suplemento é da Editôra Civilização Brasileira reside no fato de que é só essa editôra que nos manda livros. Muito embora já tenhamos comunicado às demais nosso interêsse em escrever sôbre suas publicações.

FNL (Guanabara) — Sua carta não merece resposta. Vá para o inferno!
DBV (Niterói) — Leia a resposta dada a THI, logo acima.

AQRP (Guanabara) — Idem.

CHJ (Grajaú) — Publicaremos sua carta oportunamente. É longa demais e requer resposta longa também.

OPJ (São Gonçalo) — Escreva diretamente ao Serviço Nacional de Teatro. Talvez lá possam atender seu pedido.
AFM (Guanabara) — O livro de Cony — "Pessach" — já foi comentado neste suplemento, ocasião em que publicamos parte de um capítulo do livro. Ao que sabemos ainda não está esgotada a edição. O romancista José Geraldo Vieira reside em São Paulo. Não temos o seu endereço.

RJS — "Qual foi redator demitido dêsse suplemento por ter escrito coisas inconvenientes?"

Este suplemento não publica coisas inconvenientes.

Humanismo

Fundos para flagelados vêm à tona

Hoje, quando inundações ou chuvas torrenciais causam desastres, ou as sêcas e a fome se alastram, a notícia corre o mundo com incrível rapidez, e campanhas para o alívio dos flagelados logo se iniciam.

Os mais afortunados atendem sem demora com a sua parcela de cooperação seja em forma de dinheiro, de víveres ou de socorros médicos. Já existem organizações cuja finalidade é despertar prontamente na consciência do público as dimensões da tragédia e de promover campanhas no sentido de angariar fundos.

Este ano verá mais um grande passo à frente no que diz respeito à aquisição de fundos para auxílio de flagelados. No Dia das Nações Unidas — 24 de outubro — a Grã-Bretanha será o palco de uma das maiores campanhas jamais encetadas no sentido de angariar mais auxílio para os países em desenvolvimento.

Terá o apoio, na Grã-Bretanha, de oito instituições particulares que já contribuem anualmente com 8 milhões de libras esterlinas além de patrocinar planos de alívio aos flagelados em várias partes do mundo. Entre essas oito instituições contam-se a "Oxfam"; "War on Want" (Guerra à Miséria); "Save the Children Fund" (Fundo de Auxílio à Criança); "Freedom from Hunger Compaign" (Campanha contra a Fome); Associação das Nações Unidas; e o Instituto de Desenvolvimento Ultramarino.

A coordenação dos esforços dessas oito instituições está a cargo do Comitê Voluntários para o Auxílio de Desenvolvimento Ultramarino (VCOAD), que o Ministério de Desenvolvimento Ultramarino ajudou a formar no ano passado. O referido Ministério prometeu total apoio à campanha que terá início agora em outubro, sob a direção principal do VCOAD e do "Christian Aid".

Organizado pelo Conselho Britânico de Igrejas, esta entidade protestante terá o apoio integral do Instituto Católico de Relações Internacionais (também integrante do VCOAD) e do Fundo Católico para Desenvolvimento Ultramarino.

A campanha terá início com uma conferência em Londres patrocinada pelo VCOAD. A seguir os voluntários formarão grupos de estudo que se espalharão por 300 centros provincianos, onde patrocinarão reuniões públicas sob a direção de conhecidas personalidades. Os oradores estarão de posse dos dados mais atualizados referentes às áreas necessitadas a fim de causar o máximo de impacto. Essas reuniões serão seguidas de exibição de material e espera-se que a imprensa, o rádio e a televisão britânica ou do mundo inteiro dêem ampla cobertura.

Os comitês locais — ecumênicamente integrados — decidirão sôbre a forma e o alcance de suas contribuições. Todos, contudo, assegurarão a participação de líderes cívicos e da comunidade assim como de homens de negócios e de sindicalistas além de personalidades de escolas e universidades. Alunos estrangeiros serão convidados a dar suas impressões sôbre o seu país de origem, pois, haverá um grande esfôrço no sentido de obter jovens voluntários e pessoal assalariado para servirem nos países em desenvolvimento.

O Programa Britânico de Voluntariados já se multiplicou cinco vêzes desde a sua criação em 1962.

Membros do Parlamento de todos os partidos serão convidados a falarem nas suas áreas eleitorais durante os dois meses de duração da campanha.

Antes do seu encerramento no dia 10 de dezembro, as igrejas esperam enviar uma comissão para discutir com o Primeiro-Ministro, Sr. Harold Wilson, a possibilidade de um aumento da verba destinada a auxílio no estrangeiro — 205 milhões de libras esterlinas êste ano. Não há dúvida de que o Brasil não será esquecido durante as conversações, o que descansará nossas autoridades por mais alguns anos em relação ao problema. Principalmente com relação ao problema mais do que discutido, e que reside nas célebres encostas cariocas, que continuarão a escorrer com auxílio ou sem auxílio das pessoas de boa vontade, sempre que chover muito.

De qualquer forma é sempre bom saber que se pode contar com novos cavalheiros de socorro quando fôr o caso de se pedir socorro. Quanto aos outros auxílios — "War on Want", "Save the Children Fund", "Freedom From Hunger Campaign" e outras mais, é ver para crer. Ver a caridade para crer nos bons propósitos...

Imprensa

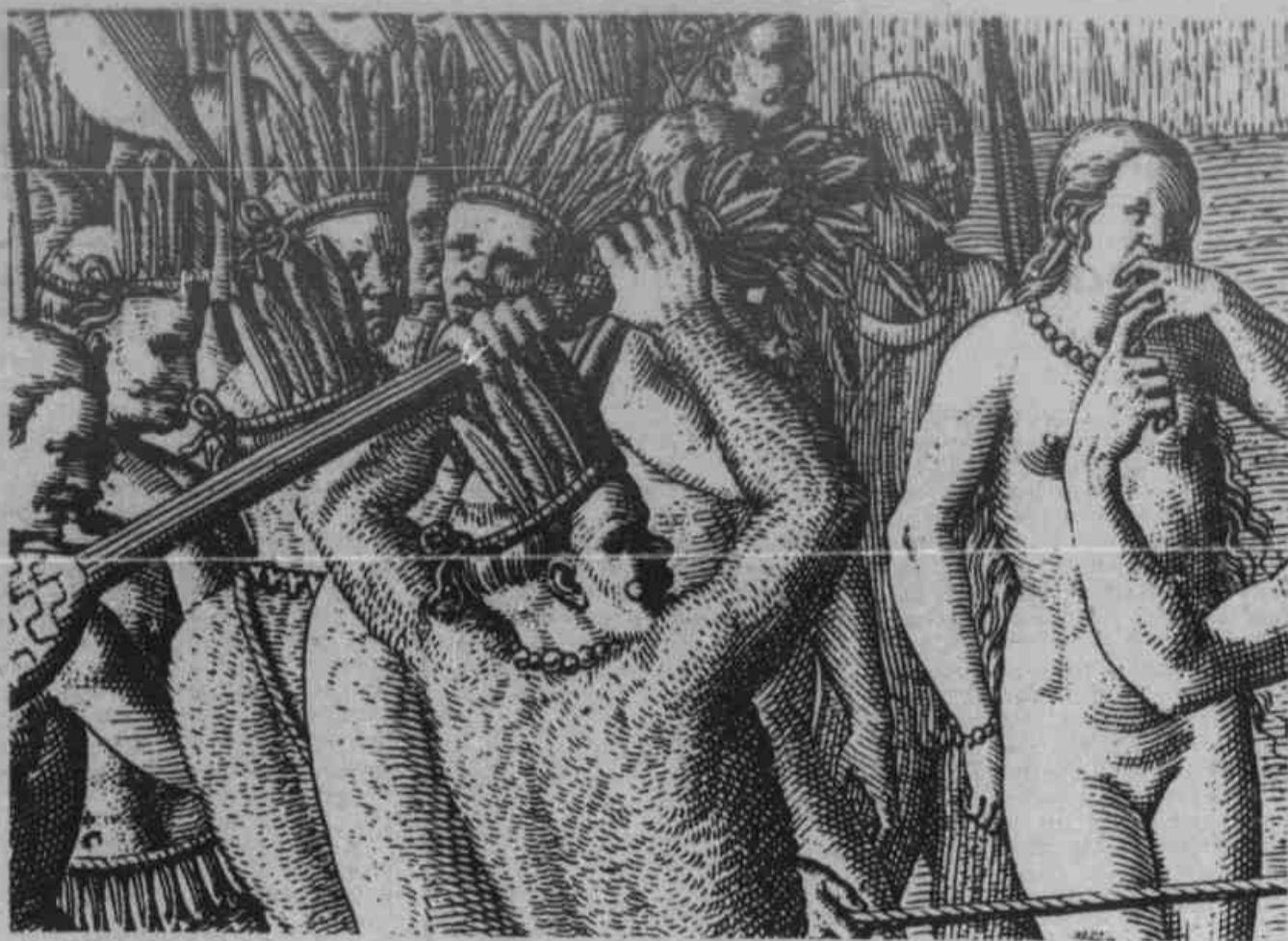
O jôgo de Cortázar

Vamos comentar de nôvo, nesta coluna, um artigo do Sr. Haroldo de Campos, um dos componentes do trio paulista (já apelidados, pelas más línguas, de "os sobrinhos do Tio Patinhas", pelo fato de que, como aquêles heróis da cultura de massas, êstes também ou repetem monòtonamente as mesmas frases ou completam a frase que um dêles iniciou). O artigo se intitula "O jôgo de amarelinha" e tem como pretexto um livro do romancista argentino Júlio Cortázar que, segundo o Suplemento Literário do "Times", de Londres, é "o maior escritor surgido na América Espanhola na última década". E o que o "Thimes" diz...

Mas o "Times" não diz isso à toa, como o demonstra Haroldo de Campos, uma vez que Cortázar não se preocupa em fazer um romance inteligível (o que seria prova de mediocridade) mas um romance de dificílima compreensão (o que é prova de genialidade), não escreve para a vasta maioria dos leitores (o que absolutamente não interessa) mas para os poucos e únicos que importam: as pessoas excepcionalmente dotadas, senão de inteligência, ao menos de paciência ou de esnobismo. O romance de Cortázar chama-se "Rayuela" (jôgo de amarelinha) e foi publicado em 1963. Haroldo de Campos procura nos dar uma idéia do que é êsse romance: "As unidades sintagmáticas (episódios) são dispostas de 1 a 56 de modo a comporem um primeiro livro, dividido em dois conjuntos ("Del lado de allá", capítulos 1 a 3; "Del lado de acá", capítulos 37 a 56), segundo um critério que diz respeito às "unidades paradigmáticas" (personagens)". Adiante, HC acrescenta: "Num "Tablero de Dirección" que abre o volume, o autor adverte que o primeiro livro se conclui com o capítulo 56, e que o leitor poderá deixar de parte sem remorso o que segue.

Conclui na 5.ª Página

Romance

Quarup, a verdade na ficção

Quarup quer dizer

QUARUP, o romance que Antônio Callado acaba de lançar pela Civilização, é um livro que se incorpora imediatamente à melhor literatura brasileira. É um acontecimento literário. Sua temática é política, na medida em que é nacional e atual.

A história de um homem — padre Nando — que é puxado para a realidade inicialmente pelo amor e pelo sexo e, depois de viver entre os índios no alto Xingu e entre os camponeses no Nordeste, vira "povo" — une seu destino ao destino de Manuel Tropeiro, de Zeferino, de Amaro, de Margarida.

A história do romance se passa entre os anos de 1954 e 1964 — isto é, abrangendo o final do último Govêrno Vargas e os primeiros meses após o movimento militar de abril de 1964. A primeira parte do livro, passada em Recife, nos põe em contato com os personagens que o padre Nando reencontrará no fim — os camponeses e seus líderes. Aí aparecem Francisca, môça burguêsa por quem Nando se apaixona e seu noivo, Levindo, que morrerá, muito antes do golpe, lutando em favor dos camponeses. Êsse jovem estudante, "que quer virar camponês" torna-se, no livro, o exemplo, o caminho a ser seguido. Sua morte se interpõe entre Francisca e Nando, pois ela não pode deixar que tudo se passe como se êle não tivesse existido e se sacrificado. Mesmo assim, Nando deixa o Xingu para retornar com ela a Pernambuco e, com ela, trabalhar nas Ligas Camponesas, até que advém o golpe e as separa: êle vai para a cadeia, ela para a Europa. Sem rumo, Nando decide tornar-se um apóstolo do amor corporal: dá amor a tôdas as mulheres que encontra e faz de sua casa uma "academia de amor" para os pescadores e prostitutas, de quem se torna amigo.

No final, redescobre o significado do sacrifício de Levindo, prepara um banquete em que, simbòlicamente, o devora e o incorpora, adota-lhe o nome e segue com Manuel para o sertão goiano onde os antigos companheiros se encontram preparando a luta contra a ditadura militar.

Quarup é o nome de uma festa ritual dos índios, na qual se invocam os espíritos ancestrais, através de danças e de comilança. Quarup é também o nome das imagens de madeira, que os índios esculpem e que representam aqueles ancestrais. O deus Maivotsinim criou a raçá humana fazendo quarups, que são hoje feitos, pelos homens, para evocá-lo.

A comilança é também uma forma de devoração e assimilação dos ancestrais pelos participantes do ritual, do mesmo modo que o banquete de Nando para Levindo, anos mais tarde. Esse processo antropofágico — que está claro no quarup e no banquete — está presente também na academia de amor de Nando e na verdadeira fome sexual que anima os personagens do livro. Mas êsse fato não é apresentado por Callado como uma crítica moral dos costumes mas, pelo contrário, como uma quase proposição de nova moral — a partir do comportamento natural dos índios — dentro de uma visão revolucionária dos valôres humanos e sociais.

O quadro geral do livro é o Brasil, como território e como povo. Mas um Brasil visto do "centro", distante da periferia urbana e civilizada. Um Brasil que busca o seu sentido, o seu Centro Geográfico, coberto de selvas e perdido em sua própria vastidão. Ao mesmo tempo um Brasil que não abdica de se integrar numa realidade só, num só destino, numa só cultura. Essa relação estreita entre o destino individual e nacional é uma das chaves básicas do romance de Callado. E é também o que êle traz de nôvo — em têrmos maduros — para a ficção brasileira. O homem existe enquanto indivíduo, com suas aspirações e seus problemas, mas essas aspirações e êsses problemas carecem de um centro enquanto não se compreende que êles não estão desligados das aspirações gerais do povo e dos problemas gerais da Nação. É como se dissesse: uma pessoa honesta não pode ser feliz num país desgraçado — terá de se desgraçar ou se salvar com êle. Essa fôrça irresistível da realidade coletiva é que arrasta Nando pelas páginas de "Quarup" até revelar-se para êle o centro da vida: o sexo, o povo, Francisca, os índios, as prostitutas, tudo está integrado numa só realidade e tem um só centro, um só destino.

Para traçar um painel da atualidade brasileira, Callado mergulha nas contradições dessa realidade, mostra-lhe as várias e contrastantes faces, as paixões humanas e as questões sociais, e realiza uma espécie de síntese cultural, literária e política do Brasil.

A fala do homem Callado

— "Quando voltei da Europa, minha sêde de Brasil era enorme. O índio era o que me parecia mais intrìnsicamente brasileiro. Eu precisava do Amazonas e do Xingu. Quarup me marcou por ser uma cerimônia de grande beleza plástica.

Callado explica o nome de seu nôvo romance, "Quarup", pensado e planejado desde 1947, e que marca a volta do jornalista à ficção, treze anos depois de "A Madona de Cedro". No quarup, os índios comemoram seus mortos. No Xingu, o herói do livro, padre, descobre sua verdadeira vocação.

"Quarup", além de estar sendo considerado pelos críticos como o acontecimento literário mais importante da década de 60, no Brasil, e surpreendendo os livreiros pelo sucesso de público, não esperado numa obra séria, de 500 páginas e vendida a NCr$ 15,00, é a consagração definitiva do gênero político lançado no cinema por Gláube Rocha ("Terra em Transe") e seguido de forma segura e brilhante por Carlos Heitor Cony no livro "Pessach, a Travessia". Callado, Gláuber e Cony estiveram presos juntos, depois de uma manifestação contra a ditadura em frente ao Hotel Glória, onde se realizava a conferência da OEA.

— Posso dizer que a minha militância política começou pela periferia e foi se aproximando do centro biográfico, que seria a minha presença na porta do Hotel Glória, na Conferência da OEA. Um protesto físico.

"Quarup" é importante para mim, pois o caminho da ficção foi o que eu escolhi para a participação política. Não é um livro autobiográfico, mas a evolução do personagem é o que eu conheço e sinto dentro de mim. Antônio Callado iniciou sua carreira jornalística em 37, no "Correio da Manhã", aos 20 anos de idade. Começava a abrir os olhos em pleno Estado Nôvo, debaixo de um processo de censura jornalística como o Brasil só tinha experimento no tempo de Colônia.

— Isto deixou em mim um ódio arraigado a países submetidos a um paternalismo de palmatória. Minha ida para a Europa foi uma opção no sentido político; não uma opção direta em relação à política brasileira, mas uma opção em relação às causas do meu tempo, contra o nazismo e o fascismo.

Foi para Londres em 1941, para trabalhar na BBC, quando a situação da guerra ainda não era favorável aos aliados. Embarcou num pequeno cargueiro, sem comboio, em plena campanha submarina dos nazistas. Volta ao Brasil — e ao "Correio da Manhã" — em 1947.

"Assunção de Salviano", "Madona de Cedro", artigos e reportagens importantes. Começa então a ser levantado o problema da reforma agrária. E' o intelectual e britânico redator do "Correio da Manhã" quem sacode a imprensa, trazendo para o plano federal a figura de Francisco Julião e o agudo problema da exploração do camponês no Nordeste, com a série de reportagens "Os Industriais da Sêca e os Galileus de Pernambuco".

Redator-Chefe do "Correio", deixa o jornal e assume o mesmo cargo na Enciclopédia Barsa. E', como êle mesmo diz, um interregno político.

Mas o Nordeste o chama outra vez.

E em dezembro de 63 publica no "Jornal do Brasil" a série de reportagens "Tempo de Arraes".

— Nunca consegui ser um entusiasta de Jango Goulart. Era uma opção triste; me dava uma certa inapetência. O que houve de belo e nôvo no Brasil naquêle tempo foi o govêrno Arraes, em Pernambuco. Era um socialismo "à moda da casa", utilizando padres e comunistas. Pode-se dizer que era um socialismo-democrático.

Vem o 1.º de abril de 64. Arraes cassado e prêso em Fernando de Noronha; Callado publica em livro as suas reportagens, com uma introdução onde ataca violentamente o regime ditatorial instalado no país. Não se contenta com o protesto por escrito; vai ao Hotel Glória. E de março de 65 a setembro de 66, escreve o "Quarup".

— E' a evolução de um intelectual brasileiro que eu fiz padre para agravar a situação de alienação nacional. Nando, o herói de "Quarup", sai das catacumbas de um velho convento e de um barroquismo mental e vai se humanizando aos poucos através do amor. A primeira parte do livro é a revelação física do herói. No segundo, passado no Xingu, êle já entendeu os homens, mas quer ser mártir.

Encontra a participação política através do amor de uma jovem cujo noivo havia sido assassinado por latifundiários em Pernambuco — e a parte final do livro é o govêrno Arraes, o 1.º de abril, a prisão, IPMs e a volta à luta.

Quarup, o ar da graça

"Olavo, que tinha acendido o fogo de aviso ainda entre os txukarramãe e outro ao atingirem o Xingu, não sabia como explicar a ausência do avião de cobertura do Correio Aéreo Nacional. Exatamente agora, quando a expedição se afastara do Xingu, o CAN devia ser mais solícito e, no entanto, desaparecia. O pior é que a alternativa era esperar indefinidamente pelo avião antes de prosseguir viagem ou arriscar o encontro com os cren-acárore sem presentes. Depois de ter sido transportado na rêde pelos juruna durante um dia inteiro, Fontoura se recusava a continuar viagem feito "dama antiga", de liteira, e no seu assanhamento de chegar ao Centro Geográfico não queria esperar avião nenhum.

mãe deve ter pinimba fresca com êles.
— Garanto que os cren são umas flôres — disse Fontoura. — Txukarra-
Por isso é que só falavam nêles com trejeitos e macaquices.

— Já lhe expliquei qual é a pinimba — disse Ramiro. — Típica de povos primitivos.

Lauro, sombrio, advertia:

— Não esqueçam por favor que estamos em terra virgem, entrando em contato com um grupo de índios inteiramente desconhecidos. Todos os horrores são possíveis. Não esqueçam que padres jesuítas, nos tempos do descobrimento, descreveram monstros encontrados até nas matas litorâneas. Vamos subir o rio até ao Jarina, vamos deixar de novidades.

— Subimos o rio a nado? — disse Ramiro. — Quedê as canoas?

— Fazemos canoas — disse Lauro. — E' facílimo. Casca de árvore.
— Que árvore? — disse Ramiro. — Tucum?

— Leva um tempão fazer canoa de casca de jatobá — disse Nando. Olavo alimentava seu fogo coberto constantemente de punhados de fôlhas bem verdes para que o penacho de fumo furasse reto como um lápis o céu sem nuvens e sem vento. Nando, Vilaverde e Francisca voltaram de uma caçada próxima com a única notícia alegre do dia inteiro: dois gordos veados e um mutum, que foram prontamente preparados para comida imediata e bóia para a viagem. Um pouco de arroz e feijão ainda tinham. Se o avião aparecesse, estava tudo em ordem.

— Aliás — disse Olavo — eu concordei com essas caminhadas, mas foi besteira. Deixávamos o campo para depois. Se tivéssemos ido diretamente ao Centro talvez o avião não perdesse contato conosco.

— Ah, essa não, Olavo — disse Fontoura. — O avião foi perfeitamente avisado e a 500 quilômetros de distância qualquer pilôto avistaria nosso fumo de fôlha verde.

— O pior é que agora estamos positivamente entrando na bôca do lôbo com a sinistra idéia de amansar sabe-se lá que macacos ferozes — disse Lauro. — Vamos pelo menos voltar ao Jarina andando pela beiradinha do Xingu.

— Estou me inclinando pela tese do Lauro — disse Olavo. — Não devemos mais pensar nem mesmo no campo. E acho sobretudo que não temos mais saúde para arriscar em encontros com tribos desconhecidas.

— Se está falando de mim — disse Fontoura — pode calar a bôca. Me sinto capaz de domesticar os cren-acárore, de treiná-los para abrirem conosco o campo de pouso e de ensinar a todos êles o Hino Nacional, com sua letra hermética. Cantarão o Hino conosco na hora de perfurarmos o ânus pátrio.

— Fontoura — disse Lauro — antes do que possa nos acontecer eu quero declarar que considero você um pulha, um merda, um bêbado.

Fontoura riu, dando de ombros, e cantando no nariz de Lauro:

— Laranja da China, laranja da China, laranja da China! Abacate, limão doce, tangerina!

Vilaverde disse a Lauro:

— Se eu tivesse aqui os meios de mandá-lo embora, você estaria expulso da expedição.

— Não se incomode não — disse Lauro. — Eu vou pela beira do rio. Vou até ao Diauarum, até ao raio que o parta, mas não vou me internar nesses matos com um bando de loucos. Parto logo que o dia raiar.

— Vamos com calma, minha gente — disse Olavo. — O Lauro tem tôda a razão de protestar. Nossa cobertura aérea está falhando e temos índios totalmente desconhecidos pela frente. A gente espia que espécie de terreno existe por trás da floresta. Se é também ondulado, a gente desiste e trata de marchar o mais direto que fôr possível para o Centro Geográfico.
— Eu faço a exploração — disse Vilaverde.

— Bem — disse Lauro — amanhã de manhã eu parto.

Vilaverde saiu com Nando e Francisca na direção provável dos cren-acárore e ao cabo de uma hora de caminhada começaram a ter os sinais positivos de índio perto. Da grimpa de uma árvore Vilaverde comunicou aos outros dois:

— Lá está a aldeia! Coisa de uma légua daqui.

— Aldeia grande? — disse Nando.
— Pouco mais gente do que txukarramãe. Só tem uma coisa curiosa. Quase sem fogos. Quase sem movimento.

— Abandonaram talvez a aldeia? — disse Nando.

— Isto é seguro que não — disse Vilaverde. — Algum movimento há. E as picadas que saem da aldeia estão usadas.

— Quem sabe se é apenas um acampamento de caça dos cren — disse Nando. Não será mais longe a aldeia? Mas Vilaverde não respondeu. Começava a descer da árvore em silêncio, de galho a galho, com os movimentos seguros de sempre, mas lentos, flexionando os braços, esticando a ponta do pé à forquilha próxima. Francisco riu:

— O Vila parece um leopardo preocupado.

Vilaverde tinha de fato a testa enrugada quando tocou o solo.

— Sabem o que é que eu vi, furando a floresta com as copas altas, subindo para o Norte a perder de vista? Seringueiras.

— Você imagina portanto que deve haver também muitos seringueiros — disse Nando.

Vilaverde assentiu com a cabeça.
— O que é que vocês estão descobrindo com êsse ar de conspiração? — disse Francisca.

— Não sei bem o que estará na cabeça do Vilaverde — disse Nando — mas vizinhança de seringueiros nunca é bom sinal para índios.

— Vamos andar até a aldeia — disse Vilaverde. — Tem alguma coisa estranha por lá.

— Você acha que os índios foram atacados pelos seringueiros? — disse Nando.

— Pode ser — disse Vilaverde. — O jeito é irmos até lá.

Mas não chegaram a reencetar a caminhada no rumo dos cren-acárore. Das bandas do acampamento que tinham deixado na beira do rio soaram uns gritos distantes de "Verde!" "Isca!" "Ando!"

— Que será? — disse Francisca. — Estão gritando por nós.

Puseram-se a andar de volta e em pouco tempo viam o mato rasteiro se abrir para mostrar as caras ofegantes e vermelhas de Olavo e Lauro.

— O juruna! O juruna! — disse Lauro.

— Morto — disse Olavo. — Jubé. Assassinado. Dois índios. Caíram em cima dêle feito um raio.

— Que índios? — disse Vilaverde. — Txukarramãe?

— Não — disse Olavo. — Cren-acárore.

— Será que enquanto procurávamos o caminho mais curto para a aldeia dêles os cren fizeram uma volta para nos surpreender? — disse Nando.

— Alguma coisa assim fizeram — disse Olavo. — Não conseguimos pegar os dois atacantes. Mataram Jubé e fugiram com a gamela em que êle comia um peixe que tinha pescado e assado.

Lá estava Jubé na posição em que caíra morto todo o lado direito da cara fraturado pela bordunada, na frente do corpo tombado de lado, meio juntas, as mão sujas de peixe.

— Alguém viu os índios? — disse Nando.

— Eu — disse Ramiro. — Eram altos, magros.

— Você disse muito altos — disse Lauro — diferentes de todo e qualquer índio dos que você conhece.
— Nunca vi nada mais magro, é verdade — disse Ramiro. — Impressionante. Deve ser uma raça de ascetas. Religiosos, talvez.

. . . .

Jubé foi enterrado numa pequena elevação cêrca de uns cem metros do Xingu e no seu túmulo de bugre Vilaverde plantou uma cruz de pau de sôbro. Nando sentiu a bôca cheia de palavras que não tinha mais direito de proferir: "Acorrei, santos de Deus, dai-vos pressa, anjos do Senhor. Tomai a sua alma. Introduzi-a à presença do Altíssimo". Mas não, muito grave para quem era. "Recomendo-vos, Senhor, a alma de vosso servo Jubé, para que, morto ao mundo, viva para vós, e tudo aquilo em que delinqüiu, por fragilidade humana"... Delinqüiu? Jubé? O sacristão que repique sinos para a Missa dos Santos Anjos. Nada dessas estolas negras. Paramentos brancos, alvos. "Deus eterno e onipotente, que amais a santa pureza e que vos dignastes, na vossa misericórdia, chamar para o Reino dos Céus a alma desta criança". Nando pôs os joelhos em terra e em nome da antiga e imerecida intimidade que tivera em sua alta casa pediu a Deus que recebesse com ternura ainda maior que a de costume aquêle que não chegara sequer à categoria dos pobres de espírito, que tinha servido no quintal dos pobres de espírito, entre os bichos e os pobres de espírito, leve ponte juruna entre dois reinos, entre três reinos agora que em viagem. No sôbro a canivete Vilaverde gravara com paciência: Jubé.

Morto rumo ao Centro. Agôsto 1961. Não gravou o dia certo daquêle fim de mês porque no momento em que cortava a madeira nem êle, nem Nando ou Francisca concordaram quanto à data exata. O mais gozado é que os demais membros da Expedição não lembraram também e portanto não fizeram sper aos outros que o dia era 25, e que os calendários assinalavam eclipse da lua. O fato é que ninguém pensou ou lembrou e quando a lua subiu no céu o acampamento inteiro rodeava a bonita fogueira de Olavo, com Fontoura sentado na arca de guerra da expedição e todo o mundo mais para despreocupado do que outra coisa, já que podia haver ataque dos cren mas não haveria tiroteio do lado caraíba. Ali só Fontoura tinha fuzil à mão e ia atirar para o ar em caso de ataque enquanto Vilaverde e Nando tentariam aplacar os cren-acárore, transformando em presentes para êles objetos necessários à expedição. Assim, foi o disco da lua cheia subindo tranqüilo o céu diante da desatenção geral quando de súbito uma beira sua empreteceu, com uma primeira beirada de sombra da terra.

— O eclipse! — disse Olavo.

— E' mesmo! — disse Vilaverde.

E todos esqueceram por um momento os cren, principalmente depois que Francisca apontou o Rio onde o eclipse acontecia numa bandeja de prata apenas franzida por um sôpro de brisa. No céu ou no rio, a escolher aquela infiltração do negro impuro em corpo azul. No rio, então, tinha-se a impressão de que a lua ia de repente chiar e se extinguir feito fogo que se apaga. Tinha o astro prêto devorado o bom bocado do azul quando num grande semi-círculo de mata frente ao rio e ao acampamento subiu uma saraivada de flechas de fogo. Será que se podia dizer saraivada? Porque as flechas subiam molengas, mal passando a cabeça das árvores maiores e retombavam na floresta, sua ponta de algodão embebido em resina, queimando ainda com labareda forte feito bucha de balão que pega fogo mal subido. Nando e Vilaverde foram andando cautelosos na direção do ponto de disparo das flechas incendiárias que pretendiam reacender a lua. Fontoura se pôs de pé, fuzil voltado para o ar. Todos os demais se levantaram, cara de susto, enquanto o juruna Pauadê se atirava ao rio e se agarrava às plantas da barranca. Sêcas sarças onde havia mergulhado, flechas puseram-se a arder e quando a Lua se transformara em usada roda de louça uaurá de assar beiju e quando mesmo a auréola que cercava a roda como um nimbo de senhora negra se absorvera no negrume geral aquêle fogo da terra era só o que tinha de claro no mundo e os cren-acárore que então iluminou apareceram reduzidos a couro esticado nas varas do esqueleto. Nando e Vilaverde se acercaram com os facões e machadinhas da expedição. Os cren não esboçaram um gesto de agressão. Adiantaram-se pelo acampamento a dentro cambaleantes e foram aos jiráus de peixe e aos panelões de perto do fogo dos caraíbas enfiando na bôca a comida e a farinha e o arroz que encontravam e outros vieram e em pouco tempo o que havia de comida tinha sumido.
— Famintos! — disse Fontoura.

— Mas não é só isto — disse Vilaverde. — Estão morrendo de alguma outra coisa, também.

Outros cren-acárore chegavam, arcos arriados, e os que haviam comido se afastaram rápidos para a mata em sombra total e do acampamento se ouviam os ruídos intestinais de um concêrto comum de disenteria.

— Doentes — disse Fontoura — todos doentes.

Lanterna elétrica na mão, Ramiro passava os cren-acárore em revista, procurando e procurando entre as mulheres horrendas e chupadas pela moléstia, em cada peito de osso dois canudos de pelanca terminados em bico de seio.

— Mulher branca? — disse Ramiro. A índia com quem êle falava metia os dedos de puro osso nos bolsos de Ramiro em busca de alguma comida.
— Não deixe que te toquem! — disse Lauro.

Lauro tinha na mão uma vara comprida com a qual mantinha os índios à distância.

— Estão morrendo de alguma peste — disse Lauro.

— Era êsse o pavor dos txukarramãe — disse Nando. — Medo da moléstia.
— O que é que êles têm? — disse Lauro. — Lepra?

— Têm o que você já teve — disse Fontoura. — O que tôda criança tem. Ramiro, iluminando mais caras com a lanterna-elétrica, disse:

— É sarampo, não é?

— Sarampo — disse Fontoura. — E quase todos vão morrer de febre e disenteria."

. . . .

"Indo de seu convento franciscano de Recife para o Xingu, onde sonhava fundar um Prelazio, Nando, ou Padre Fernando, descobre o Brasil através dos índios. E parte do Xingu de volta para o Nordeste, mas desta vez não mais o Nordeste de seu convento com a vida de Santa Teresa contada em antigos azulejos, e sim o Nordeste das Ligas Camponesas, dos movimentos de alfabetização de adultos, da "revolução de padres e comunistas" do govêrno Arraes.)

. . . .

"Não foram muitos os camponeses que no dia 1 de abril conseguiram finalmente chegar à estação da Rêde Ferroviária, a antiga Great Western dos inglêses. Em sua maioria os chefes de Liga nem tinham vindo de casa e sim das casas de associados menos conhecidos ou mesmo de cidades vizinhas, porque tropa do IV Exército andava alerta nos últimos dias, ôlho nas Ligas e Sindicatos. Mesmo assim os líderes principais vieram. Dos trinta ou quarenta mil homens com que Januário contava, chegaram só uns três mil. Apesar de ter vindo a maioria a pé, disfarçada, não vê que os camponeses iam vir ao Recife para formar a Guarda do Governador assim como quem vai cortar cana ou plantar macaxeira. Vieram muito bem postos em suas roupas grossas mas brancas, chapéus de feltro ou palha de carnaúba, sandália japonêsa, caneta-tinteiro no bôlso e rádio transistor pendurado na mão pela alça.

Traziam em suas pessoas, em seus pés e bolsos, os frutos do salário do Estatuto, do salário criado pelo Governador. Nando, Otávio e Padre Gonçalo se espalhavam pela praça. Haviam combinado com Januário acompanhar, cada um, cêrca de um quarto da massa que concentrasse, para que Januário viesse com o último grupo e já encontrasse os demais cercando o Palácio para o mutirão cívico de salvar o Governador. Mas ainda que muitos outros camponeses conseguissem chegar à praça, jamais chegariam ao número de que falava Januário. Porque mal o núcleo inicial começara a engrossar diante da estação da Great Western, parte do destacamento armado que guardava a estação se movera para fora. Um jovem tenente, nervoso, magro e atlético tinha ido ao grupo de então uns vinte talvez, presente já Bonifácio Torgo.

— O que é que vocês estão fazendo aí? — disse o oficial. — A ordem é circular.

— A gente está trazendo mercadoria para o Mercado, sim, senhor — disse Bonifácio Torgo.

— Pois então toquem para o Mercado.

Como quem têm certeza de que vai ser obedecido, o oficial fêz meia-volta e se afastou. Nando não o perdeu mais de vista. Bonifácio e seus homens se dispersaram, perderam-se no povo e quando o tenente uns dez minutos mais tarde procurou de nôvo, irritado, falar com êle, pois ali estava ainda o grupo de camponeses que tinha mandado seguir caminho, reparou que o grupo era outro e que o Bonifácio Torgo agora era Hermógenes.
— Vocês vieram de onde?

— De por aí — disse Hermógenes. — Pesqueira, Cabo, por aí.

— Onde estão os outros, que se acha-
— Que outros, seu Tenente?

— Um grupo assim feito o seu. Disseram que iam para o Mercado.
vam aqui há um momento?
— E será que nesse caso não foram?

— A ordem é circular — disse apenas o Tenente.

Agora êle via que não só da Estação como pela Ponte Velha os camponeses chegavam, alguns descalços, outros de alpercata de couro cru, outros de sandália japonêsa, e o certo e garantido é que não traziam fardos para o Mercado, não traziam nada, apenas êles, mas cada vez mais dêles e se faziam tantos que seu mero deslocamento já constituiria como uma passeata. O tenente ia de qualquer jeito telefonar pedindo instruções quando, em lugar disto, viu que podia entrar pelas medidas diretas: tinha avisado entre um último grupo de camponeses que chegava a figura inconfundível de Januário, magro, pálido e agitado. De calça clara também como os camponeses e em mangas de camisa para não colocar entre êles uma mancha diferente mas era bem Januário, manjado nos jornais e na televisão. Nando que olhava o tenente e que pela direção de seu olhar tinha também visto Januário, notou como de pronto passara a agitação do oficial. Agora que tinha uma certeza e um objetivo, o tenente estava sob o domínio disciplinador de um belo ódio frio. Ficou imóvel, marcando na multidão a figura de Januário e mandou ordens ao destacamento no interior da Estação. Nando andou rápido para Januário e quando chegou junto do outro os soldados vinham saindo para a praça.

— Você foi reconhecido pelo oficial, Januário. Sai daqui depressa.

— Eu fiquei em luta comigo mesmo entre dispersar os camponeses ou forçar os milicos a dar tiro na gente. Porque não tem mais nada a fazer. O Governador está cercado no Palácio.
— Vai embora, depressa — disse Nando. — Eu aviso os outros camponeses.

— Acontece que eu resolvi que o tiroteio era melhor — disse Januário.
— Você enlouqueceu? Tiroteio sem armas?

— Tiroteio dêles, naturalmente. Dos milicos em cima de nós.

A sereia de viaturas do Exército já soava dos lados da Ponte Velha e até mesmo um tanque deixara a linha que formavam em tôrno do Palácio para vir à praça da Estação Ferroviária. Era evidente que a Marcha não teria sequer início quando o destacamento do tenente pôs um cinto verde-oliva no grupo maior dos camponeses agrupados em tôrno de Januário e Nando. O tenente falou diretamente a Januário:

— Seu nome aí?
— Fidel Castro — disse Januário.
— O senhor está prêso — disse o tenente.

— Prêso, por quê? Já começou a ditadura?

— Já parou a bagunça, como esta que você fazia aqui. E fale com respeito. Segurem êle, soldados.

Januário marchou para o tenente mas os soldados já o retinham.

— Pronto, tenente Vidigal — disse um soldado.

— Eu sabia que você era covarde — disse Januário. — Tem cara de covarde.

O tenente Vidigal ficou branco e disse uma coisa que pareceu a Nando uma espécie de cômico verdade:

— Você não tem o direito de me insultar só porque está prêso.

— Eu insulto porque você é um cagão e eu gosto de ver os cagões se cagarem. Mande os soldados me soltarem e a gente resolve isto no revólver.

Nando viu o momento da tentação nos olhos do tenente, a certeza de plantar uma bala na bôca de Januário. Não falou.

— As ordens do coronel são de pegar todo mundo vivo. Êle quer ouvir vocês antes. Só fuzila depois. Tira a arma dêle, cabo.

De duas viaturas do Exército, tinha saltado tropa para cercar os camponeses e apenas os fazerem sentar, à espera de ordens superiores. Aquêle pequeno mar branco e enchapelado que tinha começado a se desfazer em pontos que buscavam o caminho do Palácio, foi nitidamente represado, arrumado como lagoa, imobilizado. Não dava nem para encher a praça. Quando o coronel Ibiratinga chegou balançou a cabeça afirmativamente, satisfeito. Foi andando no encalço do tenente.

— E tenho aqui o chefe da malta, coronel, o tal do Januário. Quedê a arma dêle, cabo?

O cabo encolheu os ombros:

— Tinha arma, não, tenente Vidigal. Nenhuma."

. . . .

(A crise que se seguiu ao 1 de abril de 1964 é contada então, através da prisão de Nando, sua fuga e, por fim, sua entrada definitiva no movimento revolucionário armado. O livro termina com Nando matando, sem remorso algum, o policial que ia levá-lo de volta à prisão.)

Conclusão da 2.ª Página

Seguem, sob o título geral "De outros lados" (ou "capítulos prescindibles") 99 episódios, que devem ser lidos entremeadamente com os demais, segundo uma ordem de encadeamento prefixada pelo romancista. O eixo sintagmático é, assim, perturbado por um segundo romance optativo, que se encorpa dentro do primeiro, encaixado nos seus vazios, como uma roda dentada em outra, e oferecendo uma variante a seu desfecho". Tudo muito simples e claro como o leitor certamente já percebeu. Do posse de método tão fácil, pode o leitor pensar que estamos diante de um romancista realmente criador (mas claro, HC, nada mais evidente! Não sabemos por que você ainda perde tempo em repetir isso!), o único na América Latina de hoje, que se pode ombrear com o nosso Guimarães Rosa". Com a palavra, para a defesa, o nosso Guimarães Rosa.

Mas há ainda um dado importante: "E aqui ocorre mencionar — escreve HC —, com endereço aos êmulos caboclos do camarada Jdanov" (para que se entenda: Jdanov foi o executor da política stalinista no setor da cultura na URSS; hoje, tôda vez que se quer desmoralizar alguém que combata a arte do tipo "Jôgo-de-amarelinha", lança-se logo mão dessa arma covarde mas eficaz: "Jdanovista!" Aliás, os irmãos Campos são mestres nisso. Em 1957, durante o debate sôbre poesia concreta realizado na UNE, alguém, depois de tanto ouvir Décio, Haroldo e Augusto, falarem de "símbolo, porque o símbolo", atreveu-se a perguntar o que êles entendiam por "símbolo" Fêz-se aquêle silêncio como quando os sobrinhos do Tio Patinhas não sabem o que dizer. E aí o Haroldo, balançando as bochechas e gaguejando retrucou: "E você que é um péssimo tradutor?! Suas traduções do inglês são ilegíveis!") Mas bem: "E aqui ocorre mencionar, com endereço aos êmulos caboclos do camarada Jdanov, que apesar de seu "cosmopolitano" e de seu "formalismo", apesar dos visíveis e confessas influências literárias que recebeu do conservador e "reacionário" Borges, o autor de "Rayuelas" está, politicamente, em posição oposta à do escritor das "Ficciones". HC deixou de acrescentar que Cortázar reside em Paris há dezenove anos.
Mas e daí? Que pretende HC provar com isso? Os escritores progressistas não defendem a tese de que a literatura deva ser conservadora. Mas tampouco se pode exigir dêles que, em nome do "nôvo", abdiquem de pensar sôbre os rumos atuais da literaura e aceitem como "vanguarda" tôdas as invencionices formais que se lhes queiram impingir. Nunca houve no Brasil um movimento literário tão estreito e sectário quanto o concretismo paulista, que rejeitava em bloco tôda a literatura do passado que não houvesse quebrado palavras ou subvertido a sintaxe. A ficção se reduzia a Joyce e a poesia a Pound e alguns dadaístas. Até Mallarmé era aceito com restrições. Mas em que deu o concretismo? Onde estão as obras concretistas? Ninguém ignora que as obras literárias não podem, de imediato, atingir todos os níveis de leitores. Mas o que acontece com o concretismo é que êle não atinge leitor algum, além de um estreito grupinho que, dez anos depois de lançado o movimento, não chega a dez pessoas entre 85 milhões de brasileiros. E' que os outros 84 milhões 999 mil, 990 brasileiros são todos imbecis...

Aqui o autor propõe ainda um pequeno círculo vicioso, pois o capítulo 131 remete ao 58 — onde Oliveira aparece convalescendo sempre no mesmo diapasão zombeteiro" (o que é um modo realmente original de convalescer), "porém já não se sabe se em sua casa, se no próprio sanatório" (esta passagem nem Haroldo de Campos conseguiu entender, o que já é prova realmente excessiva da genialidade do romancista, a qual só estará de fato plena e indiscutivelmente provada quando ninguém neste planêta conseguir entender qualquer coisa do que êle escreva — e aí é que veremos com que cara ficarão êsses medíocres comunistas da literatura inteligível!) — "e o capítulo 58 devolve o leitor (exausto, diríamos) ao 131. "Mas há ainda uma esperança de mediocridade: "Para que se entenda (Meu Deus, onde estamos?! Será que o HC enlouqueceu?) a função fabuladora dêsse agenciamento estrutural, é preciso que se saiba que, no primeiro conjunto de capítulos (1 a 36), Oliveira é um intelectual "raté" (para que se entenda' "raté" quer dizer "fracassado"), vivendo em Paris na busca metafísica de algo indefinido, um metafórico "kibbutz del deseo".

A exposição de HC prossegue mas não vamos acompanhá-lo, primeiro porque nosso espaço é limitado e segundo porque êle já conseguiu nos dar perfeitamente a idéia de que o romance de Cortázar é realmente genial, isto é, ininteligível. Pulemos para as observações finais de HC: "Estes apontamento, limitados pela circunstância jornalística (a idéia da confusão poderia ser dada mais completamente ainda) nos mostram.

Livros

Fique por dentro da Máfia

Eis um livro interessante e instrutivo, que se lê com sofreguidão: "A Máfia por Dentro", de Norman Lewis, traduzido e editado agora pela "Civilização Brasileira".

Muito já se escreveu sôbre a Máfia, desde as reportagens ligeiras, as séries exaustivas e até os grossos volumes cheios de dados, depoimentos e muita lenda. A virtude principal do livro de Lewis é que nêle a lenda se transforma em realidade palpável e a quase mítica sociedade secreta siciliana mostra sua face cotidiana. Aliás, sua várias faces, através das décadas, perfeitamente determinadas pelas condições econômicas e sociais que a fizeram nascer e transformar-se. A Máfia é um fato social.

Conta-nos, Norman Lewis, de que modo nasceu na Sicília o germe do que mais tarde seria a sangrenta entidade dos mafiosos. Mantida na condição de colônia das famílias nobres e ricas, a Sicília não conseguiu ultrapassar a face feudal de desenvolvimento.

Os donos das terras viviam longe, nas cidades do continente, enquanto suas terras eram administradas por prepostos que exerciam sôbre os camponeses uma autoridade feroz. Submetidos à miséria e à violência, os sicilianos recorreram à "vendetta". Vingavam-se, matando o opressor ou seus parentes. A solidariedade dos oprimidos se exprimia no silêncio total sôbre os homicídios. Ou nos depoimentos falsos, favoráveis ao criminoso. Assim, nasceu a Máfia, como um instrumento de autodefesa dos camponeses oprimidos.

Mais tarde a coisa se transformaria. Homens que se destacaram no seio da entidade, passaram a utilizá-la em seu próprio benefício e a pressionar, com sua fôrça, os donos de terra, cada vez mais fracos no conjunto político e econômico do país. Fêz-se então a aliança entre os donos de terra e os chefes da Máfia, passando a entidade a reprimir os camponêses, tomar-lhes as terras. Em seguida, a Máfia se apossou de tudo e liquidou o poder dos latifundiários. A essa altura, a Máfia era apenas uma sociedade de celerados, voltada para a exploração dos fracos, o contrabando e o mercado negro. Mussolini, que tentou inicialmente um acôrdo com a Máfia, tratou de minar-lhe as fôrças.

Mas, quando os americanos invadem a Sicília, no fim da guerra, é a Máfia que ganha para êles as batalhas contra a resistência fascista. E, com o auxílio dos libertadores, a Máfia volta a reinar plenamente na Ilha, elegendo todos os governadores e ocupando os principais postos administrativos do govêrno. Já aí a grande figura da Máfia é o célebre Dom Caló Vizzini, sanguinário e sagaz.

Mas o livro de Lewis não fica na pura e simples história da Máfia. Sua narrativa se veste de elementos informativos preciosos sôbre as condições de vida das regiões em que se desenvolve a ação dos mafiosos. Tem-se, a cada momento, presente, o cenário montanhoso da Sicília, seus campos, suas aldeias antigas, de ruas tortuosas, sem as mínimas condições de higiene, casas sem água e sem esgôto, onde as pessoas dividem os cômodos com cavalos, porcos e galinhas. E sôbre a cabeça dessa gente miserável e assustada, a sombra sinistra da Máfia, a determinar a sorte de cada um.

Advogados, médicos, políticos, policiais, fazendeiros, ladrões, homicidas e bandoleiros, todos se unem na silenciosa e implacável "família dos homens honrados", como se intitulam os mafiosos.

Norman Lewis nos conta, ainda, como o bandido Giuliano — antes uma espécie de "justiceiro", que tomava dos ricos para dar aos pobres — foi atraído para a Máfia e usado como instrumento na liquidação do movimento comunista na Sicília. Os camponeses, naturalmente, queriam a reforma agrária, que lhes daria a terra para trabalhar. Os comunistas prometeram fazer a reforma agrária e ganharam os camponeses. Giuliano, pago pela Máfia, aliada às autoridades do govêrno italiano, massacrou os camponeses no dia 1.º de Maio de 1947, em Portella de la Ginestra, quando homens, mulheres, crianças, e anciãos, cantavam e dançavam, numa festa ao ar livre.

Mas leia o livro, pois vale a pena.

Registro

SEXO E AMOR HOJE, de E. Hahn, J. O. Lindberg e F. Brasseur, coordenação do professor N. Junk. O problema é dos mais debatidos e dos que têm dado mais livros — sexo. Mais um trabalho tentando eliminar ou fazer compreendidos os tabus, misteriosos e os falsos pudores que cercam e impedem o comportamento sexual normal dos sêres humanos. Tradução de Hélio Pólvora, lançamento da Bloch editôres, capa a três côres, de Hélio Santos.

SOCIOLOGIA DA ARTE, III, editado pela Zahar, série "Textos Básicos de Ciências Sociais". Que papel importante representam hoje as artes, mais do que representaram sempre, neste mundo moderno neurotizante e conturbado? A análise é feita através de ensaios de Herbert Read, Pierre Francastel e Bertolt Brecht. Os três estudos foram traduzidos por Dora Rocha, Ivone Costa Ribeiro e Heitor O'Dwyer. Capa a três côres, de Érico.
CONCEITO MARXISTA DO HOMEM, de Erich Fromm, lançamento da Zahar, em 4.ª edição. Fromm, nesse seu trabalho, afirma que a filosofia de Marx, opostamente à desumanização e automatização que a industrialização ocidental conduz o homem, coloca-o na sua inteira dignidade. As teorias do filósofo alemão são analisadas em seus principais aspectos, sobretudo no que toca ao problema da consciência, da estrutura social e do uso da fôrça, da natureza do homem e de sua alienação. No volume, de Marx — os "Manuscritos Econômicos Filosóficos". Tradução de Otávio Alves Velho, capa a três côres de Érico.

Modernismo

Tupi or not tupi

Um livro que já saiu há algum tempo mas sôbre o qual ninguém falou (e por isso falamos nós aqui) é o livro de Raul Bopp "Movimentos Modernistas no Brasil" compreendendo os anos de 1922 a 1928, edição da Livraria São José.

Não se trata de uma história dos movimentos artísticos deflagrados no Brasil a partir da Semana de Arte Moderna até às vésperas da revolução de 1930. Não se trata sequer de uma análise crítica dêsse período. Sob o aspecto sistemático, qualquer que seja, o livro de Raul Bopp deixa muito a desejar. Mas êle vale como depoimento e juízo de uma das principais figuras do modernismo brasileiro. Aliás, figura pouco estudada, autor de uma das obras primas da nossa moderna poesia que é "Cobra Norato". O fato é que se falou muito do modernismo, escreveu-se muito sôbre êle, mas a coisa continua chamando com voz de mistério. Mário da Silva Brito deu uma grande contribuição para o entendimento do modernismo com a sua "História do Modernismo Brasileiro", que nos conta o que aconteceu nas vésperas da Semana, mas que pára logo por ali, e a gente continua esperando que êle publique o resto. Mesmo porque é preciso impedir que deturpe o significado daquele movimento cultural, subestimando exatamente o que êle tem de mais importante que é a procura da realidade brasileira, a tentativa de elaboração de uma visão nossa, nacional, do nosso próprio País.

Êste livro de Raul Bopp é imprescindível para que se penetre ainda mais fundo no significado do modernismo. Êle começa nos dando uma visão geral, sintética, do que se passava na Europa naqueles anos de 1917 a 22 e das repercussões no Rio e em São Paulo. "Havia, em São Paulo, uma pequena elite culta, que ia e vinha todos os anos da Europa. Uma seminobreza rural, com longas tradições de família, florescia à base do café. Eram tempos tranqüilos e de fartura plena. Latifúndios opulentos. Cafèzais a se perderem de vista".

Foi essa gente rica que fêz ou apoiou o modernismo brasileiro. Um fenômeno que nos faz lembrar a origem do romantismo brasileiro que também foi trazido para cá por filhos de donos de engenhos, gente dessa mesma seminobreza latifundiária. Também os românticos de 1839 falavam na necessidade de libertar a cultura brasileira do jugo português, de criar uma cultura nova para um país nôvo, e daqui a pouco lá vem o índio, um índio moralista, o contrário de Macunaíma, mas o índio brasileiro, e lá vem depois o sertanismo, o realismo, o naturalismo, o regionalismo, e o negro, o caboclo, o mulato, o capiau, o gaúcho entram para a literatura.

A Semana de Arte Moderna nasceu de uma conspiração de jovens dentro de uma livraria, de gente que freqüentava os salões dos ricos mas que estava chateada com os sonetos parnasianos, os suspiros sentimentais da velha literatura. A conspiração envolveu figuras da alta sociedade e terminou-se criando uma comissão de alto prestígio: Antônio Prado Júnior, Armando Penteado, José Carlos Macedo Soares, dona Olívia Guedes Penteado e Oscar Rodrigues Alves. Que país, hem! Onde já se viu o inconformismo apoiado nas famílias tradicionais.

Mas isso tudo é sabido. O que o livro de Bopp revela não pode ser dado aqui. São minúcias, encontros, frases de um e de outro, o clima em que tudo se passava, elementos que nos ajudam a entender melhor a Semana. Depois dela o movimento alastrou-se, aprofundou-se, e tiveram muita importância nisso os "salões": o da residência de Paulo Prado, na Avenida Higienópolis, em São Paulo; o de dona Olívia Penteado, na Rua Conselheiro Nebias, também em São Paulo, como a casa de Álvaro Moreira, Ronald de Carvalho e Aníbal Machado, no Rio de Janeiro, sem falar nas livrarias que serviam de ponto de encontro.

Nesses lugares encontravam-se para trocar idéias, bater-papo, bolar revistas, excursões, não apenas os poetas e escritores, mas também músicos, arquitetos, pintores e até políticos.

Bopp nos fala do grupo "post"-simbolista (que reivindicava para o Rio a precedência da revolução modernista), da Antropofagia que na sua origem tinha "caráter burlão" ("O homem branco — dizia Oswald — chegou trazendo a gramática lusa, o baralho e a idéia do pecado"), de Tarsila, de Mário de Andrade, de como essa subcorrente modernista tornou-se um dos braços mais fecundos do movimento. Se quando Bopp procura falar dos movimentos modernos mais recentes da literatura brasileira — como se fôssem mera conseqüência do modernismo de 22 — mostra-se "por fora do assunto", isso não invalida seu livro que tem muito de conversa gostosa e saudosa de porta de livraria.

Música

O solo flamenco de Soler

O canto flamenco não é escrito e sua tradição se passa oralmente de um guitarrista para outro guitarrista, de um bailarino a outro. Suas raízes remontam ao canto gregoriano, às músicas árabes difundidas pela Espanha na época das invasões. Por volta do século XVI os gitanos passaram a cantar o flamenco, mas nessa difusão, o canto original se tornava também uma espécie de mistura de vários modos de cantar.

O canto gitano hoje se confunde ao canto flamenco, e mesmo que um tenha se originado do outro, há uma profunda e essencial diferença: enquanto o flamenco se mantém fiel às suas fontes originárias, o gitano, absorvendo modos de cantar e músicas de todo mundo e todos os lugares, conserva apenas levíssimos traços do primeiro canto.

O guitarrista flamenco é um estudioso por fidelidade à sua tradição. Recebendo os toques de um guitarrista anterior, êle os aprende e sôbre êles elabora pequenas frases, infunde à música recebida a sua própria experiência e assim sucessivamente. Há pouquíssimos guitarristas, cantores e dançarinos flamencos que vieram seguindo êste aprendizado solitário e insistente.

Pedro Soler é talvez o mais jovem dêsses guitarristas. Aluno de Pepe Badajóz, a quem considera um dos mais puros estilos do momento, Soler já deu no Rio dois concêrtos, tendo mais dois programados — no dia 9, na Sala Cecília Meireles e no dia 22, no Teatro da Maison de France.

No Casa Grande, onde Pedro Soler deu os dois primeiros recitais, CULTURA JS teve oportunidade de conhecê-lo.

— Estudei primeiro violino, mas por puro engano, diz-nos P.S. Tinha nove anos. Fui assistir a um filme de Walt Disney, "Os Três Porquinhos" e gostei de um instrumento que era tocado por um dos três irmãos. Pensei que o instrumento era violino. Era flauta. Está claro que fui um péssimo aluno do violino. Aos 14 anos comecei a estudar violão. Durante três anos toquei os clássicos. Depois comecei a conhecer a música flamenca. A música flamenca que todos nós confundimos, isto é, eu comecei a ouvir a música gitana. De qualquer forma fiquei profundamente emocionado com música espanhola e quis conhecê-la. Algum tempo depois, e já tendo me aproximado do verdadeiro flamenco, fui para Madri como segundo violão de uma orquestra. Em Madri conheci Pepe Badajóz, hoje um dos últimos guitarristas vivos, e comecei a estudar com êle.

Perguntado a razão do não escrito dos cantos flamencos, Soler nos explica que é a própria tradição da música que assim o exige. Escrevê-lo seria unificá-lo, retirar dela a composição de quem a executa. Esta composição do executante, Soler a explica do seguinte modo:

— Uma das minhas maiores alegrias aconteceu quando tocava com Almaden e Badajóz. Íamos os três lançando as nossos toques quando fiz uma frase nova, minha. Tanto Badajóz quanto Almaden prosseguiram tocando, o que equivalia dizer que minha frase tinha sido aceita, que ela estava inteiramente integrada na música flamenca.

Andaluzia é o berço e a fonte do verdadeiro canto flamenco, que é sempre feito por causa de um acontecimento ligado com a terra, com a mulher amada, é sempre um canto de amor, na maioria das vêzes cheio de uma profunda tristeza. Os cantos flamencos têm vários nomes como Rosas, originário de Cadiz.

O Rosas é do grupo das "alegrias", tocado em tom maior é um dos raros estilos flamencos que não é cheio de tristeza. O Soleares é considerado como o mais autêntico canto flamenco, alguns o vêem como a própria origem dêle. Assim, vários outros trechos se sucedem — Pateneras, Guajiras, Fandangos Farruca, Zapateado, Granadinas etc.

No dia 9, na Sala Cecília Meireles, Soler tocará todos êsses cantos que mencionamos.

Finalmente, para concluir, reproduzimos aqui um texto de Jean-Louis Barrault, diretor do Teatro das Nações, falando sôbre êste extraordinário guitarrista flamenco que é Pedro Soler.

"Entre tôdas as guitarras que cantam e fazem dançar o Flamenco no mundo, existe uma particularmente pura, a de Pedro Soler.

Junto com os mais velhos, como Joselito ou Almaden, ou tocando sòzinho, êle mostra na sua arte um tal estilo, que imediatamente ficamos sabendo que êle carrega em si a verdadeira autenticidade do Flamenco.

Existem às vêzes às paredes, retratos cujos modelos jamais conhecemos mas que, graças ao artista que os realizou, comprovam uma semelhança incontestável. E' esta impressão de "semelhança" que se recebe e se admira quando se ouve Pedro soler.

Isso demonstra o quanto as apresentações de Pedro Soler no Teatro das Nações não só atingiram a meta proposta, como ainda honraram a temporada de 1967".

Paz

A luta de Luther King

Os trechos que publicamos aqui pertencem ao sermão feito no dia 4 de abril pelo reverendo Martin Luther King na Igreja de Riverside, em Nova Iorque. Um dos maiores líderes negros dos Estados Unidos define sua posição em relação à guerra do Vietnã:

"Venho aqui fazer um pedido apaixonado à minha amadíssima pátria. Este pedido não o dirijo a Hanói ou à Frente Nacional de Libertação. Não o dirijo tampouco à China ou à URSS. Tampouco é uma tentativa de perdoar a situação totalmente ambígua e a necessidade de uma solução coletiva para a tragédia do Vietnã. Muito menos uma tentativa de fazer do Vietnã do Norte ou a Frente de Libertação Nacional, paradigmas de virtude, muito menos uma consideração em tôrno do papel que passam desempenhar na resolução de tais problemas. Embora ambos tenham razões mais do que justificáveis para suspeitar da boa fé dos Estados Unidos, a vida e a história dão testemunho eloqüente do fato de os conflitos não serem jamais resolvidos sem um dar e um tomar absolutamente verdadeiras de ambos os lados. Hoje no entanto, não quero falar para Hanói ou para a FNL, mas para os meus companheiros americanos que, comigo, são responsáveis pelo fim de um conflito que já pesa demais em ambos os continentes.

Sou um pregador, e por ser um pregador tenho sete razões principais para trazer o Vietnã à minha visão moral. Há uma conexão muito óbvia e quase fácil entre a guerra do Vietnã e a luta que eu e outros empreendemos nos Estados Unidos. Alguns anos atrás houve um momento de luz nesta luta. Aparecia uma promessa real de esperança para os pobres — tanto negros quanto brancos — através do Programa para a Pobreza. Então aconteceu a explosão do Vietnã, e eu vi o programa se espedaçar e se esvaziar como se fôsse uma peça política de uma sociedade que se tornava louca pela guerra, e eu sabia que os Estados Unidos jamais investiriam os fundos ou as energias necessárias para a reabilitação dos seus pobres enquanto o Vietnã continuasse a sugar homens, habilitaçoes e dinheiro como um tubo de sucção destrutivo e demoníaco. Foi aí que me senti compelido a encarar a guerra como um inimigo e a atacá-la como tal. Talvez o reconhecimento mais trágico da realidade tenha acontecido quando tornou-se claro, para mim, que a guerra estava fazendo muito mais do que devastar a esperança dos pobres em suas casas. Ela estava mandando seus filhos, seus irmãos e seus maridos, para lutar e morrer numa proporção extraordinàriamente maior do que mandava para a morte o resto da população. Nós estávamos usando os jovens negros que tinham sido escorraçados pela nossa sociedade, e os enviando a oito mil milhas de distância para garantir uma liberdade no sudeste da Ásia

A liberdade que êles não tinham encontrado na Geórgia e no Harlem. Então mais de uma vez estivemos diante de uma cruel ironia, que era ver os jovens negros e brancos através das telas de televisão, matando e morrendo juntos por uma nação que tinha sido incapaz de fazê-los sentarem-se juntos num mesmo banco de escola. De repente e nós os víamos brutalmente solidários queimando as choupanas de um pobre vilarejo, e então, num instante, nós compreendemos que nunca, antes, tinham podido viver num mesmo quarteirão de Detroit. Eu não poderia me silenciar diante de uma tão cruel manipulação dos pobres.

A terceira razão de ser contra a guerra nasceu da minha experiência nos ghetos do Norte nesses últimos três anos, principalmente durante os últimos três verões. Enquanto convivendo com os desesperados e entre os jovens rejeitados e revoltados, ensinei-os que os coquetéis Molotov e os rifles não resolveriam seus problemas.

Tentei persuadi-los mantendo-me convicto de que a mudança social surge, principalmente e mais profundamente através da ação não-violenta. Mas então êles me perguntaram: e o Vietnã? Perguntaram e queriam ser informados sôbre a sua própria nação, que estava usando doses massiças de violência para solucionar seus problemas, para realizar as mudanças que queria. A questão dêles atingiu o ponto desejado. E então eu soube que nunca mais poderia levantar minha voz contra a violência dos oprimidos nos ghetos, sem ter antes falado claramente ao grande provedor de violência no Mundo de hoje — meu próprio govêrno.

Para aquêles que fazem esta pergunta: "você não é um líder de Direitos Civis?" e com isso querem me excluir do movimento para a paz, eu tenho uma resposta mais longa. Em 1957, quando um grupo nosso formou a Conferência da Lideran,a Cristã do Sul, nós escolhemos nosso lema: "Para salvar a alma norte-americana". Estávamos certos de que não podíamos limitar nossa visão a determinados direitos para o negro, mas devíamos afirmar nossa convicção de que os EUA nunca poderiam se libertar de si próprio se os descendentes dos seus escravos não fôssem libertados dos seus grilhões.

Agora, mais do que nunca deve ficar claro de que, qualquer um que se preocupar pela integridade e pela vida da América não pode, hoje, ignorar a guerra presente. Se a alma da América se envenenar inteiramente, uma parte da autópsia constará da palavra "Vietnã". Sua alma não se salvará enquanto ela destruir as mais profundas esperanças dos homens de todo mundo.

...Algumas vêzes eu me assusto com aquêles que me perguntam por que falo contra a guerra. Talvez êles façam essa pergunta porque não se lembram de que as boas coisas foram feitas para todos os homens: para comunistas e capitalistas, para os filhos dêles e os nossos filhos, para os negros e os brancos, para os conservadores e os revolucionários.
Será que êles se esqueceram de que sou ministro por obediência Aquele que amava tanto os seus inimigos que morreu por êles? O que então terei a dizer contra o Vietcong, ou Castro, ou Mao, sendo um ministro d'Aquêle que mais amou? Será que devo castigá-los com a morte ou será que devo dividir a minha vida com êles?

Nosso tempo é um tempo revolucionário. Por todo o globo os homens se revoltam contra velhos sistemas de exploração e opressão, e à margem dos túmulos de um mundo frágil, estão nascendo novos sistemas de justiça e igualdade. Os povos sem roupa e sem calçado estão se levantando como nunca fizeram antes. "O povo que estava nas trevas viu uma luz imensa". Nós do Ocidente devemos suportar estas revoluções. É um fato triste que, por causa de confôrto, complacência, um mêdo mórbido do comunismo e por causa da nossa ligeireza em ajustarmos as coisas para a injustiça, as nações ocidentais que iniciaram o espírito revolucionário do mundo moderno, tenham agora se tornado as mais arquianti-revolucionárias. É daí que vem o sentimento de que apenas o marxismo possui o espírito revolucionário. Mas o comunismo não é outra coisa senão o resultado de um julgamento feito depois do nosso fracasso em criarmos uma verdadeira democracia, e seguirmos as revoluções que iniciamos.

Nossa única esperança hoje reside em recaptuarmos o espírito revolucionário e sairmos pelo mundo, êste mesmo mundo às vêzes tão hostil, declarando eterna hostilidade à pobreza, ao racismo e ao militarismo.

Devemos partir da nossa indecisão para a ação. Temos de encontrar novos meios para pedirmos a paz no Vietnã e a justiça em todo êste mundo que desenvolve — um mundo que entra por nossas portas.

Se não agirmos seremos tragados por aquêles longos e escuros corredores do tempo, reservados para aquêles que possuem o poder sem compaixão, poderio sem moralidade, e fôrça sem capacidade para ver. Agora somos nós quem devemos começar. Agora devemos rededicarmo-nos à longa e amarga — mas bela — luta por um mundo nôvo. Êste é o chamado dos filhos de Deus, e nossos irmãos têm fome da nossa aquiescência. Será que devemos responder-lhes que as dificuldades são muitas? Que a luta é por demais difícil? Será que devemos enviar-lhes nossa mensagem dizendo que as fôrças da vida militante norte-americana os impedem de tornarem-se homens inteiros e enviar-lhes nossas condolências? Ou haverá uma outra mensagem de amor, de esperança, de solidariedade com seus pedidos de socorro, de adesão à causa dêles, quaisquer que sejam os seus países.

A escolha é nossa, e embora nós a prefíramos de outra fôrma, "devemos" escolher neste momento crucial da história da humanidade."

Teatro

Queridinho sem grossura

O que há de melhor em "Queridinho" (staircase) comédia de Charles Dyer é um extraordinário senso de medida. Essa qualidade em encontrar a medida adequada salva "Queridinho" do mau gôsto, do pornográfico, da caricatura que fatalmente cairia em mãos de autor, tradutor, diretor e intérpretes menos hábeis e talentosos.

O espetáculo mantém-se todo tempo em um nível de inesperada seriedade — sôbretudo no segundo ato. — E é certamente por isso que essa comédia funciona, em têrmos artísticos, não só em Nova Iorque ou Londres mas até nêsse irônico, irreverente e leviano Rio de Janeiro.

É verdade que o tema — dois homossexuais que vivem juntos e que num depressivo domingo a tarde se vêm subitamente envolvidos por determinado conflito — atrai muita gente por motivos extrateatrais. Em primeiro lugar os homossexuais por um motivo natural de identificação, depois todos aquêles que têm problemas com homossexuais ou se sentem atraídos pelo tema. Entretanto a peça não se esgota aí. Por isso ela não deve ser considerada apenas um estudo sôbre o homossexualismo, muito embora a condição de marginalidade do homossexual implique em dificuldades específicas de convivência com seu grupo social.

"Queridinho" foi dirigido por Peter Haill para a "Royal Shakespeare Company", o que significou para o texto o reconhecimento de sua qualidade, e para seu autor, Charles Dyer, uma posição equivalente a Sartre, Genet ou Beckett, com a diferença de que êle é um otimista pois acredita que pessoas mesmo em circumstâncias desfavoráveis possam agir surpreendentemente bem.

A direção de Martim Gonçalves serve o texto. Isso, a nosso ver, é o que melhor se pode dizer de uma direção.

Ela possui um admirável ritmo, bom gôsto e aquêle tom discreto, característico dos trabalhos cinza sem nada de espetacular, mas cheios de nuanças e sutilezas. Nisso reside sua fluidez e naturalidade. A mesma inteligente correção se poderia dizer dos cenários também de Martim Gonçalves.

Sérgio Viotti participa da produção como tradutor e intérprete. Como tradutor realiza um trabalho perfeito. Sua linguagem, por fôrça do tema se aproxima perigosamente — e às vêzes até parece inevitável — de uma queda num tom grosseiro. Mas Viotti a mantém sôbre um rígido contrôle. Deve conhecer profundamente as duas línguas assim como a gíria homossexual. É evidente que a transposição dessa gíria é um verdadeiro trabalho de criação e nesta criação Viotti jamais exagera, jamais apela para o recurso fácil de agrado certo. Como ator a contribuição de Viotti não é menor.

A ação se passa num domingo à noite em uma pequena barbearia de um subúrbio londrino. Harry Leeds (Viotti) e o fictício Charles Dyer (Jardel) são os proprietários dessa barbearia.

Dyer (o autor emprestou seu próprio nome ao personagem para com isso evitar possíveis complicações legais) e Leeds estão juntos há vinte anos, e ao iniciar a ação Dyer está aterrorizado com a intimação judicial que espera receber, por ter se comportado de maneira indecorosa em um bar.

Viotti compõe um personagem decadente, sempre se lembrando de seu passado de chefe de escoteiros, lamentando sua beleza e mais exatamente sua cabeleira perdida. Gordo, balofo, a cara doce, chorosa, vagamente repugnante, êle representa no "casal" aquêle que serve tanto para fazer o chá como para ser agredido.

O texto é um "show" de técnica e virtuosismo. Com apenas dois personagens em cena, êle mantém a atenção sem que realmente aconteça nada de extraordinário. Apenas com súbitos pânicos ràpidamente controlados, pequenos agressões logo seguidas de palavras confortadoras, revelações perdoadas com facilidade, o autor obtém um clima de exasperação e angústia correndo em dois planos: um superficial, revelado através das palavras extremamente agressivas e outro subjacente, mostrando todo tempo numa camada profunda a forte ligação entre os dois personagens.

Jardel realiza um trabalho da mais extraordinária qualidade. Tôda contenção do homossexual, tôda sua agressividade, aquêle talento característico para com o comentário de um detalhe, onde ridiculariza tudo e todos, aquela crueldade, violência, pânicos, histerias, Jardel capta de uma maneira admirável.

Há ainda o aspecto da dificuldade de se aceitar com seriedade um personagem que usa inflexões e gestos femininos. Inicialmente a linha da criação parece meio "grossa" mas o talento de Jardel, o contrôle da inflexão, do gesto, de tôda composição que, em momento nenhum o ator se permite exagerar, vai ganhando aos poucos o espectador chocado inicialmente.

"Queridinho" enfim é isso: texto, direção, interpretação — tudo sob rigoroso contrôle. E aquilo que poderia ser de extremo mau gôsto se revela uma obra unida, inteira, digna neste sentido de captar com verdade uma paixão humana.

Teatro

Família humana em liberdade

—— A família do meu álbum não é uma família de esquina é a família humana. Para Nélson Rodrigues, as pessoas que vivem sob um mesmo teto, que são nossas vizinhas, pessoas esmagadas sob circunstâncias sociais, comprometidas inteiramente com o fato de sobreviver, de pecar, de se frustrar, compõem o que êle chama de "família de esquina". Não é exagêro dizer-se que os personagens de NR têm compromisso com o pecado, a neurose, a tara, como querem alguns. O próprio autor os coloca numa espécie de gaiola e os mostra tal como são: incapazes para qualquer coisa que não seja o urro do homem ferido. Suas peças da "família da esquina" êle as chama de tragédia carioca.

Em Album de Família, Nélson Rodrigues quis fazer uma demonstração de como teria sido a primeira família humana. Escreveu-a em 1945, era sua terceira peça, a imediatamente posterior a "Vestido de Noiva". Quando foi encenada levantou as maiores polêmicas. Alceu Amoroso Lima escreveu na época: "A peça não passa de uma patacoada obscena que não é menos nociva ao grande público que o funcionamento de uma roleta." Já o poeta Manuel Bandeira exclamou: "Nélson Rodrigues é de longe o maior poeta dramático que já apareceu em nossa literatura."

Mas a censura foi contundente — proibiu-a. E "Álbum de Família" passou vinte e um anos fechada na gaveta dos austeros censores.

A peça se abre com a leitura da Gênese. A criação do mundo e depois do homem e da mulher. Adão e Eva recebem o nome de dois primos — Jonas e Senhorinha, que se casam e têm quatro filhos: Nonô, Edmundo, Guilherme e Glória. Quatro sêres humanos que, sem fôrça ou vontade, amor ou ódio, bem ou mal, representam um papel estranho diante do mundo: todos desconhecem qualquer mundo que não seja aquêle núcleo horrendo e maravilhoso que é o próprio seio familiar. Guilherme vai para o seminário mas não consegue se ordenar. Nêle existe a mesma semente do pai: a fome das mulheres, a fome das mocinhas, a carne. Guilherme se mutila para se livrar daquilo que o escraviza. Edmundo se casa mas logo depois deixa a mulher. Não consegue sequer realizar-se sexualmente com a espôsa. Glória, a esperança do pai e do irmão Guilherme, aquela sôbre quem Jonas colocara todos os seus ideais é expulsa do colégio por ter sido vista aos beijos com uma colega de sala. Nonô, que não deixara a casa, enlouquece.

Mas vamos aos dois membros principais da família — Jonas e Senhorinha. Êle é brutal, apaixonado, violento. Expulsou Edmundo de casa, abomina os urros animalescos de Nonô, debocha de Guilherme, que saíra do seminário, o que prova, para Jonas, a mesma equivalência no pecado e na carne. Para êle só importam as jovens de 14, 15, 16 anos, que possui na mesma casa em que mora sua mulher, Senhorinha. Esta, por seu lado, na sua sujeição, não é menos violenta. Destrói-se, submete-se, porque também para ela o mundo se resume naquela família. Jonas e Guilherme amam Glória de um amor violento. Edmundo e Nonô amam Senhorinha.

A correspondência existe em tudo.

Ora, em 1946 a censura olhou êste Álbum e declarou: "Tem incesto demais." "Como se o incesto pudesse ser de mais ou de menos", diz Nélson Rodrigues a CULTURA JS.

E o dramaturgo afirma — "Não escrevi uma peça sôbre o incesto. Escrevi um trabalho exaustivo sôbre o homem em estado de paixão pura. Ali, naquela família e no seu álbum, não existem as meias medidas porque não há valôres em jôgo. Há, isso sim, a violência da primeira família humana ainda sem os sofrimentos provocados pelo mundo exterior. Há o homem, granito fremente e apaixonado."

Jonas, Adão e Senhorinha, Eva, dão à luz seus quatro filhos e êstes, por seu lado, darão à luz os tantos personagens de Nélson Rodrigues que seriam depois estruturados, lentamente, ao longo de quase tôdas as suas peças.

Após vinte e um anos de prisão, êste Álbum que agora está sendo mostrado no Teatro Jovem, sob direção de Cléber Santos, é sem dúvida nenhuma um ponto de luz para a melhor compreensão da obra de NR.

Ainda não assistimos ao espetáculo dirigido por CS. Fomos a um dos ensaios gerais para conhecermos o texto e descobrirmos o "escândalo" que deu prisão de tantos anos ao Álbum.

Pois bem. Através desta peça, NR deixa muitíssimo bem estruturados todos os elementos que depois integrarão seus outros trabalhos. O que assustou a Censura, em 1946, torna-se hoje para o público habituado ao dramaturgo, uma nova luz em sua obra. O incesto demais alegado na época não passa de matéria de estudo para uma obra que iria, pouco a pouco, se sedimentando. Não é o incesto que é demasiado — é a coragem de Nélson que é excessiva. Coragem não no sentido de abordar temas como o incesto (há outros temas como o homossexualismo que tem sido mais do que exaurido pelos autores inglêses e americanos), mas do modo como o aborda.

Nélson não se preocupa, de forma alguma, em "analisar" o homem em estado de paixão pura. Êle lança de imediato, diante do público, o homem em estado de paixão pura. Se êste público a princípio pode não compreender aquêle clima que diante dêle se instala na sua total violência, aos poucos é obrigado a ver, a comungar o insólito daqueles sêres humanos que uivam, copulam, conversam, se agridem, se amam e morrem como animais que são abatidos para que outros homens, depois, alimentem-se da sua carne. No caso da peça, que outros personagens de NR tenham possibilidade de criarem corpo e se configurarem com nitidez.

Foi por ver que Álbum de Família era um marco importante na obra do dramaturgo brasileiro, que Rafael de Almeida Magalhães, em 1964, então Governador da Guanabara decidiu:

"Nélson Rodrigues, não posso deixar de liberar esta peça. Fomos sempre defensores intransigentes da liberdade de criação artística. O que requer o grande dramaturgo Nélson Rodrigues é a liberação pela censura de sua peça "Álbum de Família". O autor é hoje um patrimônio desta cidade. Sua figura e sua obra não deixam ninguém indiferente. Todos tomam posição. Sua obra tem aspecto peculiar, pois sempre o artista se manifesta com verdade. Sua autenticidade é real, não afeta."

CULTURA JS

Editado pelo JORNAL DOS SPORTS / AGÔSTO 4, 1967 / n.º 21/
Redação e pesquisa: Ana Arruda, Ferreira Gullar, Isabel Câmara, Leo Victor, Oliveira Bastos, Reynaldo Jardim (direção), Vera Pedrosa (coordenação).